

MARIO DE ANDRADE

<i>R</i>		<i>II</i>
<i>d</i>		<i>43</i>

BRAZILIA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DOS

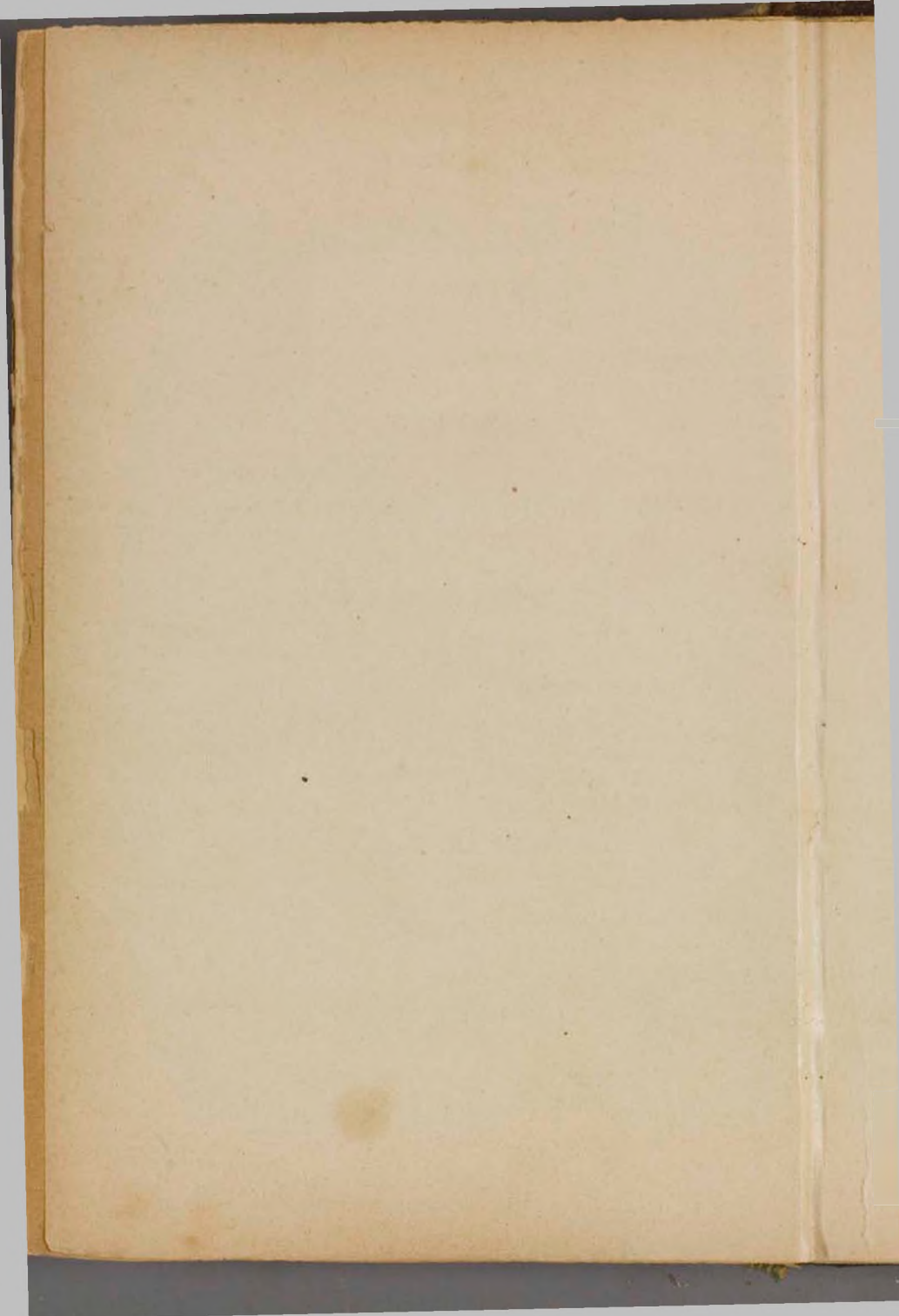
MELHORES AUCTORES ANTIGOS E MODERNOS

PUBLICADA

Sob os Auspícios de S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

II

ALVARES DE AZEVEDO



OBRAS
DE
MANOEL ANTONIO
ALVARES DE AZEVEDO

PRECEDIDAS

Do Juizo critico de escriptores nacionaes e estrangeiros
E DE UMA NOTICIA SOBRE O AUCTOR E SUAS OBRAS

POR

J. NORBERTO DE S. S

SETIMA EDIÇÃO

TOMO SEGUNDO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

173, RUA DO OUVIDOR, 71-73
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIZ

9424

MA
869908
A9940
4900000
0.2

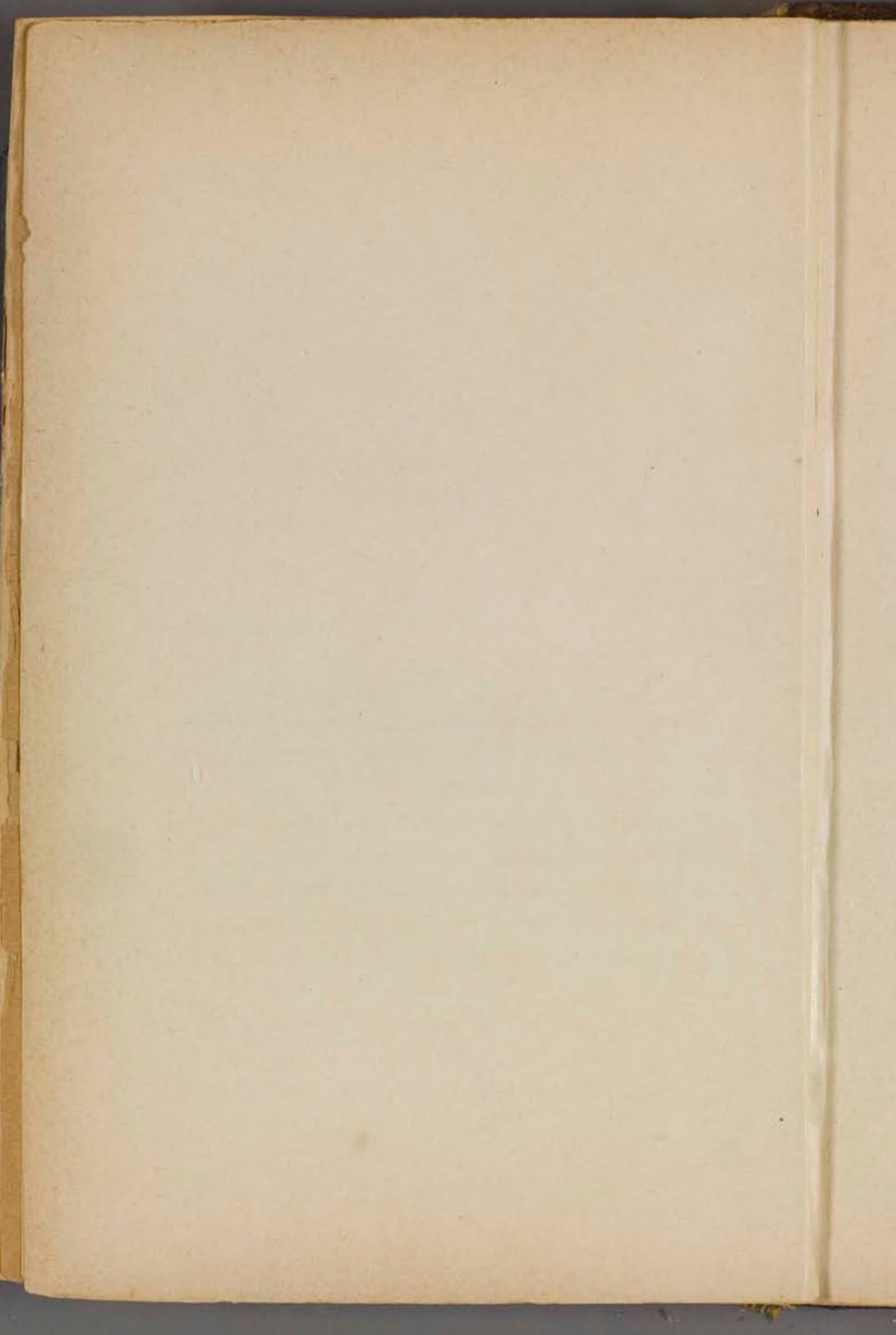
LYRA
DOS VINTE ANNOS

Cantando a vida, como o cygne a morte.

BOCAUE.

Dieu, amour et poésie sont les trois mots
que je voudrais seuls graver sur ma pierre.
si je mérite une pierre.

LAMARTINE.



PREFACIOS

São os primeiros cantos de um pobre poeta. Desculpai-os. As primeiras vozes do sabiá não tem a doçura dos seus canticos de amor.

É uma lyra, mas sem cordas ; uma primavera, mas sem flores ; uma corôa de folhas, mas sem viço.

Cantos espontaneos do coração, vibrações doridas da lyra interna que agitava um sonho, notas que o vento levou — como isso dou a lume essas harmonias.

São as paginas despedaçadas de um livro não lido....

E agora que despi a minha musa saudosa dos véos do mysterio do meu amor e da minha solidão, agora

que eu vai semi-núa e limida, por entre vós, derramar em vossas almas os ultimos perfumes de seu coração, ó meus amigos, recebei-a no peito e amai-a como o consolo, que foi, de uma alma esperançosa, que depunha fé na poesia e no amor — esses dous raios luminosos do coração de Deus.

Cuidado, leitor, ao voltar esta pagina!

Aqui dissipa-se o mundo visionario e platonico. Vamos entrar n'um mundo novo, terra phantastica, verdadeira ilha Barataria de D. Quichote, onde Eancho é rei e vivem Panurgio, sir John Falstaff, Bardolph, Figaro e o Sganarello de D. João Tenorio: — a patria dos sonhos de Cervantes e Shakspeare.

Quasi que depois de Ariel esbarramos em Caliban.

A razão é simples. E' que a unidade d'este livro funda-se n'uma binomia: — duas almas que morão nas cavernas de um cerebro pouco mais ou menos de poeta escreverão este livro, verdadeira medalha de duas faces.

Demais, perdõem-me os poetas do tempo, isto aqui é um them' senão mais novo, menos esgotado ao

menos que o sentimentalismo são *fashionable* desde Werther até René.

Por um espirito de contradicção, quando os homens se vêem inundados de paginas amorosas preferem um conto de Bocaccio, uma caricatura de Rabelais, uma scena de Falstaff no *Henrique IV* de Shakspeare, um proverbio phantastico d'aquelle *polisson* Alfredo de Musset a todas as ternuras elegiacas d'essa poesia de arre-medo que anda na moda e reduz as moedas de oiro sem liga dos grandes poetas ao troco de cobre, divisivel até ao extremo, dos liliputianos poetastros. Antes da Quaresma ha o Carnaval.

Ha uma crise nos seculos como nos homens. É quando a poesia cegou deslumbrada de fitar-se no myticismo e cahiu do céu sentindo exhaustas as suas azas de oiro.

O poeta acorda na terra. Demais, o poeta é homem: *Homo sum*, como dizia o celebre Romano. Vê, ouve, sente e, o que é mais, sonha de noite as bellas visões palpaveis de acordado. Tem nervos, tem fibra e tem arterias — isto é, antes e depois de ser um ente idealista, é um ente que tem corpo. E, digão o que quizerem, sem esses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não ha poesia.

O que acontece ? Na exhaustão causada pelo sentimentalismo, a alma ainda tremula e resoante da febre do sangue, a alma que ama e canta, porque sua vida é amor e canto, o que póde senão fazer o poema dos amores da vida real ? Poema talvez novo, mas que en-

cerra em si muita verdade e muita natureza, e que sem ser obsceno pôde ser erotico, sem ser monotono. Digão e creião o que quizerem: — todo o vaporoso da visão abstracta não interessa tanto como a realidade formosa da bella mulher a quem amamos.

O poema então começa pelos ultimos crepusculos do mysticismo, brilhando sobre a vida como a tarde sobre a terra. A poesia purissima banha com seu reflexo ideal a belleza sensível e núa.

Depois a doença da vida, que não dá ao mundo ob-
jectivo côres tão azuladas como o nome britannico de *blue devils*, descarna e injecta de fel cada vez mais o coração. Nos mesmos labios onde suspirava a monodia amorosa, vem a satyra que morde.

É assim. Depois dos poemas epicos, Homero escreveu o poema ironico. Goethe depois de Werther creou o Faust. Depois da Parisina e o Giaour de Byron vem o Cain e Don Juan — Don Juan que começa como Cain pelo amor e acaba como elle pela descrença venenosa e sarcastica.

Agora basta.

Ficarás tão adiantado, meu leitor, como se não lesses essas paginas, destinadas a não serem lidas. Deus me perdôe! assim é tudo!... até prefacios!

À MINHA MÃI

Se a terra é adorada, a mãe não é mais
digna de veneração.

Digest of hindu law

Como as flôres de uma arvore silvestre
Se esfolhão sobre a leiva que deu vida

A seus ramos sem fructo,

Ó minha doce mãe, sobre teu seio

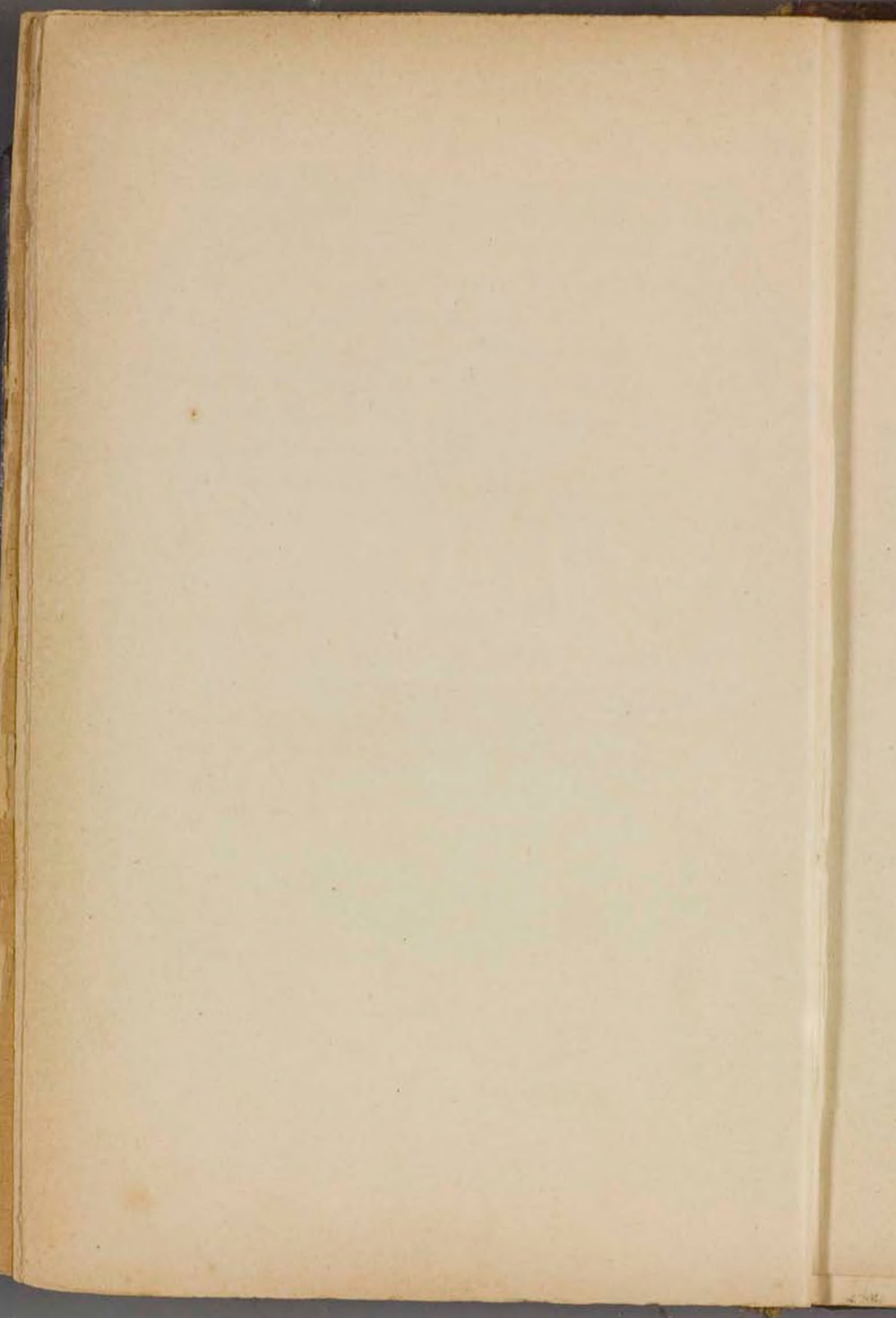
Deixa que d'essa pallida corôa

Das minhas phantasias

Eu desfolhe tambem, frias, sem cheiro,

Flôres da minha vida, murchas flôres

Que só orvalha o pranto !



PRIMEIRA PARTE

NO MAR

Les étoiles s'allument au ciel, et la brise
du soir erre doucement parmi les fleurs :
rêvez, chantez et soupirez.

GEORGE SAND.

Era de noite : — dormias
Do sonho nas melodias,
Ao fresco da viração,
Embalada na falua,
Ao frio clarão da lua,
Aos ais do meu coração!

*Amor e melo
(Tudo é amor)*

Ah! que véo de pallidez
Da langue face na tez!
Como teus seios revoltos
Te palpitavão sonhando!
Como eu scismava beijando
Teus negros cabellos soltos!

Sonhavas? — eu não dormia:
A minh' alma se embebia
Em tua alma pensativa!
E tremias, bella amante,
A meus beijos, semelhante
As folhas da sensitiva!

E que noite! que luar!
E que ardentias no mar!
E que perfumes no vento!
Que vida que se bebia
Na noite que parecia
Suspirar de sentimento!

Minha rôla, ó minha flôr,
O' madresilva de amor,
Como eras saudosa então!
Como pallida sorrias

*Para o Cabello
de Aracis*

E no meu peito dormias
Aos ais do meu coração!

E que noite! que luar!
Como a brisa a soluçar
Se desmaiava de amor!
Como toda evaporava
Perfumes que respirava
Nas laranjeiras em flôr!

Suspiravas? que suspiro!
Ai que ainda me deliro
Entrevendo a imagem tua
Ao fresco da viração,
Aos ais do meu coração,
Embalada na falua!

Como virgem que desmaia,
Dormia a onda na praia!...
Tua alma de sonhos cheia
Era tão pura, dormente,
Como a vaga transparente
Sobre seu leito de areia!

Era de noite: — dormias

Do sonho nas melodias,
Ao fresco da viração,
Embalada na falua,
Ao frio clarão da lua,
Aos ais do meu coração

SONHANDO

Hier, la nuit d'été, qui nous prêtait ses voiles,
Était digne de toi, tant elle avait d'étoiles!

V. Hugo.

Na praia deserta que a lua branqueia,
Que mimo! que rosa! que filha de Deus!
Tão pallida ... ao vêl-a meu ser devancia,
Suffoco nos labios os halitos meus!

Não corras na areia,

Não corras assim...

Donzella, onde vaes?

Tem pena de mim!

A praia é tão longa ! e a onda bravia
As roupas de gaze te molha de escuma ...
De noite, aos serenos, a areia é tão fria...
Tão humido o vento que os ares perfuma !
És tão doentia ...
Não corras assim ...
Donzella, onde vaes ?
Tem pena de mim !

A briza teus negros cabellos soltou,
O orvalho da face te esfria o suor ,
Teus seios palpitão ... a brisa os roçou,
Beijou-os, suspira, desmaia de amor !
Teu pé tropeçou....
Não corras assim...
Donzella, onde vaes ?
Tem pena de mim !

E o pallido mimo da minha paixão
N'um longo soluço tremeu e parou ,
Sentou-se na praia , sózinha no chão,
A mão regelada no collo pousou !
Que tens, coração ,
Que tremes assim ?
Cançaste, donzella ?
Tem pena de mim !

Deitou-se na areia que a vaga molhou.
Immovel e branca na praia dormia;
Mas nem os seus olhos o somno fechou
E nem o seu collo de neve tremia ...

O seio gelou?...
Não durmas assim...
O' pallida fria,
Tem pena de mim!

Dormia: — na frente que niveo suar...
Que mão regelada no languido peito...
Não era mais alvo seu leito do mar,
Não era mais frio seu gelido leito!

Nem um resomnar...
Não durmas assim...
O pallida fria,
Tem pena de mim!

Aquí no meu peito vem antes sonhar
Nos longos suspiros do meu coração:
Eu quero em meus labios teu seio aquecer,
Teu collo, essas faces e a gelida mão...

Não durmas no mar!
Não durmas assim...
Estatua sem vida,
Tem pena de mim!

E a vaga crescia, seu corpo banhando,
As candidas fórmas movendo de leve!
E eu vi-a suave nas agoas boiando
Com soltos cabellos nas roupas de neve!
Nas vagas sonhando
Não durmas assim ...
Donzella, onde vaes ?
Tem pena de mim !

E a imagem da virgem nas agoas do mar
Brilhava tão branca no limpido véo...
Nem mais transparente luzia o luar
No ambiente sem nuvens da noite do céo !
Nas agoas do mar
Não durmas assim ...
Não morras, donzella,
Espera por mim !

SCISMAR

Falla-me, anjo da luz! és glorioso
A minha vista na janella á noite,
Como divino alado mensageiro
Ao ebrioso olhar dos frouxos olhos
Do homem, que se ajoelha para vel-o,
Quando reavala em preguiçosas nuvens,
Ou navega no seio do ar da noite.

Romeo.

Ai! quando de noite, sózinha á janella,
Co' a face na mão te vejo ao luar, 11
Porque, suspirando, tu sonhas, donzella?
A noite vac bella,
E a vista desmaia
Ao longe na praia
Do mar!

11 Verso de 10 sílabas porém retornado
como ouzo, coisa que qui. e em foz e.
mo. Oltar. Ter. Petinho de qui 19 22

Por quem essa lagrima orvalha-te os dedos,
Como agoa da chuva cheiroso jasmim?
Na scisma que anjinho te conta segredos?
Que pallidos medos?
Suave morena,
Acaso tens pena
De mim?

Donzella sombria, na briza não sentes
A dôr que um suspiro em meus labios tremeu?
E a noite, que inspira no seio dos entes
Os sonhos ardentes,
Não diz-te que a voz
Que falla-te a sós
Sou eu?

Acorda! não durmas da scisma no véo!
Amemos, vivamos, que amor é sonhar!
Um beijo, donzella! Não ouves? no céo
A briza gemeu...
As vagas murmurão...
As folhas susurrão:
Amar!

AI JESUS!

Ai Jesus! não vês que gemo,
Que desmaio de paixão
Pelos teus olhos azues?
Que empallideço, que tremo,
Que me expira o coração?
Ai Jesus!

Que por um olhar, donzella,
Eu poderia morrer
Dos teus olhos pela luz?
Que morte! que morte bella!
Antes seria viver!
Ai Jesus!

Que por um beijo perdido
Eu de gozo morreria
Em teus niveos seios nós?
Que no oceano d'um gemido
Minh'alma se afogaria?
Ai Jesus!

ANJINHO

And from her fresh and unpolluted flesh
May violets spring!

Hamlet.

Não chorem... que não morreu
Era um anjinho do céu
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

Pobre criança! dormia:
A belleza reluzia
No carmin da face d'ella!

Tinha uns olhos que choravão,
Tinha uns risos que encantavão!...
Ai meu Deus ! era tão bella

Um anjo d'azas azues,
Todo vestido de luz,
Sussurrou-lhe n'um segredo
Os mysterios d'outra vida !
E a criança adormecida
Sorria de se ir tão cedo !

Tão cedo ! que ainda o mundo
O labio visguento, immundo,
Lhe não passára na roupa !
Que só o vento do céu
Batia do barco seu
As vélas d'ouro da poupa !

Tão cedo ! que o vestuario
Levou do anjo solitario
Que velava seu dormir !
Que lhe beijava risonho
E essa florzinha no sonho
Toda orvalhava no abrir !

Não chorem ! lembro-me ainda

Como a criança era linda
No fresco da facesinha!
Com seus labios azulados,
Com os seus olhos vidrados
Como de morta andorinha!

Pobresinho! o que soffreu!
Como convulso tremeu
Na febre d'essa agonia!
Nem gemia o anjo lindo,
Só os olhos expandindo
Olhar alguém parecia!

Era um canto de esperança
Que embalava essa criança?
Alguma estrella perdida,
Do céu c'roada donzella....
Toda a chorar-se por ella
Que a chamava d'outra vida?

Não chorem... que não morreu!
Que era um anjinho do céu
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

Era uma alma que dormia
Da noite na ventania
E que uma fada acordou !
Era uma flôr de palmeira
Na sua manhã primeira
Que um céo d'inverno murchou !

Não chorem ! abandonada
Pela rosa perfumada ,
Tendo no labio um sorriso,
Ella se foi mergulhar
— Como perola no mar —
Nos sonhos do paraíso !

Não chorem ! chora o jardim
Quando murchado o jasmim
Sobre o seio lhe pendeu'
E pranteia a noite bella
Pelo astro ou a donzella,
Mortos na terra ou no céo ?

Chorão as flôres no afan
Quando a ave da manhan
Estremece, cac, esfria ?
Ehora o onda quando vê

*Origem de
Onda?*

la

A boiar uma irerê _____ (Brazil)
Morta ao sol do meio-dia?

Não chorem!.. que não morreu !
Era um anjinho do céu
Que um outro anjinho chamou !
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou !

ANJOS DO MAR

As ondas são anjos que dormem no mar.
Que tremem, palpitão, banhados de luz ...
São anjos que dormem, a rir e sonhar
E em leito d'escuma revolvem-se nós!

E quando, de noite, vem pallida a lua
Seus raios incertos tremer, pratear...
E a trança luzente da nuvem fluctua...
As ondas são anjos que dormem no mar!

Que dormem, que sonhão... e o vento dos céos
Vem tépido, á noite, nos seios beijar!...

São meigos anjinhos, são filhos de Deus,
Que ao fresco se embalão do seio do mar!

E quando nas agoas os ventos suspirão,
São puros fervores de ventos e mar ...
São beijos que queimão... e as noites delirão
E os pobres anjinhos estão a chorar!

Ai! quando tu sentes dos mares na flôr
Os ventos e vagas gemer, palpitar...
Porque não consentes, n'um beijo de amor,
Que eu diga-te os sonhos dos anjos do mar?

Y. Lez...

I

Tenho um seio que delira
Como as tuas harmonias !
Que treme quando suspira,
Que geme como gemias !

II

Tenho musicas ardentes,
Ais do meu amor insano,
Que palpitação mais dormentes
Do que os sons do teu piano !

*dia
(no momento
de fazer o
acal)*

III

Tenho cordas argentinas
Que a noite faz acordar,
Como as nuvens peregrinas
Das gaivotas do alto mar!

IV

Como a teus dedos lindinhos
O teu piano gemeu,
Vibra-me o seio aos dedinhos
Dos anjos loiros do céu!

V

Vibra á noite no mysterio,
Se o banha o frouxo luar,
Se passa teu rosto aerêo
No vaporoso sonhar!

VI

Como tremem teus dedinhos
O saudoso piano teu,
Vibrão-me n'alma os anjinhos,
Os anjos loiros do céo!

A CANTIGA DE SERTANEJO

Love me and leave me not,
SHAKESPEARE, *Merch. of Venice*

Donzella! se tu quizeras
Ser a flôr das primaveras
Que tenho no coração :
E se ouviras o desejo
Do amoroso sertanejo
Que descora de paixão!...

Se tu viesses co'migo
Das serras ao desabrigo

Aprender o que é amar...
— Ouvil-o no frio vento,
Das aves no sentimento,
Nas agoas e no luar!...

— Ouvil-o n'essa viola,
Onde a modinha hespanhola
Sabe carpir e gemer!...
Que pelas horas perdidas
Tem cantigas doloridas,
Muito amor! muito doer...

Pobre amor! o sertanejo
Tem apenas seu desejo
E as noites bellas do val!...
Só o ponche adamascado,
O trabuco prateado
E o ferro de seu punhal!...

E tem as lendas antigas
E as desmaiadas cantigas
Que fazem de amor gemer!...
E nas noites indolentes
Bebo canticos ardentes
Que fazem estremecer!...

Tem mais ... na selva sombria
Das florestas a harmonia,
Onde passa a voz de Deus,
E aos relentos da serra
Pernoita na sua terra,
No leito dos sonhos seus!

Se tu viesses, donzella,
Verias que a vida é bella
No deserto do sertão :
Lá tem mais aroma as flôres
E mais amor os amores
Que fallão no coração!

Se viesses innocente
Adormecer docemente
A noite no peito meu!...
E se quizesse comigo
Vir sonhar no desabrigo
Com os anjinhos do céu!

É doce na minha terra
Andar, scismando, na serra
Cheia de aroma e de luz,
Sentindo todas as flôres,

Bebendo amor nos amores
Das borboletas azues!

Os veados da campina
Na lagôa, entre a neblina,
São tão lindos a beber! ...
Da torrente nas cordas
Ao deslizar das canôas
É tão doce adormecer!...

Ah! se viesses, donzella,
Verias que a vida é bella
No silencio do sertão!
Ai!... morena, se quizeras
Ser a flôr das primaveras
Que tenho no coração ...

*Donzella por
toda a parte!*

Junto ás agoas da torrente
Sonharias indolente
Como n'um seio d'irmã! ...
— Sobre o leito de verduras
O beijo das creaturas
Suspira com mais afan! ...

Imua

E da noitinha as aragens
Bebem nas flôres selvagens

*Na obra do Sr. ... de ... e mais
trabalhado, e é para ... São be-
inferno, ao do 1.º livro.*

2
a

Effluviosa fresquidão!...
Os olhos tem mais ternura
E os ais da formosura
Se embehem no coração!...

E na caverna sombria
Tem um ai mais harmonia
E mais fogo o suspirar!...
Mais fervoroso o desejo
Vae sobre os labios n'um beijo
Enlouquecer, desmaiar!...

E da noite nas ternuras
A paixão tem mais venturas
E falla com mais ardor!...
E os perfumes, o luar,
E as aves a suspirar,
Tudo canta e diz — amor!

Ah! vem! amemos! vivamos!
O enlevo do amor bebamos
Nos perfumes do sertão!
Ah! virgem, se tu quizeras
Ser a flôr das primaveras
Que tenho no coração!...

Tudo isto é falso sob o ponto de
vista brasileiro quanto mais certan-
tes apezado é mesmo muito mais
falso que carece e b. alms.

Dreams! dreams! dreams!

W. COWPER.

Quando, à noite, no leito perfumado
Languida fronte no sonhar reclinas,
No vapor da illusão porque te orvalha
Pranto de amor as palpebras divinas?

E, quando eu te contemplo adormecida
Solto o cabello no suave leito,
Porque um suspiro tépido resomna
E desmaia suavissimo em teu peito?

Virgem do meu amor, o beijo a furto
Que pouso em tua face adormecida

O POETA

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur!

A. DE MUSSET.

*O momento é
feito por o poeta
acorda a dorminhoca
convida!*

Era uma noite : — eu dormia...

E nos meus sonhos revia

As illusões que sonhei !

E ao meu lado senti...

Meu Deus ! porque não morri ?

Porque do somno acordei ?

N : meu leito adormecida,

Palpitante e abatida

A amante de meu amor...

*NO
me
das
me*

Os cabellos recendendo
Nas minhas faces correndo,
Como o luar n'uma flôr!

Senti-lhe o collo cheiroso
Arquejando sequioso
E nos labios, que entr'abria
Languida respiração,
Um sonho do coração
Que suspirando morria!

Não era um sonho mentido:
Meu coração illudido
O sentiu e não sonhou...
E sentiu que se perdia
N'uma dôr que não sabia...
Nem ao menos a beijou!

Soluçou o peito ardente,
Sentiu que a alma demente
Lhe desmaiava a tremer,
Embriagou-se de enleio,
No somno d'aquelle seio
Pensou que elle ia morrer!

Que divino pensamento

11
*É a parte do 1.º volume também poesia de
3.º e 4.º volumes. São.*
*Um conto de contemplação da vida e da adole-
scente é incontestavelmente uma
das sensações do poeta. 3 vezes já
nesta obra do 20.º.*

Que vida n'um só momento
Dentro do peito sentiu...
Não sei !.. Dorme no passado
Meu pobre sonho doirado...
Esperança que mentiu...

Sabem as noites do céu
E as luas brancas sem véo
Os prantos que derramei!
Contem do valle as florinhas
Esse amor das noites minhas!
Ellas sim... que eu não direi!

E se eu tremendo, senhora,
Viesses pallido agora
Lembrar-vos o sonho meu,
Com a fronte descorada
E com a voz suffocada
Dizer-vos baixo : — Sou eu !

Sou eu ! que não esqueci
A noite que não dormi,
Que não foi uma illusão!
Sou eu que sinto morrer
A esperança de viver...
Que o sinto no coração !

Riríeis das esperanças,
Das minhas loucas lembranças,
Que me desmaião assim?
Ou então, de noite, a medo
Choraríeis em segredo
Uma lagrima por mim!

Dorme, meu coração! em paz esquece
Tudo, tudo que amaste n'este mundo!
Sonho fallaz de fútila esperança
Não interrompa teu dormir profundo!

Tradução do Dr. Octaviano.

Fui um doudo em sonhar tantos amores...
Que loucura, meu Deus!
Em expandir-lhe aos pés, pobre insensato,
Todos os sonhos meus!

E ella, triste mulher, ella tão bella,
Dos seus annos na flôr,
Porque havia sagrar pelos meus sonhos
Um suspiro de amor?

Um beijo — um beijo só! eu não pedia
Senão um beijo seu

E nas horas do amor e do silencio
Juntal-a ao peito meu!

Foi mais uma illusão! de minha fronte
Rosa que deshotou,
Uma estrella de vida e de futuro
Que riu... e desmaiou!

Meu triste coração, é tempo, dorme,
Dorme no peito meu!
Do ultimo sonho despertei e n'alma
Tudo! tudo morreu!

Meu Deus! porque sonhei e assim por ella
Perdi a noite ardente...
Se devia acordar d'essa esperanza,
E o sonho era demente?...

Eu nada lhe pedi : ousei apenas
Junto d'ella, á noitinha,

Nos meus delirios apertar tremendo
A sua mão na minha!

Adeus, pobre mulher! no meu silencio
Sinto que morrerei...
Se rias d'esse amor que te votava,
Deus sabe se te amei!

Se te amei! se minha alma só queria
Pela tua viver,
No silencio do amor e da ventura
Nos teus labios morrer!

Mas vota ao menos no lembrar saudoso
Um ai ao sonhador...
Deus sabe se te amei!... Não te maldigo,
Maldigo o meu amor!...

Mas não... inda uma vez... Não posso ainda
Dizer o eterno adeus
E a sangue-frio renegar dos sonhos
E blasphemar de Deus!

Oh ! falla-me de amor !.. eu quero crer-te
Um momento sequer...
E esperar na ventura e nos amores
N'um olhar de mulher !

Se um olhar por compaixão te peço,
Um olhar, mas bem languido, bem terno.

Quero um olhar que me arrebate o siso,
Me queime o sangue, m'escoreça os olhos,
Me torne delirante!

ALMEIDA FERREIRA.

Sur votre main jamais votre front ne se pose,
Brûlant, chargé d'ennuis, ne pouvant soutenir
Le poids d'un douloureux et cruel souvenir ;
Votre cœur virginal en lui-même repose.

TH. GAUTHIER.

Ricorditi de mi.

DANTE, *Purgatorio*.

Quando fallo contigo, no meu peito
Esquece-me esta dôr que me consome :
Talvez corre o prazer nas fibras d'alma :
E eu ousou ainda murmurar teu nome !

Que existencia, mulher ! se tu souberas
A dôr de coração do teu amante

E os ais que pela noite, no silencio,
Arquejão no seu peito delirante!

E quanto soffre e padeceu... e a febre
Como seus labios desbotou na vida...
E sua alma cançou na dôr convulsa
E adormeceu na cinza consumida!

Talvez terias dó da magoa insana
Que minh'alma votou ao desalento...
E consentiras, ó virgem dos amores,
Descançar-me no seio um só momento!

Sou um doudo talvez de assim amar-te,
De murchar minha vida no delirio...
Se nos sonhos de amor nunca tremeste,
Sonhando meu amor e meu martyrio...

E não pude, febril e de joelhos,
Com a mente abrasada e consumida,
Contar-te as esperanças do meu peito
E as doces illusões de minha vida!

Oh! quando eu te fitei, sedento e louco,
Teu olhar que meus senhos alumia,

*Consumida
adormida*

Eu não sei se era vida o que minh'alma
Enlevava de amor e adormecia !

*Almas e
medo*

Oh ! nunca em fogo teu ardente seio
A meu peito juntei que amor definha !
A furto apenas eu senti medrosa
Tua gelida mão tremer na minha !...

Tem pena, anjo de Deus ! deixa que eu sinta
N'um beijo esta minh' alma enlouquecer
E que eu viva de amor nos teus joelhos
E morra no teu seio o meu viver !

Sou um doudo, meu Deus ! mas no meu peito
Tu sabes se uma dôr, se uma lembrança
Não queria calar-se a um beijo d'ella,
Nos seios d'essa pallida criança!

*Criança p'ra
amada*

Se n'um languido olhar, no véo de gozo,
Os olhos de Hespanhola a furto abrindo
Eu não tremia... o coração ardente
No peito exausto remoçar sentindo !

Se no momento ephemero e divino
Em que a virgem prantêa desmaiando

*que
me
tie
para
est*

E a c'rôa virginal a noiva esfolha,
Eu queria a seus pés morrer chorando!

Adeus! rasgou-se a pagina saudosa
Que teu porvir de amor no meu fundia,
Gelou-se no meu sangue moribundo
Essa gota final de que eu vivia!

Adeus, anjo de amor! tu não mentiste!
Foi minha essa illusão e o sonho ardente
Sinto que morrerei... tu, dorme e sonha
No amor dos anjos, pallida innocente!

Mas um dia... se a nodoa da existencia
Murchar teu calix orvalhoso e cheio,
Flôr que não respirei, que amei sonhando,
Tem saudades de mim que eu te pranteio!

Notar que a sintaxia do decasílabo neste poema é clássica e não romântica. Observar nos outros poemas para ver si A. A. converteu-se na sintaxia decasílabo clássica.

NA MINHA TERRA

Laisse-toi donc aimer ! Oh ! l'amour c'est la vie !
C'est tout ce qu'on regrette et tout ce qu'on envie,
Quand on voit sa jeunesse au couchant décliner !

.....
La beauté c'est le front, l'amour c'est la couronne,
Laisse-toi couronner !

V. HUGO.

I

Amo o vento da noite susurrante
A tremer nos pinheiros
E a cantiga do pobre caminhante
No rancho dos tropeiros ;

E os monotonos sons da uma viola
No tardio verão

E a estrada que além se desenrola
No véo da escuridão;

A restinga d'areia onde rebenta
O oceano a bramir,
Onde a lua na praia macilenta
Vem pallida luzir;

E a nevoa e flôres e o doce ar cheiroso
Do amanhecer na serra
E o céu azul e o manto nebuloso
Do céu de minha terra;

E o longo valle de florinhas cheio
E a nevoa que desceu,
Como véo de donzella em branco scio,
As estrellas do céu.

II

Não é mais bella, não, a argentea praia
Que beija o mar do sul,
Onde eterno perfume a flôr desmaia
E o céu é sempre azul;

Onde os serros phantasticos roxeião
Nas tardes de verão
E os suspiros nos labios incendeião
E pulsa o coração!

Sonho da vida que doirou e azula
A fada dos amores,
Onde a mangueira ao vento que tremula
Sacode as brancas flores...

E é saudoso viver n'essa dormencia
Do languido sentir,
Nos enganos suaves da existencia
Sentido-se dormir...

Mais formosa não é, não doire embora
O verão tropical
Com seus rubores... a alvacenta aurora
Da montanha natal...

Nem tão doirada se levante a lua
Pela noite do céu,
Mas venha triste, pensativa e núa
Do pratéado véo...

Que me importa? se as tardes purpurinas
E as auroras d'alli

Não derão luz ás diaphanas cortinas
Do leito onde eu nasci?

Se adormeço tranquillo no teu seio
E perfuma-se a flôr,
Que Deus abriu no peito do poeta,
Gotejante de amor?

Minha terra sombria, és sempre bella,
Inda pallida a vida
Como o somno innocente da donzella
No deserto dormida!

No italiano ceo nem mais suaves
São da noite os amores,
Não tem mais fogo os canticos das aves
Nem tem mais flôres!

III

Quando o genio da noite vaporosa
Pela encosta bravia
Na lorangeira em flôr toda orvãlhosa
De aroma se inebria...

No luar junto á sombra recendente
De um arvoredó em flór,
Que saudades e amor que influe na mente
Da montanha o frescor!

E quando, á noite, no luar saudoso
Minha pallida amante
Ergue seus olhos humidos de gozo
E o labio palpitante...

Cheia da argentea luz do firmamento,
Orando por seu Deus,
Então... eú curvo a fronte ao sentimento
Sobre os joelhos seus...

E quando sua voz entre harmonias
Suffoca-se de amor
E dobra a fronte bella de magias
Como pallida flór...

E a alma pura nos seus olhos brilha
Em desmaiado véo,
Como de um anjo na cheirosa trilha
Respiro o amor do céo!

Melhor a viração uma por uma
Vem as folhas tremer...

He não minha vez a pa-
ciencia da beleza que foi bom
com o mundo e a g. d. ca. e a
varia. — 55 —

E a floresta saudosa se perfuma
! a noite no morrer...

E eu amo as flôres e o doce ar mimoso
Do amanhecer da serra
o céu azul e o manto nebuloso
Do céu da minha terra!

O de Agueda é uma grande e perfeita obra. Para-
mente conseguiu realçar a natureza e os caracteres, q. d. ca.
e a beleza da obra que deriva de se expressar todo. O
de Agueda é muito inferior aos outros embora se
pressente nele um estudo de harmonia formidável.
O que acontece é de que a natureza a ser legível em
neste embalsado e talvez por isso. O que
realmente a grande obra. O que a natureza dele, de
uma harmonia absoluta de perfeição na obra.
Ora a obra de Agueda é que de se ver
quando expressa. Tão perfeita e verdadeira como
a flor que melindrosa se balança no vento, a
tão verdadeira "harmonia da terra".

ITALIA

AO MEU AMIGO O CONDE DE FÉ

Veder Napoli e poi morte.

Lá na terra da vida e dos amores
Eu podia viver inda um momento...
Adormecer ao sol da primavera
Sobre o collo das virgens de Sorrento!

Eu podia viver; — e porventura
Nos lures do amor amar a vida,

Dilatar-se minh'alma como o scio
Do pallido Romeo na despedida!

Eu podia na sombra dos amores
Tremar n'um beijo o coração sedento...
Nos seios da donzella delirante
Eu podia viver inda um momento!

Ó anjo de meu Deus! se nos meus sonhos
Não mentia o reflexo da ventura
E se Deus me fadou n'esta existencia
Um instante de enlevo e de ternura...

Lá entre os laranjaes, entre os loureiros,
Lá onde a noite seu aroma espalha,
Nas longas praias onde o mar suspira
Minh'alma exhalarei no céu da Italia!

Vêr a Italia e morrer!... Entre meus sonhos
Eu vejo-a de voluptia adormecida...
Nas tardes vaporentas se perfuma
E dorme, á noite, na illusão da vida!

E, se eu devo expirar nos meus amores
N'uns olhos de mulher amor bebendo,

Seja aos pés da morena Italiana ,
Ouvindo-a suspirar, inda morrendo.

Lá na terra da vida e dos amores
Eu podia viver inda um momento,
Adormecer ao sol da primavera
Sobre o collo das virgens de Sorrento!

II

A Italia! sempre a Italia delirante!
E os ardentes sarãos e as noites bellas!
A Italia do prazer, do amor insano,
Do sonho fervoroso das donzellas!

E a gondola sombria resvalando,
Cheia de amor, de canticos e flores...
E a vaga que suspira, á meia noite,
Embalando o mysterio dos amores!

Ama-te o sol, ó terra da harmonia,
Do levante na briza te perfumas,
Nas praias de ventura e primavera
Vae o mar estender seu véo d'escumas!

João M. de Sá

Vae a lua sedenta e vagabunda
O teu berço banhar na luz saudosa,
As tuas noites estrellar de sonhos
E beijar-te na fronte vaporosa!

Patria do meu amor! terra das glorias
Que o genio consagrou, que sonha o povo...
Agora que murcharão teus loureiros
Fôra doce em teu seio amar de novo...

Amar tuas montanhas e as torrentes
E esse mar onde boia alcion dormindo,
Onde as ilhas se azulão no occidente,
Como nuvens, á tarde, se esvaindo...

Aonde, á noite, o pescador moreno
Pela bahia no hatel se escôa...
E murmurando, nas canções de Armida,
Treme aos fogos errantes da canôa...

Onde amou Raphael, onde sonhava
No seio ardente da mulher divina
E talvez desmaiou no teu perfume
E suspirou com elle a Fornarina...

E juntos, ao luar, n'um beijo errante
Desfolhavão os sonhos da ventura

E bebião na lua e no silencio
Os effluvios de tua formosura !

Ó anjo de meu Deus, se nos meus sonhos
A promessa do amor me não mentia,
Concede um pouco ao infeliz poeta
Uma hora da illusão que o embebia !

Concede ao sonhador, que tão somente
Entre delirios palpitou d'enleio,
N'uma hora de paixão e de harmonia
D'essa Italia do amor morrer no seio !

Oh ! na terra da vida e dos amores
Eu podia sonhar inda um momento,
Nos seios da donzella delirante
Apertar o meu peito macilento !

Mato, 1851. — S. Paulo.

Notas a respeito do herzogismo de S. Carlos
do tendente para o lado de pensamento de
A. de Aguiar. Já tendente a mais que possivel-
mente ficou apenas um esmaecimento de ideias
e desejo. Não me dá a ideia, a evocação da
Italia na 2ª parte é o que há de mais roman-
tescamente falso e vulgar — porém
esta admiravelmente alta.

À T...

No amor basta uma noite para fazer de
um homem um Deus.

PROFÉTICO

Amoroso pallor meu rosto inunda,
Morbida languidez me banha os olhos,
Ardem sem somno as palpebras doridas,
Convulsivo tremor meu corpo vibra...
Quanto soffro por ti! Nas longas noites
Adoço de amor e de desejos...
E nos meus sonhos desmaiando passa
A imagem voluptuosa da ventura :
Eu sinto-a de paixão encher a briza,
Embalsamar a noite e o céu sem nuvens;

E ella mesma suave descorando
Os alvacentos véos soltar do collo,
Cheirosas flores desparzir sorrindo
Da magica cintura.

Sinto na fronte pétalas de flores,
Sinto-as nos labios e de amor suspiro...
Mas flores e perfumes embriagão...
E no fogo da febre e em meu delirio
Embehem na minhi' alma enamorada
Delicioso veneno.

Estrella do mysterio ! em tua fronte
Os céos revela e mostra-me na terra...
Como um anjo que dorme, a tua imagem
E teus encantos, onde amor estende
N'essa morena tez a côr de rosa.
Meu amor, minha vida, eu soffro tanto !
O fogo de teus olhos me fascina,
O languor de teus olhos me enlanguece,
Cada suspiro que te abala o seio
Vem no meu peito enlouquecer minhi' alma !

Ah ! vem, pallida virgem, se tens pena
De quem morre por ti e morre amando,
Dá vida em teu alento a minha vida,
Une nos labios meus minhi' alma á tua !
Eu quero ao pé de ti sentir o mundo

Alvares de Almeida e p. 76

Na tu' alma infantil, na tua fronte
Beijar a luz de Deus, nos teus suspiros
Sentir as virações do paraíso...
E a teus pés, de joelhos, crer ainda
Que não mente o amor que um anjo inspira,
Que eu posso na tu' alma ser ditoso,
Beijar-te nos cabellos soluçando
E no teu seio ser feliz morrendo!

Dezembro, 1851.

Belo poema. A estranha
incerteza que se sente
leendo-o.

CREPUSCULO DO MAR

Que rêves-tu plus beau sur ces lointaines plages
Que cette chaste mer qui baigne nos rivages?
Que ces mornes couverts de bois silencieux,
Autels d'où nos parfums s'élevaient dans les cieux?

LAMARTINE.

No céu brilhante do poente em fogo
Com aureola ardente o sol dormia,
Do mar doirado nas vermelhas ondas
Purpureo se escondia.

Como da noite o halo sobre as agas
Que o reflexo da tarde incendiava,
Só a idéa de Deus e do infinito
No oceano boiava !

Como é doce viver nas longas praias
N'estas ondas e sol e ventania !
Como ao triste scismar encanto aéreo
Nas sombras preludia !

O painel luminoso do horizonte
Como as candidas sombras alumia
Dos phantasmas de amor que nós amámos
Na ventura de um dia !

Como voltão gemendo e nebulosas,
Branças as roupas, desmaiado o seio,
Inda uma vez a murmurar nos sonhos
As palavras do enleio !...

Aqui nas praias, onde o mar rebenta
E a escuma no morrer os seios rola,
Virei sentar-me no silencio puro
Que o meu peito consola !

Sonharei ... lá emquanto, no crepusculo,
Como um globo de fogo o sol se abysma
E o céo lampeja no clarão medonho
De negro cataclysmo ...

Emquanto a ventania se levanta
E no occidente o arrebol se atêa

No cinabrio do empyreo derramando
A nuvem que roxêa...

Hora solenne das idéas santas
Que embala o sonhador nas phantasias,
Quando a taça do amor embebe os labios
Do anjo das utopias!

Oceano de Deus! Que moribundo
A cantiga do nauta mais sentida
Tão triste suspirou nas tuas ondas,
Como um adeus á vida?

Que não cheia de gloria e d'esperanças,
Florecendo ao vento a rúbida pandeira,
Na luz do incendio rebentou bramindo
Na vaga sobranceira?

Porque ao sol da manhã e ao ar da noite
Essa triste canção, eterna, escura,
Como um threno de sombra e de agonia,
Nos teus labios murmura?

É vermelho de sangue o céu da noite,
Que na luz do crepusculo se banha:
Que planeta do céu do roto seio
Golfeja luz tamanha?

Que mundo em fogo foi bater correndo
Ao peito de outro mundo; — e uma torrente
De medonho clarão rasgou no ether
E jorra sangue ardente?

Onde as nuvens do céu voão dormindo,
Que doirada mansão de aves divinas
N'um véo purpureo se enlutou rolando
Ao vento das ruínas?

CREPUSCULOS NAS MONTANHAS

Pallida estrella, casto olhar da noite, diamante luminoso na fronte azul do crepusculo, o que vês na planície?

OBSTAN.

1

Além serpêa o dorso pardacento
Da longa serraania,
Rubro flammêa o véo sanguinolento
Da tarde na agonia.

No cinéreo vapor o céu desbota
N'um azulado incerto,

No ar se afóga desmaiando a nota
Do sino do deserto...

Vim alentar meu coração saudoso
No vento das campinas,
Emquanto n'esse manto luctuoso
Pallida te reclinas

E morre em teu silencio, ó tarde bella,
Das folhas o rumor...
E late o pardo cão que os passos vela
Do tardio pastor!

II

Pallida estrella! o canto do crepusculo
Acorda-te no céu,
Ergue-te nua na floresta morta
Do teu doirado véo!

Ergue-te!.. eu vim por ti e pela tarde
Pelos campos errar,
Sentir o vento, respirando a vida
E livre suspirar.

E'mais puro o perfume das montanhas
Da tarde no cahir...
Quando o vento da noite agita as folhas
É doce o teu luzir!

E trella do pastor, no véo doirado
Acorda-te na serra,
Inda mais bella no azulado fogo
Do céo da minha terra!

III

Estrella d'oiro, no purpureo leite
Da irmã da noite, branca e peregrina
No firmamento azul derramas dia
Que as almas illumina!

Abre o seio de perola, transpira
Esse raio de luz que a mente inflamma!
Esse raio de amor que ungiu meus labios
No meu peito derrama!

IV

Lo bel planeta che ad amar conforta
Faceva tudo rider l'oriente.

DANTE. *Purgatorio.*

Estrellinhas azues do céu vermelho,
Lagrimas d'oiro sobre o véo da tarde,
Que olhar celeste em palpebra divina
Vos derramou tremendo?

Quem, á tarde, chrysolithas ardentes,
Estrellas brancas, vos sagrou saudosas
Da fronte d'ella na azulada c'rôa
Como aureola viva?

Forão anjos de amor, que vagabundos
Com saudades do céu vagão gemendo
E as lagrimas de fogo dos amores
Sobre as nuvens pranteão?

Creaturas da sombra e do mysterio,
Ou no purpureo céu doureis a tarde,

Ou pela noite scintilleis medrosas,
E-trellas, eu vos amo!

E quando, exaustão o coração no peito
Do amor nas illusões espera e dorme,
Diaphanas vindes lhe doirar na mente
A sombra da esperança!

Oh! quando o pobre sonhador medita
Do valle fresco no orvalhado leito,
Inveja ás aguias o perdido vôo
Para banhar-se no perfume ethereo...
E, n'essa argentea luz, no mar de amores
Onde entre sonhos e luar divino
A mão do Eterno vos lançou no espaço,
Respirar e viver!

DESALENTO

Porque havião passar tão doores dias?

A. F. DE SEIXA PIMENTEL.

(((Feliz d'aquelle que no livro d'alma
Não tem folhas escriptas
E nem saudade amarga, arrependida,
Nem lagrimas maldictas!

Feliz d'aquelle que de um anjo as tranças
Não respirou sequer
E nem bebeu effuvios descorando
N'uma voz de mulher ...

E não sentiu — lhe a mão cheirosa e branca
Perdida em seus cabellos,

Nem resvalou do sonho deleitoso
A reaes pesadelos...

Quem nunca te beijou, flôr dos amores,
Flôr do meu coração,
E não pediu frescôr, febril e insano
Da noite á viração!

Dormiu
Ah! feliz quem dormiu no collo ardente
Da huri dos amores,
Que sofrego bebeu o orvalho santo
Das perfumadas flores...

E pôde vêl-a morta ou esquecida
Dos longos beijos seus,
Sem blasphemar das illusões mais puras
E sem rir-se de Deus!

Mas, n'esse doloroso soffrimento
Do pobre peito meu,
Sentir no coração que á dôr da vida
A esperança morreu!...

Que me resta, meu Deus? aos meus suspiros
Nem geme a viração...
E dentro, no deserto do meu peito,
Não dorme o coração!

PALLIDA INNOCENCIA

Cette image du ciel — innocence et beauté

LAMARTINE

Porque, pallida innocencia,
Os olhos teus em dormencia
A medo lanças em mim?
No aperto de minha mão
Que sonho do coração
Tremeu-te os seios assim?

E tuas fallas divinas
Em que amor languida afinas,
Em que languido sonhar?
E dormindo sem receio

Porque geme no teu seio
Ancioso suspirar?

Innocencia! quem dicera
De tua azul primavera
As tuas brizas de amor!
Oh! quem teus labios sentira
E que tremulo te abrira
Dos sonhos a tua flôr!

Quem te dera a esperança
De tua alma de criança,
Que perfuma teu dormir!
Quem dos sonhos te acordasse,
Que n'um beijo t'emalasse
Desmaiada no sentir!

Quem te amasse! e um momento
Respirando o teu alento
Recendesse os labios seus!
Quem lera, divina e bella,
Teu romance de donzella
Cheio de amor e de Deus!

*Manoel de Barros
Vezes por vezes*

*110
100
100*

SONETO

Pallida, á luz da lampada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ella dormia!

Era a virgem do mar! na escuma fria
Pela maré das agoas embalada...
— Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bella! o seio palpitando...
Negros olhos, as palpebras abrindo...
Formas núas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti — as noites eu velei chorando,
Por ti — nos sonhos morrerei sorrindo!

*Aqui a Amara dormindo de pro
poeta uma obra prima. Não de-
lar. Sete p. 80*

ANIMA MEA

E como a vida é bella e doce e amavel;
Não presta o espinal a sombra ao leito
Do pastor do rebanho vagaroso,
Melhor que as sedas do lençol nocturno
Onde o pavido rei dormir não pôde?

SHAKSPEARE; *Ham.* IV, 3^a p.

Quando nas séstas do verão sandoso
A sombra cae nos laranjaes do valle,
Onde o vento adormece e se perfuma...
E os raios d'oiro, scintillando vivos,
Como chuva encantada se gotejão
Nas folhas do arvoredado recercente,
Parece que de afan dorme a natura
E as aves silenciosas se mergulhão
No grato asylo da cheirosa sombra.

E que silencio então pelas campinas ! ...
A flôr aberta na manhã mimosa
E que os éstos do sol d'estio murchão
Cerra as folhas doridas e procura
Da grama no frescor doentio leito.

dormir

E' doce então das folhas no silencio
Penetrar o mysterio da floresta,
Ou reclinado á sombra da mangueira
Um momento dormir, sonhar um pouco !
Ninguem que turve os sonhos de mancebo,
Ninguem que o indolente adormecido
Roube das illusões que o acalentão
E do molle dormir o chame á vida !

E é tão doce dormir ! é tão suave
Da modorra no collo embalsamado
Um momento tranquillo deslizar-se !
Creaturas de Deus se peregrinão
Invisiveis na terra, consolando
As almas que padecem... certamente
Que são anjos de Deus que aos seios tomam
A frente do poeta que descança !

Ó florestas ! ó relva amollecida,
A cuja sombra, em cujo doce leito

É tão macio descansar nos sonhos!
Arvoredos do valle! derramai-me
Sobre o corpo estendido na indolencia
O tépido frescor e o doce aroma!
E quando o vento vos tremer nos ramos
E sacudir-vos as abertas flores
Em chuva perfumada, concedei-me
Que enchião meu leito, minha face, a relva...
Onde o molle dormir a amor convida!

E tu, Inná, vem pois! deixa em teu collo
Descance teu poeta: é tão divino
Sorver as illusões dos sonhos ledos,
Sentindo á briza teus cabellos soltos
Meu rosto encherem de perfume e gozo!

Tudo dorme, não vês? dorme co'migo,
Pousa na minha tua face bella
E o pallido setim da tez morena...
Fecha teus olhos languidos... no somno
Quero sentir os tumidos suspiros
De teu seio arquejar, morrer nos labios...
E no somno teu braço me enlaçando!

O' minha noiva, minha doce virgem,
No regaço da bella natureza,

(1) Amada dormindo.

Anjo de amor, reclina-te e descança!
N'este berço de flores tua vida
Limpida e pura correrá na sombra,
Como gota de mel em calix branco
Da flôr das selvas que ninguem respira.

Além , além nas arvores tranquillias
Uma voz acordou como um suspiro...
São ais sentidos de amorosa rôla
Que nos beijos de amor palpita e geme?
Ah ! nem tão doce a rôla suspirando
Modula seus gemidos namorados,
Não trina assim tão longa e mollemente...
Em argentinas perolas o canto
Se exhala como as notas expirantes
De uma alma de mulher que chora e canta...

É a voz do sabiá : elle dormia
Ebrioso de harmonia e se embalava
No silencio, na briza e nos effluvios
Das flores de laranja... Iluá, ouviste?
É o canto saudoso da esperança,
É dos nossos amores a cantiga,
Que o aroma que exhalão teus cabellos,
Tua languida voz... talvez lhe inspirão!

Vem, Iluá, dá-me um beijo : adormeçamos...

Sabia
e/9 94

A cantilena do sabiá sombrio
Encanta as illusões, afaga o somno...
Oh! minha pensativa, deseuidosa
Eu sinto a vida bella em teu regaço,
Sinto-a bella nas horas do silencio
Quando em teu collo me reclino e durmo...
E ainda os sonhos meus vivem contigo!

Ah! vem, ó minha Ilná : sei harmonias
Que a noite ensina ao violão saudoso
E que a lua do mar influe na mente ;
E quando eu vibro as cordas tremulosas,
Como alma de donzella que respira,
Cõa nas vibrações tanta saudade,
Tanto sonho de amor esvaecido...
Que o terno coração acorda e geme
E os labios do poeta inlta suspirão!

Anjo do meu amor! se os ais da virgem
Tem doçuras, tem lagrimas divinas,
É quando, no silencio e no mysterio,
Sobre o peito do amante se derramão
No suffocado alento os molles cantos...
— Cantos de amor, de sêde e d'esperanças
Que nos labios febris lhe afoga um beijo!

Ouves, Ilná?... meu violão palpita :

Quero lembra^v um cantico de amores...
Fôra doce ao poeta, teu amante,
Nos ais ardentes das maviosas fibras
Ouvir os teus alentos de mistura
E as molles vibrações da cantilena
Este meu peito remoçar um pouco !
Virgem do meu amor ! vem dar-me ainda
Um beijo ! um beijo longo, transbordando
De mocidade e vida ; e nos meus sonhos
Minh'alma acordará — sopro errabundo
Da alma da virgem tremerá meus seios...
E a doce aspiração dos meus amores
No condão da harmonia ha — de embalar-se !

Poema lindo, sobretudo a parte
referente à natureza, no início
até " & tu, Glória, vem pois ! " - O
de quasi todo de ritmos classicos
dominava absolutamente.

de

A HARMONIA

*(no sacralo de musica)
Cruzeta p. 58*

Meu Deus! se ás vezes, na passada vida,
Eu tive sensações que emmudecião
Essa descrença que me dóe na vida
E, como orvalho que a manhã vapora,
Em seus raios de luz a Deus me erguião...
Foi quando ás vezes a modinha doce
Ao sol de minha terra me embalava
E quando as arias de Bellini pallido
Em labios de Italiana estremecião!

Oh! santa Malibran! fôra tão doce
Pelas noites suaves do silencio
Nas lagrimas de amor, nos teus suspiros,

Na agonia de um beijo, ouvir gemendo
Entre meus sonhos tua voz divina !

Oh ! Paganini ! quando moribundo
Inda a rabeca ao peito comprimias,
Se o halito de Deus, essa alma d'aujo
Que das fibras do peito cavernoso
Arquejava nas cordas entornando
Murmurios d'esperança e de ventura,
Se a alma de teu viver roçou passando
N'algum labio sedento de poesia,
N'uma alma de mulher adormecida,
Se algum seio tremeu a concebê-lo...
Esse alento de vida e de futuro
— Foi o teu seio, Malibran divina !

Ah ! se nunca te ouvi, se teus suspiros,
Desdêmona sentida e moribunda,
Nunca pude beber no teu exílio...
Nos sonhos virginaes senti ao menos
Tua pallida sombra vaporosa
N'esta fronte que a febre encandecêra
Depôr um beijo, suspirar passando !

Meu Deus ! e, outr'ora, se um momento a vida
De poesia orvalhou meus pobres sonhos,
Foi n'uns suspiros de mulher saudosa,

Foi abatida, a fôrma desmaiada,
Uma pobre infeliz que descorando
Fazia os prantos meus correr-me aos olhos!

Pobre ! pobre mulher ! esses mancebos
Que choravão por ti... quando gemias,
Quando sentias a tua alma ardente
No canto esvaecer, pallida e bella,
E teu labio afogar entre harmonias
— Almas que de tua alma se nutrião !
Que davão-te seus sonhos e amorosos
Desfolhavão-te aos pés a flôr da vida...
Ai quantas não sentiste palpitantes,
Nem ousando beijar teu véo d'esposa,
Nas longas noites nem sonhar contigo !

E hoje riem de ti ! da creatura
Que insana profanou as azas brancas !...
Que n'um riso sem dó, uma per uma,
Na torrente fatal soltava rindo,
E as sentia boiando solitarias...
As flores da corôa, como Ophelia !...
Que illudida do amor vendeu a gloria
E deu seu collo nú a beijo impuro...
Elles riem de ti !... mas eu, coitada,
Pranteio teu viver e te perdôo .

Fada branca de amor, que sina escura
Manchou no teu regaço as roupas santas?
Porque deixavas encostada ao seio
A cabeça febril do libertino?
Porque descias das regiões doiradas
E lançavas ao mar a rota lyra
Para vibrar tua alma em labios d'elle?
Porque foste gemer na orgia ardente
A santa inspiração de teus poetas...
Perder teu coração em vis amores?
Anjo branco de Deus, que sina escura
Manchou no teu regaço as roupas santas?

Pallida Italiana! hoje esquecida
O escarneo do plebeu murchou teus louros !
Tua voz se cançou nos dithyrambos...
E tu não voltas com as mãos na lyra
Vibrar nos corações as cordas virgens
E ao genio adormecido em nossas almas
Na frente desfolhar tuas corôas!...

.

VIDA

Oh ! laisse-moi t'aimer pour que j'aime la vie !
Pour ne point au bonheur dire un dernier adieu,
Pour ne point blasphémer les biens que l'homme envie
Et pour ne pas douter de Dieu !

ALEXANDRE DUMAS.

I

Oh ! falla-me de ti ! eu quero ouvir-te
Murmurar teu amor...
E nos teus lábios perfumar do peito
Minha pallida flôr.

De tua carta nas queridas folhas
Eu sinto-me viver...

E as paginas do amor sobre meu peito
Fazem-me estremecer!

E, quando, á noite, delirante durmo,
Deito-as no peito meu...
Nos deliquios de amôr, ó minha amante,
Eu sonho o seio teu...

A alma que as inspirou, que lhes deu vida
E o fogo da paixão...
E derramou as notas doloridas
Do virgem coração!

Eu quero-as no meu peito, como sonho
Teu seio de donzella,
Para sonhar contigo o céo mais puro
E a esperança mais bella.

II

A nós a vida em flôr, a doce vida
Recendente de amor,
Cheia de sonhos, d'esperança e beijos
E pallido languor...

A tua alma infantil junto da minha
No fervor do desejo,
Nossos labios ardentes descorando
Comprimidos n'um beijo...

E as noites bellas de luar e a febre
Da vida juvenil...
E este amor que sonhei, que só me alenta
No teu collo infantil!

III

Vem co'migo ao luar: amemos juntos
N'este valle tranquillo...
De abertas flores e cahidas folhas...
No perfumado asylo:

Aqui somente a rôla da floresta,
Das sestas ao calor,
O tremer sentirá dos longos beijos...
E verá teu pallôr.

A noite encostarei a minha fronte
No virgem collo teu:

Terei por leito o valle dos amores
Por tenda o azul do céu!

E terei tua imagem mais formosa
Nas vigílias do val :
— Será da vida meu suave aroma
Teu lyrio virginal.

IV

Que importa que o anathema do mundo
Se eleve contra nós,
Se é bella a vida n'um amor immenso
Na solidão a sós?

Se nós teremos o cahir da tarde
E o frescor da manhã :
E tu és minha mãe e meus amores
E minh' alma de irmã?

Mãe e irmã
da amada

Se teremos a sombra onde se esfolhão
As flores do retiro ...
E a vida além de ti — a vida ingloria —
Não me vale um suspiro ?

Bate a vida melhor dentro do peito
Do campo na tristeza
E o aroma vital, alli, do seio
Derrama a natureza...

E, aonde as flores no deserto dormem
Com mais viço e frescôr,
Abre linda tambem a flôr da vida
Da lua no pallor.

C...

Oh! não tremas! que este olhar, este abraço
te digão quanto é ineffável — o abandono sem
revelo, os inebriamentos de uma voluptuosidade
que deve ser eterna.

GÉTIL. Fama

Sim! coroemos as noites
Com as rosas do hymeneo...
Entre flores de laranja
Serás minha e serei teu!

Sim! quero em leito de flores
Tuas mãos dentro das minhas...
Mas os cirios dos amores
Sejão só as estrellinhas.

Por incenso os teus perfumes,
Suspiros por oração
E por lagrimas... sómente.
As lagrimas da paixão!

Dos véos da noiva só tenhas
Dos cilios o negro véo...
Basta do collo o setim
Para as Madonas do céu!

X
Eu soltarei-te os cabellos...
Quero em teu collo sonhar ..
Hei — de embalar-te... do leito
Seja lampada o luar!

Sim!... corôemos as noites
Da laranjeira co'a flôr...
Adormecemos n'um templo
— Mas seja o templo do amor.

É doce amar como os anjos
Da ventura no hymeneo :
Minha noiva, ou minhi'amaute
Vem dormir no peito meu!

Dá-me um beijo, abre teus olhos

(1) Amada dominado e pg 102

Por entre esse humido véo :
— Se na terra és minha amante,
Es a minhi' alma no céo !

Delicioso. Bem trabalhado

NO TUMULO DO MEU AMIGO

JOÃO BAPTISTA DA SILVA PEREIRA JUNIOR

EPITAPHIO

Perdão, meu Deus, se a tunica da vida...
Insano profanei-a nos amores !
Se da c'róa dos sonhos perfumados
Eu proprio desfolhei as roseas flores!

No vaso impuro corrompeu-se o nectar,
A argilla da existencia desbotou-me...
O sol de tua gloria abriu-me as palpebras,
Da nodoa das paixões purificou-me !

E quantos sonhos na illusão da vida !
Quanta esperança no futuro ainda !
Tudo calou-se pela noite eterna...
E eu vago errante e só na treva infinda...

Alma em fogo, sedenta de infinito,
N'um mundo de visões o vôo abrindo,
Como o vento do mar no céu nocturno
Entre as nuvens de Deus passei dormindo !

A vida é noite ! o sol tem véo de sangue...
Tactêa a sombra a geração descrida !...
Acorda-te, mortal ! é no sepulchro
Que a larva humana se desperta á vida !

Quando as harpas do peito a morte estala
Um threno de pavor soluça e vôa...
E a nota divinal que rompe as fibras
Nas dulias angelicas echôa

O PASTOR MORIBUNDO

CANTIGA DE VIOLA

A existencia dolorida
Cança em meu peito : eu bem sei
Que morrerei ...
Comtudo da minha vida
Podia alentar-se a flôr
No teu amor.

Do coração nos refolhos
Solta um ai ! n'um teu suspiro
Eu respiro...
Mas fíta ao menos teus olhos

*Viola
me
Viola
me*

Sobre os meus... eu quero-os vêr
Para morrer!

Guarda contigo a viola
Onde teus olhos cantei...
E suspirei!
Só a idéa me consola
Que morro como vivi...
Morro por ti!

Se um dia tu' alma pura
Tiver saudades de mim,
• Meu seraphim,
Talvez notas de ternura
Inspirem o doudo amor
Do trovador!

*Trás foi um coacta dor. Teme
mesmo um Brasil carista em
Ou de a ? Estudar a gestas. Pedro
Tras...*

TARDE DE VERÃO

Viens!
Que l'arbre pénétré de parfums et de chants,
.
Et l'ombre et le soleil, et l'onde et la verdure,
Et le rayonnement de toute la nature
Fassent épauouler comme une double fleur
La beauté sur ton front, et l'amour dans ton cœur!

V. HUGO

Como cheirosa e doce a tarde expira!
De amor e luz inunda a praia bella ...
E o sol já rôxo e tremulo desdobra
Um iris furta-côr na fronte d'ella.

Deixai que eu morra só! enquanto o fogo
Da ultima febre dentro em mim vacilla,
Não venhão illusões chamar-me á vida,
De saudades banhar a hora tranquilla!

Meu Deus ! que eu morra em paz ! não me corôem
De flores infecundas a agonia !
Oh ! não doire o sonhar do moribundo
Lisongeiro pincel da phantasia !

Exaurido de dôr e d'esperança
Posso aqui respirar mais livremente,
Sentir ao vento dilatar-se a vida,
Como a flôr da lagôa transparente !

Se ella estivesse aqui ! no valle agora
Cai doce a briza morna desmaiando :
Nos murmurios do mar fôra tão doce
Da tarde no pallor viver amando !

Unil-a ao peito meu — nos labios d'ella
Respirar uma vez, cobrando alento ;
A divina visão de seus amores
Acordar o meu peito inda um momento !

Fulgura a minha amante entre meus sonhos,
Como a estrella do mar nas agoas brilha ,
Bebe á noite o favonio em seus cabellos
Aroma mais suave que a baunilha.

Se ella estivesse aqui ! jamais tão doce
O crepusculo o céo embellecêra...

E a tarde de verão fôra mais bella,
Brilhando sobre a sua primavera!

Da languida pupilla de seus olhos
N'um olhar de desdem entorna amores,
Como á briza vernal na relva molle
O pecegueiro em sôr derrama flores.

Arvore florescente d'esta vida,
Que amor, belleza e mocidade encantão,
Derrama no meu seio as tuas flores
Onde as aves do céo á noite cantão!

Vem! a areia do mar: cobri de flores,
Perfumei de jasmims teu doce leite,
Podes suave, ó noiva do poeta,
Suspirosa dormir sobre meu peito!

Não tardes, minha vida! no crepusculo
Ave da noite me acompanha a lyra...
É um canto de amor... Meu Deus! que sonhos!
Era ainda illusão — era mentira!

Amada da doçura do e p 114

1 Já na poesia O Poeta cita mesma
citação.

TARDE DE OUTOMNO

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur.

ALFRED DE MUSSET

(11)

O POETA

O' musa, porque vieste
E contigo me trouxeste
A vagar na solidão?
Tu não sabes que a lembrança
De meus annos de esperança
Aqui falla ao coração?

A SAUDADE

De um puro amor a languida saudade

Edoce como a lagrima perdida,
Que banha no seismar um rosto virgem :
Volta o rosto ao passado e chora a vida.

O POETA

Não sabes o quanto dóe
Uma lembrança que rói
A fibra que adormeceu?...
Foi n'este valle que amei,
Que a primavera sonhei,
Aqui minh' alma viveu.

A SAUDADE

Pallidos sonhos do passado morto
É doce reviver mesmo chorando :
A alma refaz-se pura. Um vento aereo
Parece que do amor nos vai roubando.

O POETA

Eu vejo ainda a janella
Onde, á tarde, junto d'ella
Eu lia versos de amor...
Como eu vivia d'enleio
No bater d'aquelle seio,
N'aquelle aroma de flôr!

Creio vê-la inda formosa,
Nos cabellos uma rosa,
De leve a janella abrir...
Tão bella, meu Deus, tão bella!
Porque amei tanto, donzella,
Se devias me trahir?

A SAUDADE

A casa está deserta. A parasita
Nas paredes estampa negra côr,
Os aposentos o hervaçal povôa.
A porta é franca... Entremos, trovador!

O POETA

Derramai-vos, prantos meus!
Dai-me mais prantos, meu Deus!
Eu quero chorar aqui...
Em que sonhos de ebriedade
No arrebol da mocidade
Eu n'esta sombra dormi!

Passado, porque murchaste?
Ventura, porque passaste
Degenerando em saudade?
Do estio seccou-se a fonte,

Só ficou na minha frente
A febre da mocidade.

A SAUDADE

Sonha, poeta, sonha! Alli sentado
No tosco assento da janella antiga,
Apoia sobre a mão a face pallida,
Sorrindo — dos amores á cantiga.

O POETA

Minh' alma triste se enluta,
Quando a voz interna escuta
Que blasphema da esperanza...
Aqui tudo se perdeu,
Minha pureza morreu
Com o enlevo de criança!

Alli, amante ditoso,
Delirante, suspiroso,
Effluvios d'ella sorvi,
No seu collo eu me deitava...
E ella tão doce cantava!
De amor e canto vivi!

Na sombra d'este arvoredó

Oh ! quantas vezes a medo
Nossos labios se tocarão !
E os seios, onde gemia
Uma voz que *amor* dizia,
Desmaiando me apertarão !

Foi doce nos braços teus,
Meu anjo bello de Deus,
Um instante do viver ...
Tão doce, que em mim sentia
Que minh'alma se esvaia...
E eu pensava alli morrer !

A SAUDADE

E berço de mysterio e d'harmonia
Seio mimoso de adorada amante :
A alma bebe nos sons que amor suspira
A voz, a doce voz de uma alma errante.

Tingem-se os olhos de amorosa sombra,
Os labios convulsivos estremecem ;
E a vida foge ao peito... apenas tinge
As faces que de amor empallidecem.

Parece então que o agitar do gozo

Nossos labios attrae a um bem divino :
Da amante o beijo é puro como as flores
E d'ella a voz é doce como um hymno.

Dizei-o vós, dizei, ternos amantes,
Almas ardentes que a paixão palpita,
Dizei essa emoção que o peito gela
E os frios nervos n'um espasmo agita.

Vinte annos ! como teus doirados sonhos !
E como a nevoa de fallaz ventura
Que se estende nos olhos do poeta
Doira a amante de nova formosura !

O POETA

Que gemer ! não me enganava !
Era o anjo que velava
Minha casta solidão ?
São minhas noites gozadas
E as venturas choradas
Que vibrão meu coração ?

E tarde, amores, é tarde :
Uma scentelha não arde
Na cinza dos seios meus...

Por ella tanto chōrei
Que mancebo morrerei...
Adeus, amores, adeus!

CANTIGA

I

Em um castello doirado
Dorme encantada donzella ...
Nasceu ; e vive dormindo
— Dorme tudo junto d'ella.

Adormeceu-a, sonhando,
Um feiticeiro condão
E dormem no seio d'ella
As rosas do coração.

Dorme a lampada argentina
Defronte do leito seu ;
Noite a noite a lua triste
Vem espreital-a do céo.

Voão os sonhos errantes
Do leito sob o docel
E suspirão no alaúde
As notas do menestrel.

E no castello, sózinha,
Dorme encantada donzella ...
Nasceu ; e vive dormindo
— Dorme tudo junto d'ella.

Dormem cheirosas, abrindo,
As roseiras em botão...
E dormem no seio d'ella
As rosas do coração.

II

A donzella adormecida
É a tua alma, santinha,

Que não sonha nas saudades
E nos amores da minha.

— Nos meus amores que velão
Debaixo do teu docel
E suspirão no alaúde
As notas do menestrel.

Acorda, minha donzella,
Foi-se a lua, eis a manhã
E nos céos da primavera
É a aurora tua irmã.

Abrirão no valle as flores
Sorrindo na fresquidão,
Entre as rosas da campina
Abrão-se as do coração.

Acorda, minha donzella,
Soltemos da infancia o véo...
Se nós morrermos n'um beijo,
Acordaremos no céo.

SAUDADES

Tis vain to struggle — let me perish young
BYRON

Foi por ti que n'um sonho de ventura
A flôr da mocidade consumi...
E ás primaveras dice adeus tão cedo
E na idade do amor envelheci.

Vinte annos! derramei-os gota á gota
N'um abysmo de dôr e esquecimento...
De fogosas visões nutri meu peito...
Vinte annos!... sem viver um só momento!

Comtudo, no passado uma esperança
Tanto amor e ventura promettia...
E uma virgem tão doce, tão divina,
Nos sonhos junto a mim adormecia!...

.

Quando eu lia com ella... e no romance
Suspirava melhor ardente nota...
E Jocelyn sonhava com Laurence
Ou Weither se morria por Carlota ...

*Amor e
Noite*

Eu sentia a tremer e a transluzir-lhe
Nos olhos negros a alma innocentinha...
E uma furtiva lagrima rolando
Da face d'ella humedecer a minha!

E quantas vezes o luar tardio
Não viu nossos amores innocentes?
Não embalou-se da morena virgem
No suspirar, nos canticos ardentes?

E quantas vezes não dormi sonhando
Eterno amor, eternas as venturas...
E que o céu ia abrir-se e entre os anjos
Eu ia despertar em noites puras?

Amada dormindo e 1/2 174

Foi esse o amor primeiro | requeimou-me
As arterias febris de juventude,
Acordou-me dos sonhos da existencia
Na harmonia primeira do alaúde.

.

Meu Deus! e quantas eu amei ... Comtudo
Das noites voluptuosas da existencia
Só restão-me saudades d'essas horas
Que illumiou tua alma d'innocencia.

Forão tres noites só... tres noites bellas
De lua e de verão, no val saudoso...
Que eu pensava existir... sentindo o peito
Sobre teu coração morrer de gozo .

E por tres noites padeci tres annos,
Na vida cheia de saudade infinda...
Tres annos de esperanza e de martyrio...
Tres annos de soffrer — e espero ainda !

A ti se erguerão meus doridos versos,
Reflexos sem calor de um sol intenso,
Votei-os á imagem dos amores
P'ra velal-a nos sonhos como incenso.

Eu sonhei tanto amor, tantas venturas,
Tantas noites de febre e d'esperança ...
Mas hoje o coração parado e frio,
Do meu peito no tumulto descança.

Pallida sombra dos amores santos !
Passa quando eu morrer no meu jazigo,
Ajoelha ao luar e entôa um canto...
Que lá na morte eu sonharei contigo.

12 de setembro, 1852.

Walter...

ESPERANÇAS

Oh! si elle m'eût aimé ...

ALFRED DE VIGNY, *Chatterton*.

Se a ilusão de minh'alma foi mentida

E, leviano, da arvore da vida

As flores desbotei...

Se por sonhos do amor de uma donzella

Immolei meu porvir e o ser por ella

Em prantos esgotei...

Se a alma consumi na dôr que mata

E banhei de uma lagrima insensata

A ultima esperança,

Oh! não me odeies, não! eu te amo ainda,
Como dos mares pela noite infinda
A estrella da bonança!

Como nas folhas do Missal do templo
Os mysterios de Deus em ti contemplo
E na tu' alma os sinto!
A's vezes, delirante se eu maldigo
As esperanças que sonhei contigo,
Perdôa-me, que minto!

Oh! não me odeies, não! eu te amo ainda,
Como do peito a aspiração infinda
Que me inflúe o viver...
E como a nuvem de azulado incenso...
Como eu amo esse affecto unico, immenso
Que me fará morrer!

Rompeste a alva tunica luzente
Que eu doirava por ti de amor demente
E aromei de abusões...
Deste-me em troco lagrimas asperrimas...
Ah! que morrerão a sangrar miserrimas
As minhas illusões!

Nos encantos das fadas da ventura

Podes dormir ao sol da formosura
Sempre bella e feliz !
Irmã dos anjos, sonharei contigo...
A alma a quem negaste o ultimo abrigo
Chora... não te maldiz !

Chora e sonha e espera : a negra sina
Talvez no céu se apague em purpurina
Alvorada de amor...
E eu acorde no céu n'um teu abraço
E repouse tremendo em teu regaço
Teu pobre sonhador !

VIRGEM MORTA

Oh! make her a grove where the sun-beams rest,
When they promise a glorious morrow!
They'll sink o'er sleep, like a smile from the west,
From her own loved land of sorrow.

TH. MOORE.

Lá bem na extrema da floresta virgem,
Onde na praia em flôr o mar suspira...
Lá onde geme a briza do crepusculo
E mais poesia o arrebol transpira...

Nas horas em que a tarde moribunda
As nuvens roxas desmaiando corta,

No leito molle da molhada areia
Deitem o corpo da belleza morta.

Irmã chorosa a suspirar desfolhe
No seu dormir da laranjeira as flores,
Vistão-n'a de setim e o véo de noiva
Lhe desdobreem da face nos pallores.

Vaguêe em torno, de saudosas virgens
Errando á noite, a lamentosa turma...
E, entre canticos de amor e de saudade,
Junto ás ondas do mar a virgem durma.

A's brizas da saudade soluçantes
Ahi, em tarde mysteriosa e bella,
Entregarei as cordas do alaúde
E irei meus sonhos prantear por ella!

Quero eu mesmo de rosa o leito encher-lhe
E de amorosos prantos perfumal-a...
E a essencia dos canticos divinos
No tumulo da virgem derramal-a.

Que importa que ella durma descorada
E velasse o pallor a côr do pejo?
Quero a delicia que o amor sonhava
Nos labios d'ella presentir n'um beijo.

Desbotada corôa do poeta!
Foi ella mesma quem prendeu-te flores!
Ungiu-as no sacrario de seu peito
Inda virgem do alento dos amores!...

Na minha fronte riu de ti, passando,
Dos sepulchros o vento peregrino...
Irei eu mesmo desfolhar-te agora
Da fronte d'ella no pallôr divino!...

E comtudo eu sonhava! e pressuroso
Da esperanza o licôr sorvi sedento!
Ai! que tudo passou!... só resta agora
O sorriso de um anjo macilento!

.

Ó minha amante, minha doce virgem,
Eu não te profanei, tu dormes pura :
No somno do mysterio, qual na vida,
Podes sonhar ainda na ventura.

Bem cedo, ao menos, eu serei contigo
— Na dôr do coração a morte leio...
Poderei amanhã, talvez, meus labios
Da irmã dos anjos encostar no seio...

E tu, vida que amei! pelos teus valles
Com ella sonharei eternamente...
Nas noites junto ao mar e no silencio,
Que das notas enchi da lyra ardente!...

Dorme alli minha paz, minha esperanza,
Minha sina de amor morreu com ella,
E o genio do poeta, lyra eolia
Que tremia ao alento da donzella!

Qu'esperanças, meu Deus! E o mundo agora
Se inunda em tanto sol no céu da tarde!
Acorda, coração!... Mas no meu peito
Labio de morte murmurou: — É tarde!

É tarde! e quando o peito estremecia
Sentir-me abandonado e moribundo!?...
E tarde! é tarde! ó illusões da vida,
Morreu com ella da esperanza o mundo!...

No leito virginal de minha noiva
Quero, nas sombras do verão da vida,
Prantear os meus unicos amores,
Das minhas noites a visão perdida ...

Quero alli, ao luar, sentir passando
Por alta noite a viração marinha,

E ouvir, bem junto ás flores do sepulchro,
Os sonhos de su' alma innocentinha.

E quando a magoa devorar meu peito...
E quando eu morra de esperar por ella...
Deixai que eu durma alli e que descance,
Na morte ao menos, sobre o seio d'ella!

HYMNOS DO PROPHETA

I

UM CANTO DO SECULO

Spiritus meus attenuabitur, dies mei
breviabuntur, et solum mihi superes
sepulchrum....

JOB.

Debalde nos meus sonhos de ventura
Tento alentar minha esperança morta
E volto-me ao porvir:
A minha alma só canta a sepultura
E nem ultima illusão beija e conforta
Meu suarento dormir...

Debalde! que exaurio me o desalento :
A flor que aos labios meus um anjo dera
 Mirrou na solidão...
Do meu inverno pelo céu nevoento
Não se levantará nem primavera,
 Nem raio de verão!

Invejo as flores que murchando morrem
E as aves que desmaião-se cantando
 E expirão sem soffrer...
As minhas veias inda ardentes correm...
E na febre da vida agonizando .
 Eu me sinto morrer!

Tenho febre! meu cerebro transborda...
Eu morrerei mancebo, inda sonhando
 Da esperança o fulgor...
Oh! cantemos ainda: a ullima corda
Inda palpita... morrerei cantando
 O meu hymno de amor!

Meu sonho foi a gloria dos valentes,
De um nome de guerreiro a eternidade
 Nos hymnos seculares,
Foi nas praças, de sangue ainda quentes,

Desdobrar o pendão da liberdade
Nas fronte populares !

Meu amor foi a verde laranjeira,
Cheia de sombra, á noite abrindo as flores,
Melhor que ao meio-dia ,
A varzea longa... a lua forasteira
Que pallida, como eu, sonhando amores,
De nevoa se cobria.

Meu amor foi o sol que madrugava,
O canto matinal dos passarinhos
E a rosa predilecta..
Fui um louco, meu Deus! quando tentava
Descorado e febril manchar no vinho
Meus louros de poeta!

Meu amor foi o sonho dos poeta
— O bello, o genio, de um porvir liberto
A sagrada utopia!..
E, á noite, prantei como os prophetas,
Dei lagrimas de sangue no deserto
Dos povos á agonial...

Meu amor !?... foi a mãe que me alentava,
Que viveu, esperou por minha vida

*Além disso, notas a melancolia insatisfação
na Tomando outro aspecto (Barmanal) em
Gravet Bundeira.*

— 129 —

Passei como Don Juan entre as donzellas,
Suspirei as canções mais doloridas

E ninguem me escutou...

Oh! nunca á virgem flôr das faces bellas
Sorvi o mel, nas longas despedidas...

Meu Deus! ninguem me amou!

Vivi na solidão, odeio o mundo...

E no orgulho embucei meu rosto pallido,
Como um astro nublado...

Ri-me da vida — lupanar immundo,
Onde se volve o libertino esqualido
Na treva... profanado!

Quantos hei visto desbotarem frios,
Manchados de embriaguez da orgia em meio

Nas infamias do vicio! (11)

E quantos morrerão inda sombrios,
Sem remorso dos negros devaneios...

Sentindo o precipicio!

Quanta alma pura... e virgem menestrel,
Que adormeceu no tremedal sem fundo,

No lodo se manchou!

Que lyras estaladas no bordel!

*Notas a insatisfação do vicio pro romã-
laros, as parvo que ele satisfaz o momento
esta da geração posterior Balas e depois
principalmente beber, bruto e gualthorne de*

E que poetas que perdeu o mundo
Em Bocage e Marlowe!

Morrer! alli na sombra, na taverna,
A alma que em si continha um canto aerêo
No peito solitario!
Sublime como a nota obscura, eterna,
Que o bronze vibra em noites de mysterio
No escuro campanario!

O' meus amigos, deve ser terrivel
Sobre as tafoas immundas, inda ebrioso,
Na solidão morrer!
Sentir as sombras d'essa noite horrivel
Surgirem d'entre o leito pavoroso...
Sem um Deus para crêr!

Sentir que a alma, desbotado lyrio,
D'um mundo ignoto vagará chorando
Na treva mais escura...
E o cadaver sem lagrimas, nem cirio,
Na calçada da rua, desbotando,
Não terá sepultura...

Perdoa-lhes, meu Deus! o sol da vida
Nas arterias inflamma o sangue em lava

E o cerebro varia...
O seculo na vaga enfurecida
Mergulha a geração que se acordava...
E nuta de agonia.

São tristes d'este seculo os destinos l...
Seiba mortal as flores que despontão
 Infecta em seu abrir...
E o cadafalso e a voz dos Girondinos
Não fallão mais na gloria e não apontão
 A aurora do porvir...

Fôra bello talvez, em pé, de novo,
Como Byron, surgir, ou na tormenta
 O homem de Waterloo !
Com sua idéa illuminar um povo,
Como o trovão da nuvem que rebenta
 E o raio derramou...

Fôra bello talvez sentir no craneo
A alma de Goethe e resumir na fibra
 Milton, Homero e Dante,
Sonhar-se, n'um delirio momentaneo,
A alma da creação e o som que vibra
 A terra palpitante...

Mas ah! o viajor nos cemiterios
N'essas n'úas caveiras não escuta
 Vossas almas errantes...
Do estandarte medonho nos imperios
A morte, leviana prostituta,
 Não distingue os amantes!...

Eu, pobre sonhador! eu, terra inculta
Onde não fecundou-se uma semente,
 Com vosco dormirei...
E d'entre nós a multidão estulta
Não vos distinguirá a fronte ardente
 Do craneo que animei...

Ó morte! a que mysterio me destinas?
Esse atomo de luz, que inda me alenta,
 Quando o corpo morrer,
Voltará amanhã...! aziagas sinas!...
A' terra n'uma face macilenta
 Esperar e soffrer?

Meu Deus! antes, Meu Deus! que uma outra vida,
Com teu braço eternal meu ser esmaga
 E minh' alma aniquila :
A estrella de verão no céo perdida

Tambem, ás vezes, seu alento apaga
N'uma noite tranquilla!...

II

LAGRIMAS DE SANGUE

Tædet animam meam vita: meæ
JON.

Ao pé das aras, ao clarão dos cirios,
Eu te devêra consagrar meus dias...
 Perdão, meu Deus! perdão...
Se neguei meu Senhor nos meus delirios
E um canto de enganosas melodias
 Levou meu coração!

Só tu, só tu podias o meu peito
Fartar de immenso amor e luz infinda
 E uma saudade calma!
Ao sol de tua fé doirar meu leito
E de fulgores inundar ainda
 A aurora na minh'alma.

Pela treva do espirito lancei-me,
P'r'as esperanças suicidei-me rindo...

Suffocando-as sem dó...

No valle dos cadaveres sentei-me
E minhas flores semeei sorrindo
Dos tumulos no pó.

Indolente Vestal, deixei no templo
A pyra se apagar ! na noite escura
O meu genio descreu...
Voltei-me para a vida... só contemplo
A cinza da illusão que alli murmura :
Morre! — tudo morreu !

Cinzas, cinzas... Meu Deus ! só tu podias
Á alma que se perdeu bradar de novo :
— Resurge-te ao amor !
Macilento, das minhas agonias
Eu deixaria as multidões do povo
Para amar o Senhor !

Do leito aonde o vicio acalentou-me
O meu primeiro amor fugiu chorando...
Pobre virgem de Deus!
Um vendaval sem norte arrebatou-me,

Acordei-me na treva... profanando
Os puros sonhos meus!

Oh! se eu pudesse amar!... — É impossível!
Mão fatal escreveu na minha vida...
A dôr me envelheceu...

O desespero pallido, impassivel,
Agoirou minha aurora entristecida,
De meu astro descreu...

Oh! se eu pudesse amar! Mas não : agora
Que a dôr emmurcheceu meus breves dias,
Quero na cruz sanguenta
Derramal-os na lagrima que implora,
Que mendiga perdão pela agonia
Da noite lutulenta!

Quero na solidão... nas ermas grutas
A tua sombra procurar chorando
Com meu olhar incerto...
As palpebras doridas nunca enxutas
Queimarei... teus phantasmas invocando
No vento do deserto.

De meus dias a lampada se apaga,
Roêrão meu viver mortaes venenos,

Curvo-me ao vento forte:
Teu funebre clarão que a noite alaga,
Como a estrella oriental, me guie ao menos
'té ao valle da morte!

No mar dos vivos o cadaver boia,
A lua é descorada como um cranco,
Este sol não reluz...

Quando na morte a palpebra se angoia,
O anjo desperta em nós e subitaneo
Vôa ao mundo da luz!

Do val de Josaphat pelas gargantas
Uiva na treva o temporal sem norte
E os phantasmas murmurão...
Irei deitar-me n'essas trevas santas,
Banhar-me na friez lustral da morte,
Onde as almas se apurão!

Mordendo as clinas do corcel da sombra,
Suffocado, arquejante passarei
Na noite do infinito.:
Ouvirei essa voz que a treva assombra,
Dos labios de minh'alma entornarei
O meu cantico afflicto!

Flôres cheias de aroma e de alegria,
Porque na primavera abrir cheirosas
 E orvalhar-vos abrindo?
As torrentes da morte vêm sombrias,
Hão-de ámanhã nas agoas tenebrosas
 Vos arrastar branindo.

Morrer! morrer! — É voz das sepulturas!
Como a lua nas salas festivaes
 A morte em nós se estampa!
E os pobres sonhadores de venturas
Roxêão ámanhã nos funcraes
 E vão rolar na campa!

Que vale a gloria, a saudação que enleva
Dos hymnos triumphaes na ardente nota
 E as turbas devaneia?
Tudo isso é vão e cala-se na treva...
— Tudo é vão, como em labios de idiota
 Cantiga sem idéa.

Que importa? quando a morte se descarna,
A esperança do céu fluctua e brilha
 Do tumulo no leito :
O sepulchro é o ventre onde se encarna

Um verbo divinal que Deus perfilha
E abysma no seu peito!

Não chorem! que essa lagrima profunda
Ao cadaver sem luz não dá conforto...

Não o acorda um momento!
Quando a treva medonha o peito inunda,
Derrama-se nas palpebras do morto
Luar de esquecimento!

Caminha no deserto a caravana,
N'uma noite sem lua arqueja e chora...

— O termo... é um sigillo!
O meu peito cançou da vida insana,
Da cruz à sombra, junto aos meus, agora,
Eu dormirei tranquillo!

Dorme alli muito amor... muitas amantes,
Donzellas puras que eu sonhei chorando

E vi adormecer...
Ouço da terra canticos errantes
E as almas saudosas suspirando
Que fallão em morrer...

Aqui dormem sagradas esperanças,
Almas sublimes que o amor erguia...

E gelarão tão cedo!
Meu pobre sonhador! ahí descansas,
Coração que a existencia consumia
E roeu em segredo!

Quando o trovão romper as sepulturas,
Os craneos confundidos acordando
No lodo tremerão...
No lodo pelas tenebras impuras
Os ossos estalados tiritando
Dos valles surgirão!

Como rugindo a chamma encarcerada
Dos negros flancos do volcão rebenta
Golfejando nos céos,
Entre nuvem ardente e trovejada
Minh'alma se erguerá, fria, sangrenta
Ao throno de meu Deus...

Perdoa, meu Senhor! O errante crente
Nos desesperos em que a mente abrasas
Não o arrojes p'lo crime!
Se eu fui um anjo que descreu demente
E no oceano do mal rompeu as azas,
Perdão! arrependi-me!

Minto Loureiro

III

A TEMPESTADE

FRAGMENTO

Propheta escarnecido pelas turbas
Disse-lhes rindo — adeus !
Vim adorar na serrania escura
A sombra de meu Deus !

O céo ennegreceu : lá no occidente
Rubro o sol se apagou;
E galopa o corcel da tempestade
Nas nuvens que rasgou !

Da gruta negra a cataracta rola,
Alaga a serra bronca,
Esbarra pelo abysmo, escuma uivando
E pelas trevas ronca....

O chão nú e escarvado p'las torrentes
Tremulo se fendeu...
Da serra a lomba escaveirada
O raio ennegreceu.

Cede a floresta ao arquejar fremente
Do rijo temporal,
Ribomba e rola o raio, nos abysmos
Sibila o vendaval.

Nas trevas o relampago fascina,
A selva se incendâ:...
— Chuva de fogo pelas serras hirtas
Phantastica serpêa...

Amo a voz da tempestade,
Porque agita o coração...
E o espirito inflammado
Abre as azas no trovão!

A minh'alma se devora
Na vida morta e tranquillã...

Quero sentir emoções,
Ver o raio que vacilla!

Enquanto as raças medrosas
Banhão de prantos o chão,
Eu quero erguer-me na treva,
Saudar glorioso o trovão!

Jehovah! derrama em chuva
Os teus raios incendidos!
Tua voz na tempestade
Rebôa nos meus ouvidos!

E quando as nuvens ribombão
E a selva medonha está
Que no relampago surge
A face de Jehovah!

A tuba da tempestade
Rouqueja nos longos céos,
De joelhos na montanha
Espero agora meu Deus!

...descrever, descrever em terra, palavras, etc.
...elementos descriptivos que é parte cules, etc.
...regras e regras que é um símbolo subfinito, etc.
...descrever. Alia — 144 —

O caminho rasgou-se : mil torrentes
Rebentão bravejando,
Rodão na espuma as rochas gigantesas
Pelo abysmo tombando.

Como em noite do cháos, os elementos
Encandecentes lutão
Negra — a terra, o céu — rubro, o mar — vozôa
— E as florestas escutão...

Tudo se escureceo ; e pela treva,
No chão sem sepultura,
Os mortos se revolvem tiritando
Na longa noite escura.

Propheta escarnecido pelas turbas
Disse-lhes rindo — adeus!
Vim fitar ao clarão da tempestade
— A sombra de meu Deus!

A incapacidade de descrever sem a. de Aguedo
...o carácter (ver. Brasilicamente hu-
...manas e quasi universal. Mas em Aguedo
...Taí parte que quem pode descrever te conto; ne-
...a. Poemas do Flauto em comparação ao con-
...mensurador de Mercator, de Bygone e de gou-
...dos Dias (Y. J. de Perama). Tudo é um fiasco do
...a. Aguedo de Vela no estado de tempo
...a. da obra dos estancos de...

LEMBRANÇA DE MORRER

No more! O never more
SHELLEY.

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espirito enlaça á dôr vivente,
Não derramem por mim nem uma lagrima
Em palpebra demente.

E nem desfolhem na materia impura
A flôr do valle que adormece ao vento :
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto o poento caminheiro...
Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sincero...

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia,
Só levo uma saudade — é d'esses tempos
Que amorosa illusão embellecia.

Só levo uma saudade — é d'essas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
E de ti, ó minha mãe! pobre coitada
Que por minhas tristezas te definhas!

De meu pai... de meus unicos amigos,
Poucos, bem poucos! e que não zombavão
Quando, em noites de febre endoudecido,
Minhas pallidas crenças duvidavão.

Se uma lagrima as palpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda
É pela virgem que sonhei!... que nunca
Aos labios me encostou a face linda!

O' tu, que á mocidade sonhadora
Do pallido poeta deste flôres...

Se vivi... foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei crystallizar-se o sonho amigo...
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu! eu vou amar contigo!

Descancem o meu leito solitario
Na floresta dos homens esquecida
A' sombra de uma cruz! e escrevão n'ella :
— Foi poeta, sonhou e amou na vida. —

Sombras do valle, noites da montanha,
Que minh' alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado
E no silencio derramai-lhe um canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando, á meia-noite, o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri as ramas...
Deixai a lua pratear-me a lousa!

*É da. mais bellos e mais da lingua. As
lito que a cartão identico de Amet, o
Planty em soule au visuel. É mais
furo, mais universal, mais escolastica-
mente non outros, mais uma - palom-
mente, inortal, mais em as piores
Eugene Brant.*

SEGUNDA PARTE

UM CADAVER DE POETA

Levem ao tumulto aquelle que parece um
cadaver! Tu não pesaste sobre a terra : a
terra te seja leve!

L. UHLAND.

I

De tanta inspiração e tanta vida,
Que os nervos convulsivos inflammava
E ardia sem conforto...
O que resta?— uma sombra esvaecida,
Um triste que sem mãe agonizava...
— Resta um poeta morto!

Morrer ! e resvalar na sepultura,
Frias na fronte as illusões ! no peito
Quebrado o coração !
Nem saudades levar da vida impura,
Onde arquejou de fome... sem um leito !
Em treva e solidão !

Tu foste como o sol : tu parecias
Ter na aurora da vida a eternidade
Na larga fronte escripta...
Porem não voltarás como surgias !
Apagou-se teu sol da mocidade
N'uma treva maldita !

Tua estrella mentiu. E do fadario
De tua vida a página primeira
Na tumba se rasgou...
Pobre genio de Deus ! nem um sudario !
Nem tumulo, nem cruz ! como a caveira
Que um lobo devorou !...

As saudades profunde em relação a A. de Aguiar
Ver o que de go allures sobre os românticos e
alceiros que conseguiram millos que arte real
se, Casimiro e Gato Alva nobilitado. Gero si
pescara pouco conseguiram dar expressão
Totali da personalidade deles. a. de Aguiar
fueron combi a gente que presente o genio que
este se realia a tua estrella mentiu.

Morreu um trovador ! morreu de fome...
Acharão-n'o deitado no caminho :
Tão doce era o semblante ! Sobre os labios
Fluctuava-lhe um riso esperançoso ;
E o morto parecia adormecido.

Ninguém ao peito recostou-lhe a fronte
Nas horas da agonia ! Nem um beijo
Em boca de mulher ! nem mão amiga
Fechou ao trovador os tristes olhos !
Ninguém chorou por elle... No seu peito
Não havia collar nem bolsa d'oiro :
Tinha até seu punhal de ferro o punho...
Pobretão ! não valia a sepultura...

Todos o virão e passarão todos...
Comtudo era bem morto desde a aurora.
Ninguém lançou-lhe junto ao corpo immovel
Um seitil para a cova!... nem sudario !

O mundo tem razão, sisudo pensa ...
E a turba tem um cerebro sublime !
De que vale um poeta?... um pobre louco
Que leva os dias a sonhar?... insano
Amante de utopias e virtudes
E, n'um tempo sem Deús, ainda crente?

Poesia

A poesia é de certo uma loucura :
Seneca o disse, um homem de renome.
E' um defeito no cerebro... Que doudos !
E' um grande favor, é muita esmola
Dizer-lhes — *bravo !* á inspiração divina...
E, quando tremem de miséria e fome,
Dar-lhes um leito no hospital dos loucos..
Quando é gelada a fronte sonhadora
Porque ha de o vivo, que despreza rimas,
Cançar os braços arrastando um morto,
Ou pagar os salarios do cozeiro ?
A bolsa esvasiar por um miserrimo,
Quando a emprega melhor em lodo e vicio?...

E que venhão ali fallar-me em Tasso !
Culpar Affonso d'Est — um soberano,
Por não lhe dar a mão da irmã tidalgal
Um poeta é um poeta : apenas isso...
Procure para amar as poetizas.

Se na França a princeza Margarida,
De Francisco primeiro irmã formosa,
Ao poeta Alain Chartier adormecido
Deu nos labios um beijo... é que esta moça,
Apesar de princeza, era uma douda...
E' a prova é que tambem rondós fazia.
Se Riccio, o trovador, teve os amores
— Novella até bastante duvidosa —
D'essa Maria Stuart formosissima,
E' que ella — sabe-o Deus! — fez tanta asneira...
Que não admira que a um poeta amasse!

Por isso adoro o libertino Horacio:
Namorou algum dia uma parenta
Do patrono Mecenas? Parasita...
Só pedia dinheiro, no triclinio
Bebia vinho bom... e não vivia
Fazendo versos ás irmãs de Augusto.

E quem era Camões? Por ter perdido
Um olho na batalha e ser valente,
As esmolas valeu. Mas quanto ao resto,
Por fazer umas trovas de vadio
Deverião lhe dar, além de gloria,
— E essa derão-lhe á farta! — algum bispado?

Alguma d'essas gordas sinecuras
Que se davão a idiotas fidalguias?

Deixem-se de visões, queimem-se os versos ;
O mundo não avança por cantigas.
Creião do poviléo os trovadores
Que um poema não val meia princeza.

Um poema, comtudo, bem escripto,
Bem limado e bem cheio de teléias,
Nas horas do café lido, fumando...
Ou no campo, na sombra do arvoredo,
Quando se quer dormir e não ha somno,
Tem o mesmo valor que a dormideira.

Mas não passe d'alli do vate a mente.
Tudo o mais são orgulhos, são loucuras...
Faublas tem mais leitores do que Homero.
Um poeta no mundo tem apenas
O valor de um canario de gaiola...
E' prazer de um momento, é mero luxo.
Contente-se em traçar nas folbas brancas
De algum *Album* da moda umas quadrinhas ;
Nem faça appellações para o futuro.
O homem é sempre o homem. tem juizo.
Desde que o mundo é mundo assim cogita.

Nem ha negal-o : não ha doce lyra,
Nem sangue de poeta ou alma virgem
Que valha o talisman que no oiro vibra :
Nem musicas, nem santas harmonias
Igualão o condão, esse electrismo,
A ardente vibração do som metallico...

.
Meu Deus! e assim fizeste a creatura?
Amassaste no lodo o peito humano?
Ó poetas, silencio! — é este o homem!
A feitura de Deus! a imagem d'elle!
O rei da criação!...

Que verme infame!
Não Deus, porém Satan no peito vacuo
Uma corda prendeu-te — o egoismo!
Oh! miseria, meu Deus! e que miseria!

*estes versos são esplendidamente
realizados*

III

Passou El-rei alli com seus fidalgos :
Ião a degolar uns insolentes

Que ousárão murmurar da infamia regia,
Das nodoas de uma vida libertina !
Ião em grande gala. O rei scismava
Na gloria de espetar no pelourinho
A cabeça de um pobre degolado.
Era um rei *bon-vivant* e rei devoto ,
E, como Luiz XI, ao lado tinha
O hobo, o capellão... e seu carrasco.

O cavallo do rei, sentindo o morto,
Trememente de terror parou nitrindo...
Deu d'esperas leviano o cavalleiro
E disse ao capellão :

« E não enterrão
Esse homem que apodrece e no caminho
Assusta-me o corse! ? »

Depois voltou-se
E disse ao camarista de semana :
« Conheces o defunto? Era inda moço,
Daria certamente um bom soldado...
A figura é esbelta ! Forte pena !
Podia bem servir para um lacaio. »

Descoberto, o facciro fidalgote,
Responde-lhe fazendo a cortezia .

« Pelas tripas do Papa! eu não me engano,
Leve-me Satanaz se este defunto
Hontem não era o trovador Tancredo! »

« Tancredo! » murmurou erguendo os olhos
Um amphibio, um barbaças truanesco,
Alma de Triboulet, que além de bobo
Era o vate da côrte! bem nutrido,
Farto de sangue, mas de veia pobre,
Cahidos beijos, volumoso abdomen,
Grisalha cabelleira esparramada,
Tremendo narigão, mas testa curta,
Em summa um glosador de sobremesas.

« Tancredo! — repetiu imaginando —
Um asno! só cantava para o povo...
Uma lingua de fel, um insolente!
Orgulho desmedido!.. e quanto aos versos
Morava como um sapo n'agoa doce...
Não sabia fazer um trocadilho... »

O rei passou, com elle a companhia!
Só ficou resupino e macilento
Da estrada em meio o trovador defunto!

Essa toda a essencia do lirico suo romantico bra-
sileiro e tudo o seu desenvolvimento actual. Com
reflexões de outros poetas que adotou formuloas artis-
ticas e esteticas os outros não tem a mesma base de
arte que organiza a fôrma em palavras e fôrmas
visuaes a voz e cantam-no. Não sabem fazer um
trocadilho. Não tudo isto se sente abstracção e reflexões
além de Gonçalves Dias que se a unificação de arte e

IV

Ia cahindo o sol. Bem reclinado
No vagaroso coche, madornando,
Depois de bem jantar fazendo a sésta,
Roncava um nedio, um barrigudo frade...
Bochechas e nariz, em cima uns oculos.
Vermelho solidéo... emfim um bispo.
E um bispo, senhor Deus! da idade média,
Em que os bispos — como hoje e mais ainda —
Sob o peso da cruz bem rubicundos,
Dormindo bem e a regalar bebendo,
Sabião engordar na sinecura!
Papudos santarrões, depois da missa,
Lançando ao povo a benção — por dinheiro!

O cocheiro ia bebado por certo:
Os cavallos tocou p'lo hom caminho
Mesmo em cima das pernas do cadaver...
Refugou a parelha mas o sóta
— Que ao sol da gloria episcopal enchia
De orgulho e de insolencia o couro inerte,

Cuspindo o poviléo, como um fidalgo
Que em falta de miolo tinha vinho
Na cabeça devassa — deu de esporas...
Como passára sobre a vil carniça
Raléo de corvos negros, foi por cima...
Mas desgraça! maldito aquelle morto!
Desgraça!... não porque pisasse o coche
Aquelles magros ossos, mas a roda
Na humana resistencia abalroando...
Acorda o fradalhão...

« O que succede?

Pergunta bocejando, é algum bebado?
Em que bicho pisárão? »

« Senhor bispo,

— Triumphante responde o bom cocheiro
Ao vigario de Christo, ao santo Apostolo,
Rebento da fidalga raça nova
Que não anda de pé como S. Pedro,
Nem estafa os corseis de S. Francisco —
« Perdõe Vossa Excellencia Eminentissima,
É um pobre diabo de poeta...
Um homem sem miolo e sem barriga
Que lembrou-se de vir morrer na estrada! »

« Abrenuncio! rouqueja o santo bispo,

Leve o Diabo essa tribu de bohemios!
Não ha tanto lugar onde se morra?
Maldita gente! inda persegue os Santos
Depois que o Diabo a leva!... »

E foi caminho.

Leve-te Deus! Apostolo da crença,
Da esperança e da santa caridade!
Tu, sim, és religioso e nos altares
Vem cada sacristão e cada monge
Agitar a teus pés o seu thuribulo!
E o sangue do Senhor no calix d'oiro
Da turba na oração te banha os labios...

Leve-te Deus, Apostolo da crença!
Sem padres como tu que fóra o mundo?...
E' por ti que o altar apoia o throno!
É teu olhar que fertiliza os valles,
Fecunda a vinha santa do Messias!

Leve-te Deus... ou leve-te o Demonio!

V

Cahiu a noite do azulado manto,
Como gotas de orvalho, sacudindo
Estrellas scintillantes... Veio a lua,
Banhando de tristeza o céu profundo,
Frazer aos corações melancolia,
E no ether cheiroso derramar
Cerulea chamma ! — Dia incerto e pallido
Que ao lado da floresta as sombras junta
E golfa pelas agoas das campinas
Alvacentos clarões que as flores bebem !
A galope, de volta do noivado,
Passa o Conde Solfier e a noiva Elfrida :
Seguem fidalgos que o saráo reclama.

ELFRIDA.

— Não vês, Solfier, alli da estrada em meio
Um defunto estendido ?

SOLFIER.

— Ó minha Elfrida,

Voltemos d'esse lado : outro caminho
Se dirige ao castello. E' máo agouro
Por um morto passar em noites d'estas.

Mas Elfrida appproxima o seu cavallo.

ELFRIDA.

« Tancredo!... Vêde!?... é o trovador Tancredo!
Coitado! assim morrer! um pobre moço ...
Sem mãe e sem irmã! E não o enterrão?
N'este mundo não teve um só amigo! »

« Ninguém, senhora! respondeu da sombra
Uma dorida voz. Eu vim, lia pouco,
Ao saber que do povo no abandono
Jazia como um cão, eu vim... e eu mesmo
Cavei junto do lago a cova d'elle. »

ELFRIDA.

« Tendes um coração: tomai, mancebo,
Tomai esta pulseira... Em ouro e joias
Tem bastante p'ra erguer-lhe um monumento
E para longas missas lhe dizerem
Pelo repouso d'alma... »

O moço riu-se.

O DESCONHECIDO.

« Obrigado : guardai as vossas joias.
Tancredo o trovador morreu de fome!
Passarão- lhe no corpo frio e morto,
Salpicarão de lodo a face d'elle,
Talvez cuspissem n'esta fronte santa,
Cheia outr'ora de eternas phantasias,
De ideias a valer um mundo inteiro!...
Porque lançar esmolas ao cadaver?
Leva-as... fidalga, tuas joias bellas :
O orgulho do plebêo as vê sorrindo...
Missas?.. bem sabe Deus se n'este mundo
Gemeu alma tão pura como a d'elle!
Foi um anjo ! e murchou-se como as flores
Morreu sorrindo, como as virgens morrem...
Alma doce que os homens engeitirão,
Lyrio que a turba immunda profanou
Oh! não te mancharei, nem a lembrança
Com o óbolo dos ricos! Pobre corpo
És o templo deserto, onde habitava
O Deus que em ti soffreu por um momento!
Dorme, pobre Tancredo! eu tenho braços :
Na cova negra dormirás tranquillo...
Tu repousas ao menos!
.

No emtanto, sofrendo a custo a raiva,
Mordendo os lábios de soberba e furia,
Solfier da bainha arranca a espada,
Avança ao moço e brada-lhe :

« Insolente!

Cala-te, doudo! cala-te, mendigo!
Não vês quem te fallou? Curva o joelho,
Tira o gorro, villão...»

O DESCONHECIDO.

« Tu vês : não tremo !

Tu não vales o vento que salpica
Tua fronte de pó. Porque és fidalgo
Não sabes que um punhal vale uma espada
Dentro do coração? »

Mas logo Elfrida :

« Acalma-te, Solfier! O triste moço
Desespera, blasphema e não me insulta.
Perdôa-me também, mancebo triste!
Não pensei offender tamanho orgulho:
Tua magoa respeito. Só te imploro
Que sobre a fronte ao trovador desfolhes
Estas flores, as flores do noivado

De uma triste mulher... E quanto ás joias,
Lança-as no lago... Mas quem és? teu nome? »

O DESCONHECIDO.

« Quem sou? um doudol uma alma de insensato
Que Deus maldice e que Satan devora!
Um corpo moribundo em que se nutre
Uma scintilla de pungente fogol
Um raio divinal que dóe e mata,
Que d'ira as nuvens e amortalha a terra!...
Uma alma como o pó em que se pisa!
Um bastardo de Deus! um vagabundo
↳ que o genio gravou na fronte — anathema!
D'esses que a turba com o dedo aponta...
Mas não; não hei de sel-o! eu juro n'alma,
Pela caveira, pelas negras cinzas
De minha mãe o juro!... Agora, ha pouco,
Junto de um morto reneguei do genio,
Quebrei a lyra á pedra de um sepulchro...
— Eu era um trovador, sou um mendigo...

Ergueu do chão a dádiva d'Elfrida,
Roçou as flores aos trementes labios,
Beijou-as. Sobre o peito de Tancredo
Pousou-as lentamente...

« Em nome d'elle,
Agradeço estas flores do teu seio,
Anjo que sobre um tumulto desfolhas
Tuas ultimas flores de donzella! »

Depois vibrou na lyra estranhas magoas,
Carpui á longa noite escuras nenias, *dei*
Cantou : banhôu de lagrimas o morto.

De repente parou : vibrou a lyra
Co'as mãos iradas tremulas... e as cordas
Uma per uma rebentou cantando...
Tinha fogo no craneo e suffocava :
Passou a fria mão nas fontes humidas,
Abriu a medo os labios convulsivos,
Sorriu de desespero ; e sempre rindo
Quebrou as joias e as lançou no abysmo...

VI

No outro dia, na borda do caminho
Deitado ao pé de um fosso aberto apenas

Viu-se um mancebo loiro que morria...
Semblante feminil e formas debeis,
Mas nos pallores da espaçosa fronte
Uma sombria dôr cavára sulcos :
Corria sobre os labios alvacentos
Uma leve humidez, um ló d'escuma;
E seus dentes a raiva constringira...
Tinha os punhos cerrados... Sobre o peito
Acharão letras de uma lingua estranha..
E um vidro sem licôr — fôra veneno!...

Ninguém o conheceu : mas conta o povo
Que, ao lançal-o no tumulo, o coveiro
Quiz roubar-lhe o gibão, despiu o moço...
E viu... talvez é falso... niveos seios...
Um corpo de mulher de fórmias puras...

VII

Na tumba dormem os mysterios d'ambos:
Da morte o negro véo não ha erguêl-o!
Romance obscuro de paixões ignotas,

O amor de G. Alves por
Agnes T. Murray

— 165 —

Poema d'esperança e desventura,
Quando a aurora mais bella os encantava,
Talvez rompeu-se no sepulchro d'elles!
Não póde o bardo revelar segredos
Que levarão ao céo as ternas sombras:
— Desfolha apenas n'essas fronte puras
Da extrema inspiração as flores murchas...

... a obra, fougada ou literaria de Ag. ...
... de todos os seus caracteres, mais ...
... com referencias ou exemplos anteriores, ...
... a expressao interpret e ...
... de Ag. ... e ...
... a obra ...
... a obra ...
... a obra ...
... a obra ...

IDEAS INTIMAS

FRAGMENTO

La chaise où je m'assieds, la natte où je me couche
La table où je t'écris.
Mes gros soulers ferrés, mon bâton, mon chapeau,
Mes livres pêle-mêle entassés sur leur planche.
De cette espace étroit sont tout l'ameublement.

LAMARTINE. Jocelyn

I

Ossian — o bardo, é triste como a sombra
Que seus cantos povôa. O Lamartine
É monotono e bello como a noite,
Como a lua no mar e o som das ondas... |||

... a obra ...
... a obra ...
... a obra ...

Que pranteião eternas monodias.
Tem na lyra do genio uma só corda,
— Fibra de amor e Deus que um sopro agita !
Se desmaia de amor... a Deus se volta,
Se pranteia por Deus... de amor suspira.
Basta de Shakspeare. Vem tu agora,
Phantastico allemão, poeta ardente,
Que illumina o clarão das gotas pallidas
Do nobre Johannisberg ! Nos teus romances
Meu coração deleita-se... Comido,
Parece-me que vou perdendo o gosto,
Vou ficando *blusé* : passeio os dias
Pelo meu corredor, sem companheiro,
Sem ler, nem poetar... Vivo fumando.
Minha casa não tem menores nevoas
Que as d'este céu d'inverno... Solitario
Passo as noites aqui e os dias longos...
Dei-me agora ao charuto em corpo e alma :
Debalde alli de um canto um beijo implora,
Como a belleza que o Sultão despreza,
Meu cachimbo allemão abandonado !
Não passeio a cavallo e não namoro ,
Odeio o *lasquet*... Palavra d'honra !
Se assim me continuão por dous mezes
Os diabos azues nos frouxos membros,
Dou na Praia Vermelha ou no Parnaso.

II

Enchi o meu salão de mil figuras:
Aqui vòas um cavallo no galope,
Um rôxo *dominó* as costas volta
A um cavalleiro de allemães bigodes,
Um preto beberrão sobre uma pipa
Aos grossos beiços a garrafa aberta...
Ao longo das paredes se derramão
Extinctas inscripções de versos mortos
E mortos ao nascer!. Alli na alcova,
Em agoas negras, se levanta a ilha
Romantica, sombria, á flôr das ondas
De um rio que se perde na floresta...
— Um sonho de mancebo e de poeta,
El-Dorado de amor que a mente cria,
Como um Eden de noites deleitosas...
Era alli que eu podia no silencio
Junto de um anjo... Além o romantismo!
Borra adiante folgaz caricatura
Com tinta de escrever e pó vermelho
A gorda face, o volumoso abdomen,

E a grossa penca do nariz purpureo
Do alegre vendilhão, entre botelhas,
Mettido n'um tonel... Na minha commoda,
Meio encetado o copo, inda verbera
As agoas d'oiro do *Cognac* ardente:
Negreja ao pé narcotica botelha
Que da essencia de flores de laranja
Guarda o licôr que nectarisa os nervos.
Alli mistura-se o charuto havano
Ao mesquinho cigarro e ao meu cachimbo...
A mesa escura cambaleia ao peso
Do titaneo Digesto ; e ao lado d'elle
Childe-Harold entre-aberto... ou Lamartine
Mostra que o romantismo se descuida
E que a poesia sobrenada sempre
Ao pesadelo classico do estudo.

Poema do Romantismo

III

Reina a desordem pela sala antiga,
Desce a têa de aranha as bambinellas
A' estante pulvurenta. A roupa, os livros

Sobre as poucas cadeiras se confundem.
Marca a folha do Faust um collarinho
E Alfredo de Musset encobre, ás vezes,
De Guerreiro ou Valasco um texto obscuro.
Como outr'ora do mundo os elementos
Pela treva jogando cambalhotas,
Meu quarto, mundo em cháos, espera um *Fiat*

IV

Na minha sala trez retratos pendem :
Alli Victor Hugo. — Na larga fronte
Erguidos luzem os cabellos loiros,
Como c'rôa soberba. Homem sublime !
O poeta de Deus e amores puros !
Que sonhou Triboulet, Marion Delorme
E Esmeralda — a Cigana... E diz a chronica
Que foi aos tribunaes parar um dia
Por amar as mulheres dos amigos
E adulteros fazer *romances vivos*.

V

Aquelle é Lamennais — o bardo santo,
Cabeça de propheta, ungido crente,
Alma de fogo na mundana argilla,
Que as harpas de Sion vibrou na sombra,
Pela noite do seculo chamando
A Deus e á liberdade as loucas turbas.
Por elle a George Sand morreu de amores,
E dizem que... Defronte, aquelle moço
Pallido, pensativo, a fronte erguida,
Olhar de Bonaparte em face austriaca,
Foi do homem secular as esperanças:
No berço imperial um céu de agosto
Nos cantos de triumpho despertou-o...
As aguias de Wagram et de Marengo
Abrião flammejando as longas azas,
Impregnadas do fumo dos combates,
Na purpura dos Cesares, guardando-o...
E o genio do futuro parecia
Predestinal-o á gloria. A historia d'elle?...
Resta um craneo nas urnas do estrangeiro..

Um loureiro sem flores nem sementes...
E um passado de lagrimas... A terra
Tremeu ao sepultar-se o Rei de Roma.
Póde o mundo chorar sua agonia
E os louros de seu pai na fronte d'elle
Infecundos depôr... Estrella morta,
Só póde o menestrel sagrar-te prantos!

*Essa canção não tem mais do que o melhor de ser
de Roma. Dale mais que a drama inteiro
de Portugal e que aliás não esqueça
de falar de A. de Gusmão, e Luzes.*

VI

Junto a meu leito, com as mãos unidas,
Olhos fitos no céo, cabellos soltos,
Pallida sombra de mulher formosa
Entre nuvens azues pranteia orando.
É um retrato talvez. N'aquelle seio
Porventura sonhei doiradas noites,
Talvez sonhando desatei sorrindo
Alguma vez nos hombros perfumados
Esses cabellos negros e em deliquio
Nos labios d'ella suspirei tremendo.
Foi-se a minha visão... E resta agora
Aquella vaga sombra na parede
— Phantasma de carvão e pó ceruleo! —

Tão vaga, tão extincta e fumarenta
Como de um sonho o recordar incerto.

VII

Amada do somno e 79 201

Em frente do meu leito, em negro quadro,
A minha amante dorme. É uma estampa
De bella adormecida. A rosea face
Parece em visos de um amor lascivo
De fogos vagabundos accender-se...
E com a nivea mão recata o seio...
Oh! quantas vezes, ideal mimoso,
Não encheste minli'alma de ventura,
Quando louco, sedento e arquejante
Meus tristes labios imprimi ardentes
No poento vidro que te guarda o somno!

VIII

O pobre leito meu, desfeito ainda,
A febre aponta da nocturna insomnia.

Aqui languido a noite debati-me
Em vãos delirios anhelando um beijo...
E a donzella ideal nos roseos labios,
No doce berço do moreno seio
Minha vida embalou estremecendo...
Forão sonhos contudo! A minha vida
Se esgota em illusões. E quando a fada
Que diviniza meu pensar ardente
Um instante em seus braços me descança
E roça a mêlo em meus ardentes labios
Um beijo que de amor me turva os olhos...
Me ateia o sangue, me enlanguece a fronte...
Um espirito negro me desperta,
O encanto do meu sonho se evapora..
E das nuvens de naçar da ventura
Rólo tremendo á solidão da vida!

IX

Oh! ter vinte annos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzella!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave attracção de um roseo corpo

Meus olhos turvos se fechar de gozo!
Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passão tantas visões sobre meu peito!
Pallor de febre meu semblante cobre,
Bate meu coração com tanto fogo!
Um doce nome os labios meus suspirão,
Um nome de mulher... e vejo languida
No véo suave de amorosas sombras
Semi-nua, abatida, a mão no seio,
Perfumada visão romper a nuvem,
Sentar-se junto a mim, nas minhas palpebras
O alento fresco e leve como a vida
Passar delicioso... Que delirios!
Acordo palpitante... inda a procuro:
Embalde a chamo, embalde as minhas lagrimas
Banhão meus olhos e suspiro e gemo...
Imploro uma illusão... tudo é silencio!
Só o leito deserto, a sala muda!
Amorosa visão. mulher dos sonhos,
Eu sou tão infeliz, eu soffro tanto!
Nunca virás illuminar meu peito
Com um raio de luz d'esses teus olhos?

X

Meu pobre leito! eu amo-te comtudo!

Aqui levei sonhando noites bellas,
As longas horas olvidei libando
Ardentes gotas de licôr doirado,
Esqueci-as no fumo, na leitura
Das paginas lascivas do romance...

Meu leito juvenil, da minha vida
E's a pagina d'ouro. Em teu asylo
Eu sonho-me poeta e sou ditoso...
E a mente errante devaneia em mundos
Que esmalta a phantasia! Oh! quantas vezes
Do levante no sol entre odaliscas
Momentos não passei que valem vidas!
Quanta musica ouvi que me encantava!
Quantas virgens ameí! que Margaridas,
Que Elviras saudosas e Clarissas,
Mais tremulo que Faust, eu não beijava...
Mais feliz que Don Juan e Lovelace,
Não apertei ao peito desmaiando!

O' meus sonhos de amor e mocidade,
Porque ser tão formosos, se devieis
Me abandonar tão cedo... e eu acordava
Arquejando a beijar meu travesseiro?

XI

Junto do leito meus poetas dormem
— O Dante, a Biblia, Shakspeare e Byron,
Na mesa confundidos. Junto d'elles
Meu velho candieiro se espreguiça
E parece pedir a formatura.
O' meu amigo, ó velador nocturno,
Tu não me abandonaste nas vigílias,
Quer eu perdesse a noite sobre os livros,
Quer, sentado no leito, pensativo
Relesse as minhas cartas de namoro...
Quero-te muito bem, ó meu comparsa
Nas doudas scenas de meu drama obscuro!
E n'um dia de *spleen*, vindo a pachorra,
Hei - de evocar-te d'um poema heroico
Na rima de Camões e de Ariosto,
Como padrão ás lampadas futuras!

[2]

.....

fundamente verdadeiro, no que me
é. Almas e a língua.

Esta passagem anacronística onde não
se pode ver um erro e me é ironia, o que é
segundo me parece e o que é comogio seria
mas a propria co-pode em a. Almas e a
lingua e a lingua e a lingua e a lingua

XII

Aqui sobre esta mesa junto ao leito
Em caixa negra dous retratos guardo:
Não os profanem indiscretas vistas.
Eu beijo-os cada noite : n'este exilio
Venero-os juntos e os prefiro unidos...
— Meu pai e minha mãe ! Se acaso, um dia,
Na minha solidão me acharem morto,
Não os abra ninguém. Sobre meu peito
Lancem-os em meu tumulo. Mais doce
Será certo o dormir da noite negra,
Tendo no peito essas imagens puras.

XIII

Havia uma outra imagem que eu sonhava
No meu peito na vida e no sepulchro
Mas ella não o quiz... rompeu a tela,

sentimento ardente.

Onde eu pintára meus doirados sonhos.
Se posso no viver sonhar com ella,
Essa trança beijar de seus cabellos
E essas violetas inodoras, murchas
Nos labios frios comprimir chorando,
Não poderei na sepultura, ao menos,
Sua imagem divina ter no peito!

XIV

Parece que chorei... Sinto na face
Uma perdida lagrima rolando...
Satan leve a tristeza! Oiá, meu pagem,
Derrama no meu copo as gotas ultimas
D'essa garrafa negra...

Eia! bebamos!
És o sangue do genio, o puro nectar
Que as almas do poeta diviniza,
O condão que abre o mundo das magias!
Vem, flogoso *Cognac*! É só contigo
Que sinto-me viver. Inda palpito,
Quando os effluvios d'essas gotas aureas

Filrão no sangue meu correndo a vida,
Vibrão-me os nervos e as arterias queimão,
Os meus olhos ardentes se escurecem
E no cerebro paixão delirosos
Assomos de poesia... D'entre a sombra
Vejo n'um leito d'ouro a imagem d'ella
Palpitante, que dorme e que suspira,
Que seus braços me estende...

Eu me esquecia...

Faz-se noite: traz fogo e dous charutos

E na meza do estudo accende a lampada...

de Aguedo não era absolutamente com um
reson, um anormal. Era 20 anos do suas
moralizadoras. Era um novo e interessante. Era
sua natureza, colhia também ideias nas
de, ou manuturo, daquelas e dos estudos e
que germinando estavam suas tarde de uma
claras proçuziosa pela afeccão de pre-
genial de espirito - pensamento. Não
possível deplorar a morte de quem morreu
em critica mas a este que foi o outro parte
romantico. Os livros de seu morren do cad. de
para. represento talvez a ultima de proçuzão
esta dadas, e este que le. de Aguedo feroi na
colleita av. de. de suas multares obras, como
esta obra prima dos Ideias Intimas, a sua uma
perfeita representação de 20 anos - prova (U
me e 20 anos, normal. Parrazem sobre. 20 anos
normal) Ideias e Filozofias e (11) 11
de Aguedo ja as hucere, mas de colleita,
mas q'perido, não percam não dando filhas
inda. Por um ficou opulas sensacionista.

BOHEMIOS

ACTO DE UMA COMEDIA NÃO ESCRITA

« Totus mundus agit histrioniam. »

Proverbio do tempo de SHAKSPERE.

A scena passa-se na Italia, no seculo XVI. Uma rua escura e deserta. Alta noite. N'uma esquina uma imagem de Madona em seu nicho alumiado por uma lampada.

Puff dorme no chão abraçando uma garafa. *Nini* entra tocando guitarra. Dão 5 horas.

NINI.

Olá! que fazes, *Puff*? dormes na rua?

PUFF, acordando

Não durmo... Penso.

NINI,

Estás enamorado?

E deitado na pedra acaso esperas
O abrir de uma janella? Estás cioso
E co'a botella em vez de durindana
Aguardas o rival?

PUFF.

Ceiei á farta

Na taverna do Sapo e das Tres-Cobras...
Faço o chylo. . ao repouso me abandono.
Como o Papa Alexandre ou como um Turco
Me entrego ao *far niente* e bem a gosto
Descanço na calçada imaginando.

NINI.

Embalde quiz dormir. Na minha mente
Fermenta um mundo novo que desperta.
Escuta, Puff : eu sinto no meu cranio,
Como em seio de mãe, um feto vivo...
Na minha insomnia vela o pensamento :
Os poetas passados e futuros
Vou todos offuscar... A qui no cerebro
Tenho um grande poema. Hei de escrevel-o...
É certa a gloria minha!

*Almas e
Suares*

*A forma sentimental de la. G. e' tan
enata que parece-se que elle se cria ate
de si mesmo. E' do Romantismo e dos
sentimentos e tardou em as romanticas tambem
tal e qual neste trecho.*

PUFF.

A ideia é boa :

Toma dez hebedeiras... são dez cantos.
Quanto a mim, tenho fé que a poesia
Dorme dentro do vinho. Os bons poetas
Para ser immortaes beberão muito.

NINI.

Não rias... Minha idéa é nova e bella.
A Musa me votou a eterna gloria.
Não me engano, meu Puff, enquanto sonho...
Se aos poetas divinos Deus concede
Um céo mais glorioso, alli com Tasso,
Com Dante e Ariosto eu hei de vêr-me...
Se eu fizer um poema, certamente
No Pantheon da fama com estatuas
Cantarão aos vindouros o meu geio !

PUFF.

Em estatua, meu Nini ? Estás zombando !
É impossivel que saias parecido...
Que marmore daria a côr vermelha
D'esse immenso nariz, d'essas melenas ?

NINI.

Estás bebado, Puff. Tresandas vinho.

PUFF.

O vinho!?... és uma besta!... só um parvo
Póde a belleza desmentir do vinho.
Tu nunca leste o Cantico dos Canticos
Onde o rei Salomão, como elogio,
Dizia á noiva : — *Pulchriora sunt*
Ubera tua vino!

NINI.

E's sempre um bobo.

PUFF.

E tu és sempre esse nariz vermelho,
Que ainda aqui na treva d'esta rua
Flammeja ao pé de mim. Quando te vejo,
Penso que estou na igreja ouvindo missa
Dita por Cardeal.

NINI.

E's um devasso...

PUFF.

Respondo-te sómente o que dizia
Sir John Falstaff, da noite o cavalleiro :
« Se Adão peccou no estado de innocencia,
Que muito é que nos dias da impureza

Peque o misero Puff? » Tu bem o sabes :
Toda a fragilidade vem da carne...
E na carne se eu tanto excedo os outros,
Vicios não devem meus causar espanto.
Minh' alma dorme em treva completissima
Pela minha descrença... E tu, maldito,
Porque sempre não vens esclarecer-me
Com esse teu pharol acceso sempre,
Cavalleiro da lampada vermelha,
As trevas de minh'alma?

NINI.

Que leproso!

PUFF.

Sou um homem de peso. Entendo a vida,
Tenho muito miolo; e a prova d'isto
É que não sou poeta, nem philosopho...:
E gósto de beber, como Panurgio.
Se tu fosses tonel, como pareces,
Eu te bebêra agora de um só trago.

NINI.

Quero-te bem comtudo. Amigos velhos
Deixemo-nos de historias. Meu poema...

PUFF.

Se fallas em poema, eu logo durmo.

NINI.

Uma vez era um rei...

PUFF.

Não vês? eu ronco.

NINI.

Quero a ti dedicar minha obra prima...
Irás junto co'migo á eternidade !
Teu retrato porei no frontispicio.
Meu poema será uma corôa
Que as nossas fronte engrinalde juntas.

PUFF.

Pensei-te menos doudo. O teu poema
Seria uma sublime carapuça!
Mas, já que sonhas tanto, olha, meu Nini,
Tu precisas de um sacco.

NINI.

Impertinente!

PUFF.

Dá-me aqui tua mão. Sabes, amigo?
Passei hontem o dia de namoro
Minhas paixões voltei á nova esposa

Do velho Conde que alli mora em frente...
Estou adiantado nos amores.
A cozinheira, outr'ora minha amante,
Meus passos guia, meus suspiros leva:
Mas preciso com pressa de um soneto!
Promettes-me fazel-o?

NINI.

Se me ouvires
Recitar meu poema...

PUFF.

Eu me resigno.
Declama teu sermão, como um vigario...
Mas o somno ao rebanho se permite?

(Entra um criado correndo.)

Rôa-me o diablo as tripas, se não vejo
Alli correr com pernas de cabrita
O criado do conego Tansoní.

NINI.

Onde vais, Gambioletto?

GAMBIOLETTTO.

Vou á pressa
Ao doutor Fossuário

PUFF.

Acaso agora

O carrasco fugiu?

NINI.

Quem agoniza?

GAMBIOLETTA.

O Reverendo e Santo Sr. Conego!
Deitando-se a dormir, depois da ceia,
No collo de Madona la Zaffeta,
Umás dores sentiu pela barriga,
Cahiu estrebuxando sobre a sala...
Morre de apoplexia.

NINI.

O diabo o leve!

GAMBIOLETTA.

E o medico, Sr.!

PUFF.

Venturoso!

Sempre é Conego ... Nini, *dulce et decus*
Pro patria mori... É doce e glorioso

Morrer de apoplexia! Quem me déra
Morrer depois da ccia, de repente!
Não vem o confessor contar novellas,
Não soão cantos funebres em torno,
Nem se fórça o medroso moribundo
A rezar, quando só dormir quizera!
Venturosos os Conegos e os Bispos...
E os papudos Abbades dos conventos!
Elles podem morrer de apoplexia!
E se morrem pensando — cousa nova! —
Quem nunca no viver cançou-se n'isso,
Se elles morrem pensando, ante seus olhos,
No momento final sem ter pavores,
Inda corre a visão da bella meza!
A não morrer-se como o velho Pindaro
Cantando, sobre o seio amorenado
De sua amante Grega, oh! quem me déra
Cahir morto no chão, beijando ainda
A botelha divina!

NINI.

Que maluco!

A esta horas da noite, assim no escuro
Não temes de lembrar-te de defuntos?
Beijarias até uma caveira,
Se espumante o Madeira ali corresse!

PUFF

Os calices doirados são mais bellos !
Inda porém mais doce é nos beicinhos
De bella moça que sorrindo bebe...
Libar mais terno o saibo dos licores...
Eu prefiro beijar a tua amante.

NINI.

Tens medo de defuntos ?

PUFF.

Um bocado

Sinto que não nasci para coveiro.
Comtudo, no domingo, á meia noite...
Pela forcea passei : vi nas alturas,
Do luar sem vapor á luz formosa,
Um villão pendurado. Era tão feio!
A lingua um palmo fóra sobre o peito,
Os olhos espantados, bocca livida,
Sobre a cabeça d'elle estava um corvo...
O morto estava nú, pois o carrasco
Os mortos despe p'ra vestir os filhos
E deixa á noite o padecente á fresca.
Eu senti pelo corpo uns arrepios...
Mas depois veio o animo... trepei

Pela escada da forca, fui acima...:
E pintei uns bigodes no enforcado.

NINI.

Bravo como um Vampiro!

PUFF.

Oh! antes d'hontem
Passei pelos telhados sem ter medo,
Para evitar um pateo onde velava
Um cão - que enorme cão! - subindo ao quarto
Onde dorme Rosina Belvidera...

NINI

Ousaste ao Cardeal depôr na frente
Tão pesada corôa?

PUFF.

A mitra cobre...
Dizem que a santidade lava tudo!
Depois... o Cardeal estava bebado...
A proposito, sabes dos amores
Do capitão Tybald? O tal maroto
Não sei de que milagres tem segredo
Que deu volta á cabeça da rainha.

NINI.

Por isso o pobre Rei anda tão triste!

PUFF.

Spadaro, o fidalgote barba-ruiva,
Contou-me que espiando p'la janella
Do quarto da rainha os viu... Caluda!

NINI.

E o Rei que faz? Não tem lá na cozinha
Algum páo de vassoura ou um chicote!

PUFF.

El-Rei Nosso Senhor então cejava.

NINI.

Santo Rei!

PUFF.

E demais é bem sabido
Que El-Rei só reina á meza e nas caçadas.

NINI.

Nunca perde um veado quando atira.

PUFF.

Elle caça veados?... Má fortuna!
Não o cacem tambem pela ramagem!

NINI.

Com lingua tão comprida e viperina
Irás parar na forca...

PUFF.

Nini, escuta :

Assisti esta noite a um pagode
Na taverna do Sapo e das tres Cobras.
Era já lusco-fusco... e eu entrando
Dou com Frei São José e Frei Gregorio,
O Prior do convento dos Bernardos
E mais uns dous ou tres que só conheço
De vêr pelas esquinas se encostando,
Ou dormidos na rua a somno solto...

120
12

Que soberbo painel! Faze uma idéal
Um banquete! fartura! que presuntos!
Que tostados leitões que recendião!
N'uma enorme caldeira enormes peixes!
Rechidos capões fervendo ainda!
Perús! *olhas podridas!* costellelas...
— Esgotára o talento a cozinheira!
Abertos garrafões! garrafas cheias!
Vinho em copos immensos transbordando:..
Na toalha, já suja, debruçados
Aquelles religiosos cachaçudos
De bocca aberta e de embotados olhos.
Gastronomos! alli é que se via
Que é sciencia o comer... e como um frade

Goza pelo nariz e pelos olhos,
Pelas mãos, pela bocca... e faz focinho
E bate a lingua ao paladar gostoso
Ao celestes sabor de um bom pedaço!

Depois! era bonito! Frei Gregorio
Co'a bocca de gordura reluzente,
Farto de vinho, esquece o rheumatismo,
Esquece a erysipela já sem cura,
Canta rondós e dança a tarantela... *dic*
Arrasta-se cahindo e se babando
Aos pés da taverneira. De joelhos
Faz-lhe a côrte, cantando o *Miserere*,
Principia sermões, engróla textos
E a gorda mão estende ao nedio seio
Da bella mocetona... a mão lhe beija,
A mão que o sceptro cinge de vassoura...
Chora, soluça e cai, estende os braços,
Ainda a chama e o canto-chão entôa...

Era de rir! Os velhos amorosos,
Uns de joelhos no chão, outros cantando
Estendidos na meza entre os despojos,
Outros beijando a moça, outros dormindo. .
E ella no meio delambida e fresca
Excita-os mutuamente e os rivalisa,

Passa-lhes pelo queixo a mão gorducha...

Corre o Prior a sôco um Barbadinho,
Atracção-se, blasphemão, s'esconjurão...
Um agarra na barba do contrario,
Outro tenta apertar o papo alheio...
Abração-se na luta os dous volumes
E rolão como pipas. No oceano
Assim duas baleias ciumentas
Atracção-se na luta... Que risadas!
Que risadas, meu Deus! arrebrandando
Soltou o pobre Puff ante a comedia!

NINI.

Ouve agora o poema...

PUFF.

Espera um pouco:
A taverna do canto não se fecha...
Está aberta. Compra uma garrafa...
Bom vinho... tu bem sabes! Tenho a guela
Fidalga como um rei. Não tenho duvida :
Mentiu a minha mãe quando contou-me
Que nasci de um prosaico matrimonio...
Eu filho de escrivão!... Para crear-me
Era — senão um Rei — preciso um Bispo!

NINI.

(Vai á taverna e volta.)

Eis aqui uma bella empada fria,
Uma garrafa e copo.

PUFF, quebrando o copo.

O Demo o leve!

Eu sou como Diogenes: só quero
Aquillo sem o que viver não posso.
Deitado n'esta lage, preguiçoso,
Olhando a lua, beijo esta garrafa...
E o mundo para mim é como um sonho.
Creio até que teu ventre desmedido,
Como escura caverna, vai abrir-se,
Mostrando-me no seio illuminado
Panoramas de harêm, sultanas lindas
E longas prateleiras de bom vinho!

NINI.

Don comeco ao poema. Escuta um pouco.

I

« Havia um rei, n'uma ilha solitaria,
Um rei valente, cavalleiro e bello.
O rei tinha um irmão: - era um mancebo
Pallido, pensativo. A sua vida
Era nas serras divagar seiscando,
Sentar-se junto ao mar, dormir no bosque
Ou vibrar no alaúde os seus gemidos.

II

Jayme
Vagabundo, uma vez, junto das ondas
O principe encontrou na areia fria
Uma branca donzella desmaiada,
Que um naufragio na praia arremessara :
Revelavão-lhe as roupas gotejantes
O bello talhe niveo, o melindroso
Das bem moldadas formas. O mancebo

Nos braços a tomou e foi com ella
Esconder-se no bosque.

Quando a bella
Suspirando acordou, o bello principe
Aos pés d'ella velava de joelhos.

Amarão-se. É a vida. Elles viverão
D'esse desmaio que dá corpo aos sonhos,
Que realiza visões e aroma a vida
Na sua primavera. A lua pallida,
As sombras da floresta e d'entre a sombra
As aves amorosa que suspirão
Virão aquellas fronte namoradas,
Ouvirão, suffocando-se n'um beijo,
Suspiros que o deleite evaporava.

III

Orei linha um truão. O caso é visto :
É muito natural. Se reis sombrios
Gostão de bobos na doirada côrte.

Não admira de certo que um risonho
Em vez de capellão tivesse um bobo

Loriolo — o truão do rei, acaso,
Um dia, atravessando p'la floresta,
Foi dar n'uma cabana de folhagens :
Ninguem estava alli, porém n'um leito
De brandas folhas e cheirosas flores
Elle viu estendidas roupas alvas
— E roupas de mulher ! e junto um gorro,
Que pelas joias e fluctuantes plunas
E pela firma no velludo negro
Denunciava o principe.

Loriolo,

Apesar de na côrte ser um Bobo,
Não era um zote. Foi-se remoendo...
Jurou dar com a historia dos namoros
E, para andar melhor em tal caminho,
Elle, que adivinhava que as Americas
Sem protecção de rei ninguem descobre,
Madrugou muito cedo... inda era escurro
E convidou el-rei para o passeio.

IV

Ora, por uma triste desventura,
O rei entrando na Cabana Verde
Achou só a mulher... adormecida
No desalinho descuidoso e bello
Com que ellas dormem, soltos os cabellos,
A face sobre a mão e os seios lindos
Batendo á solta na macia tela
Da roupa de dormir que os modelava...
Não digo mais...

Adormecida

(1)

Loriolo pôz-se á espreita.
O rei de leve despertou a bella,
Acordou-a n'um beijo...

V

A linda moça,
Se havia alli raivosa apunhalar-se,

(1) Não confundi com uma moçada adormecida, faz aqui o rei encontrar a moçada adormecida e quando se fala em moçada encantada veja p. 216.

Fazer espalhafato e gritaria,
Por um capricho, voluptuoso assomo,
Entregou-se ao amor do Rei...

VI

« Maldito! »

Bradou-lhe á porta um vulto macilento.
« Maldito! meu irmão, aquella moça
É minha, minha só, é minha amante
E minha esposa fôra... »

O rei sorrindo

Lhe estende a regia mão e diz alegre :
« A culpa é tua. Eu d'isto não sabia;
Se do teu casamento me fallasses,
Eu respeitára tua... »

« Basta, infame!

Não acrescentes zombaria ao crime.
Hei-de punir-te. É solitario o bosque;
Aqui não és um rei, porém um homem,

Um vil em cujo sangue hei-de lavar-me,
Oh! sangue! quero sangue! eu tenho sede! »

VII

Despiu tremendo a reluzente espada.
O mesmo fez o Rei. — Lutarão ambos.
Fæmine sacra fames, quantum pectora
Mortalia cogis! E embalde a moça,
Ajoelhada, semi-núa e pallida,
Vinha chorando, mais gentil no pranto,
Entre as espadas se lançar gemendo.
Embalde! Longo tempo encarniçada
A peleja durou... Emfim cahirão:
Rolárão ambos trespassados, frios..
E, na treva de morte que os cegava,
Inda alongando os braços convulsivos
Que avermelhava o fraticida sangue,
Procuravam no sangue o inimigo!

VIII

O Bobo fez as covas. Na montanha
Enterrou os irmãos. E quanto á moça,
Pelo braço a tomou chorosa e fria,
Foi ao paço e, na gothica varanda,
De corda real e longo manto,
Fallou á plebe, prometteu franquezas...
Impostos levantar e dar torneios.
Fallou aos guardas : prometteu-lhes vinho...
Fallou á fidalguia, mas no ouvido...
E prometteu-lhe consentir nos vicios
E depressa fazer uma lei nova
Pela qual, se um fidalgo assassinasse
Algum torpe villão, ficasse impune...
E nem pagasse mais a vil quantia
Que era pena do crime ; e alto disse
Que havia conquistar paizes novos.

IX

A historia infelizmente é muito vista.
Não sou original! E' uma desgraça!
Mas prefiro o character verdadeiro
De trovador chronista.

Loriolo

Trocou de guizo o boné sonoro
— Muito leve chapéo! — pela corôa...
Só teve uma desgraça o rei novato :
Foi que um dia fugiu-lhe do palacio
A tal moça volante nos amores.

IX

Muitos annos passarão. Loriolo
Era um sublime rei. De rei a bobo
Já tantos tem cabido! Não admira

Que um Bobo sendo Rei primasse tanto.
Governava tão bem como governão
Os reis de sangue azul e raça antiga.
Demais gastava pouco e, se não fosse
Seu amor pelas alvas formosuras,
De certo que na lista dos monarchas
Elle ficava sendo o Rei -- Sovina.
Enfim, era um monarcha de mão cheia.
Tinha só um defeito — vendo sangue
Tinha frio no ventre e desmaiava
Ao luzir de uma espada... Era nervoso!
Ninguem fallava n'isso. Até a giba,
A figura de anão, a pelle escura,
Aquella bocca negra escancarada
(E que nem dentes amarellos tinha
P'ra ser de Adamastor', as gambias finas,
Erão typo dos quadros dos pintores.
Se pintavão Adonis ou Cupido
Copiavão o Rei em corpo inteiro!
E o oiro das moedas, que trazia
A ventosa bochecha, os beiços grossos,
O porcino perfíl e a cabelleira...
Era beijado com fervor e culto!

XI

Loriolo envelhecia entre os applausos,
Dando a mão a beijar á fidalguia.
Demais, um sabichão tizera um livro
Em vinte e tantos volumões in-folio,
Obra cheia de mappas e figuras,
Em que provava que por linha recta
De Hercules descendia Loriolo
E portanto de Jupiter Tonante!...
E apresentou as certidões em copia
De obito e nascimento e baptisterio
E até de casamento! e para prova
De que nas veias puras do monarcha
Não corrêra a mais leve bastardia...
É inutil dizer que os taes volumes
Nada contavão sobre o pai — porqueiro,
Como o do Santo Papa Sixto Quinto...
E sobre a mãe do rei — a velha Mória,
Que vendêra perús... Deus sabe o resto!
Nos tempos folgazões da mocidade!

XII

Um dia ao reino cem navios tocão:
São piratas do Norte! — são Normandos!
Infrene multidão nas praias corre,
Levando tudo a ferro... até os frades
Matão, queimão, saqueão, furtão moças...
E a infrene turba corre até aos paços.

XIII

Emquanto vem a campo a fidalguia,
Armada *pied en cap*, espada em punho,
Loriolo sem falla, nos apertos...
Nas adegas se esconde.

Embalde o chamão,
Embalde corre voz que dos Normandos
Emissario de paz o rei procura,

El-rei suou de susto a roupa inteira!
Nem era de pasmar que a reis e povo,
Como ao bicho de seda a trovada,
Camisas de onze varas apavorem
E façam frio aparições de força!

XIV

Um soldado normando, que buscava
Nas adegas reaes alguma pinga,
Mette a verruma n'uma velha pipa:
Um grito sai d'alli, mas não licores...
O soldado feroz destampa o nicho,
Agarra um vulto dentro, mas sómente
Sente nas mãos vasia cabelleira...
Desembainha a torva durindana,
Nas cavernas da pipa e nas cavernas
Do coração do rei rehôa o golpe.
Estala-se o tonel de meio a meio.
Entretanto o bom Rei que não fallava,
Sujo da lia da ruinosa pipa,
Mais morto do que vivo (já pensando
Que seu reino acabava n'um espeto

Como o reino do gallo), ás cambalhotas
Rola aos pés do soldado, chora e treme,
Gagueja do pavor nos calafrios
E pelo amor de Deus perdão implora.

XV

O soldado, maroto e bom gaiato,
Agarra ás costas o real trambolho,
Como um villão que á feira leva um porco...
E no meio do pateo, entre despojos,
De pernas para o ar e cara suja
Atira o bobo...

— El-rei! clama um fidalgo.

XVI

Porém o rei não falla... Súa e treme.

« Singofredo o pirata aqui me envia :

— Diz ao rei o pacífico Mercurio
O arauto de paz que vem de bordo,—
Eu venho aqui propôr-vos um tratado.
Por direito de espada e por herança
Singofredo é senhor d'estes paizes;
Elle vem reclamar sua corôa...
Se o rei não se oppuzer não corre sangue :
Senão hão-de fazel-o em sarrabulho,
Puchado p'lo nariz o encher de todo
E espetar-lhe a careta sobre um mastro.
Singofredo-o feroz, me exige apenas
Que o rei deixando o sceptro d'este reino
Seja sempre na côrte Rei... da Lua.
Loriolo virá ao seu caminho
Trajando seu gibão amarellado
Com remendos de côr e campainhas,
Meias rôxas e gorro afunilado. »

XVII

Loriolo suspira. O povo espera.
Pela face do bobo corre a furto

Uma lagrima tremula. É desgraça
Tendo subido a rei voltar...

Nem ousa
O nome proferir de sua infamia.

De repente uma idéa o illumina...
Deu uma das antigas gargalhadas,
Inda em trajés de rei graceja e pula.

Foi uma dança comica, phantastica,
Um riso que doia — tão gelado
Coava ao coração!... Estava doudo...
Dançou a gargalhar... cahiu exausto,
Cahiu sem movimento sobre o lodo...
Escutárão-lhe o peito. Estava morto.

Ora o pirata, o invasor normando,
Era filho da nossa conhecida,
Que, posto não podesse com acerto
Dizer quem era o pai do seu bohémio,
Afirmava contudo afoutamente
Que, em todo o caso, tinha jus ao throno.

Reina pela cidade a bebedeira...

E bebendo-se á saude do bastardo
O bobo que foi rei ninguem sepulta... »

Bem vês, amigo Puff, que n'este conto
Em poucos versos digo historias longas :
— Amores, mortes e no throno um bobo
E sobre o lodo um rei que não se enterra.
Muito embora a mulher as roupas fação,
Eu provo que o burel não faz o monge,
E um bobo é sempre um bobo. Mostro ainda
De meu estro no vario cosmorama
Um rei que n'uma pipa o throno perde
E um bastardo que o pai dizer não póde
E em nome de dous pais, ambos em duvida,
Vem na sangueira reclamar seu nome.

Um outro só com isso déra a lume
Um poema em dez cantos. Sou conciso,
Não ousou tanto : dou sómente idéas,
Esboço aqui apenas meu enredo.

Mas... Puff! olá, meu Puff, es| ás dormindo,

Prosaico beborrão! Acorda um pouco!
Bebeu todo o meu vinho, a empada foi-se...
Não resta-me esperança! Este demonio
De um poeta como eu nem vale um murro!

UM HOMEM DE PLATÉA.

Silencio! fôra a pega! que massada!
Até o ponto dorme a somno solto!

Levanta-se o panno até o meio. — Passa por debaixo o
vem até a rampa o

PROLOGO.

velho de cabeça calva, camisola branca, carapuça phry-
gia coroada de louros. Tem um ramo de oliveira na mão.
Faz as cortezias do estilo e falla :

Dom Quichote, sublime creatura!
Tu sim! foste leal e cavalleiro,
O ultimo heróe, o paladim extremo
De Castella e do mundo. Se teu cerebro
Toldou-se na loucura, a tua insania
Vale mais do que o siso d'estes seculos

Em que e Infamia, Dagon cheio de lodo,
 Recbe as orações, myrrhas e flores...
 E a louca multidão renega o Christo!
 Tua loucura revelava brio:
 No triste livro do immortal Cervantes
 Não posso crêr um insolente escarneo
 De cavalleiro andante aos nobres sonhet,
 Ao fidalgo da Mancha, cuja nodoa
 Foi só ter crido em Deus e amado os homens
 E votado seu braço aos opprimidos.
 Aquellas folhas não me causão riso,
 Mas desgosto profundo e tedio á vida.
 Soldado e trovador, era impossivel
 Que Cervantes manchasse um valeroso
 Em vil caricatura! e desse á turba,
 Como presa de escarneo e de vergonha,
 Esse homem que á virtude, amor e canto
 Abria o coração!...

Estas idéas

Servem para desculpa do poeta.
 Apesar de bom moço o autor da peca
 Tem uns laivos talvez de Dom Quichote...
 E n'estes tempos de verdade e prosa
 — Sem Gigantes, sem Magicos medonhos
 Que velavão nas torres encantadas

Alguns de Dagon de d'Almeida a Lisboa, 1820

*que Dom Quichote Tolosa a fez para mais intrinsecamente romancista
do que para ser um cleroico, mas foi muito importante para a literatura.
O Barão de... sempre me a minha representação e sempre dele, por ser
... em 6 de... Não creio que o tempo... por me ter me...*

Alguns de Dagon de d'Almeida a Lisboa, 1820
que para ser um cleroico, mas foi muito importante para a literatura.
O Barão de... sempre me a minha representação e sempre dele, por ser
... em 6 de... Não creio que o tempo... por me ter me...

deitada dormindo, com as
nuas e chova de dragões etc., de
inspira no Hala Adornada.

As donzellas dormidas por cem annos —
Do seu imaginar esgrime as sombras
E dá botes de lança nos moinhos.

2/19 231

Mas não escreve satyras : apenas
Na idade das visões dá corpo aos sonhos,
Faz trovas e não talha carapuças,
Nem rebuça no véo de mundo antigo,
P'ra realce maior, presentes vicios,
Não segue Juvenal e nem embebe
Em venenoso fel a penna escura
Para nodos pintar no manto alheio.

T
X

O tempo em que se passa agora a scena
E' o seculo dos Borgias. O Ariosto
Depôz na frente a Raphael gelado
Sua c'róa divina e o segue ao tumulo.
Ticiano inda vive. O rei da turba
E' um genio maldito — o Aretino,
Que vende a alma e prostitúe as crenças.
Aretino! essa incrível creatura,
Poeta sem pudor, onda de lodo
Em que do genio profanou-se a perola...
Vaso d'oiro que um oxydo sem cura
Azinhavrou de morte... homem terrivel
Que tudo profanou co'as mãos immundas,

7/2

Aretino

Este conto pessoal que a directa da palavra carrega nas
quasi ou exactamente como cria pinguins no
de 1840 pra 1890 mais ou menos. Eu Barthélemy
com sem erro. Procurar no outro romantico, de
um caso de pra. não é ciência politica. Profano
e maldito e tragico, não maldito de direito de

Que latiu como um cão mordendo um seculo!
E, como diz um epitaphio antigo,
Só em Deus não mordeu, porque o não vira...
Como elle, foi devasso todo o seculo :
Os contos de Boccacio e de Brantôme
São mais puros que a historia d'esses tempos...
Tasso enlouquece. O Rei *que se diverte*
— O heróe de Marignan e de Pavia
Que n'um vidro escrevêra do palacio
« *Femme souvent varie* », mas leviano
Com mais amantes que um Sultão vivia —
Mandava ao Aretino amaveis letras,
Um collar d'oiro com sangrentas lingoas
E dava-lhe pensões. O Vaticano
Viu o Papa beijando aquella fronte,
Carlos V o nomeia cavalleiro,
Abraça-o e — inda mais! — lhe manda escudos.
O Duque João Medicis o adora,
Dorme com elle a par no mesmo leito...
E' um tempo de agonias : a arte pallida,
Suarenta, moribunda, desespera
E aguarda o funeral de Miguel Angelo,
Para com elle abandonar o mundo
E angelica voltar ao céu dos Anjos.

Agora basta. Revelei minh'alma.

A scena descrevi onde corrêra
Inteira uma comedia, em vez de um acto
Se o poeta, mais forte, se atrevesse
A erguer nos versos a medonha Sombra
Da loucura fatal do mundo inteiro.

Boas noites l platêa e camarotes:
O ponto já me diz que deixe o campo,
O primeiro galan todo empoado,
Cheio de vermelhão, já dentro falla...
Estão cheios de luz os bastidores.

Uma ultima palavra : o autor da peça,
Puxando-me da tunica romana,
Diz-me da scena que eu avise ás Damas
Que d'esta feita os saes não são precisos. .
Não ha-de sarrabulho haver no palco.
E' uma peça classica. O perigo
Que pôde ter logar é vir o somno;
Mas dormir é tão bom, que certamente
Ninguem por esse dom fará barulho.

O assumpto da Comedia e do Poema
Era digno sem duvida, Senhores,
De uma penna melhor; mas desta feita
Não falla Shakspeare, nem Gil Vicente.

O poeta é novato, mas promete:
Posto que seja um homem barrigudo
E tenha por Thalia o seu cachimbo
Merece applausos e merece a gloria.

A ironia, um humorismo pesado, e de
atimo, quasi ou bem allusão, sempre
supraçado sempre dentro duma tal ou
qual curargura de contemplar seria
mucate a vida, sempre dentro duma tal
ou qual inquirição. Éire e humoris-
mo de l'ide le, sendo.

SPLEEN E CHARUTOS

SOLIDÃO

Nas nuvens côr de cinza do horizonte
A lua amarellada a face embuça;
Parece que tem frio e, no seu leito,
Deitou, para dormir, a carapuça.

Ergueu-se... vem da noite a vagabunda
Sem chale, sem camisa e sem mantilha,

Vem núa e bella procurar amantes...
-- E' douda por amor da noite a filha. (1)

As nuvens são uns frades de joelhos,
Rezão adormecendo no oratorio...
Todos tem o capuz e bons narizes
E parecem sonhar o refeitório.

As arvores rateião-se na praia,
Qual de uma fada os magicos retiros...
(Ó lua, as doces brizas que susurrão
Coão dos labios teus como suspiros!) *linda imagem*

Fallando ao coração... que nota aerea
D'este céo, d'estas agoas se desata ?
Canta assim algum genio adormecido
Das ondas mortas no lençol de prata ?

Minh' alma tenebrosa se entristece,
E' muda como sala mortuaria...
Deito-me só e triste sem ter fome,
Vendo na meza a ceia solitaria.

O' lua, ó lua bella dos amores,
Se tu és moça e tens um peito amigo,

(1) *De a parte (2.ª ed.) é "mulher da noite"
e é "raiz da noite" a lua é "filha da
noite" --*

Não me deixes assim dormir solteiro,
A' meia noite vem ceiar co'migo!

II

MEU ANJO

Meu anjo tem o encanto, a maravilha
Da espontanea canção dos passarinhos...
Tem os seios tão alvos, tão macios
Como o pello sedoso dos arminhos.

Triste de noite na janella a vejo
E de seus labios o gemido escuto...
E leve a creatura vaporosa
Como a frouxa fumaça de um charuto.

Parece até que sobre a fronte angelica
Um anjo lhe depôz corôa e nimbo...
Formosa a vejo assim entre meus sonhos
Mais bella no vapor do meu cachimbo.

No
raça
grand
Vai
idec
entre

Como o vinho hespanhol, um beijo d'ella
Entorna ao sangue a luz do paraizo...
Dá morte n'um desdem, n'um beijo vida
E celestes desmaios n'um sorriso!

Mas quiz a minha stna que seu peito
Não batesse por mim nem um minuto...
E que ella fosse leviana e bella
Como a leve fumaça de um charuto!

No millar de me, do millar de me! Um exemplo que
nao amara e atenta no pueril e no fado um
grande desdem. U. de Lyudo amo desproyado.
Vai laby, reben seus amos e verd. deus amos
e deus um que é imp. al desproy ar. U bitar por
trahente de ideal alguns nomes das 7 da 7. Yatinos

III

VAGABUNDO

Eat, drink and love; what can the rest avail us?

BYRON. Don Juan.

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,
Fumando meu cigarro vaporoso,
Nas noites de verão namoro estrellas,
Sou pobre, sou mendigo e sou ditoso!

Ando rôto, sem bolsos, nem dinheiro...
Mas tenho na viola uma riqueza :
Canto á lua de noite serenatas...
E quem vive de amor não tem pobreza.

Não invejo ninguém, nem ouço a raiva
Nas cavernas do peito, suffocante,
Quando, á noite, na treva, em mim se entornão
Os reflexos do baile fascinante.

Namoro e sou feliz nos meus amores,
Sou garboso e rapaz... Uma criada,
Abrasada de amor por um soneto,
Já um beijo me deu subindo a escada...

Oito dias lá vão que ando scismando
Na donzella que alli defronte mora...
Ella ao vêr-me sorri tão docemente!
Desconfio que a moça me namora...

Tenho por meu palacio as longas ruas,
Passeio a gosto e durmo sem temores::
Quando bello, sou rei como um poeta,
E o vinho faz sonhar com os amores.

O degráo das igrejas é meu throno,

Minha pátria é o vento que respiro,
Minha mãi é a lua macilenta
E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De paineis a carvão adorno a rua...
Como as aves do céo e as flores puras
Abro meu peito ao sol e durmo á lua.

Sinto-me um coração de lazzaroni,
Sou filho do calor, odeio o frio,
Não creio no diabo nem nos santos...
Rezo á Nossa Senhora e sou vadio!

Ora, se por ahí alguma bella,
Bem doirada e amante da preguiça,
Quizer a nivea mão unir á minha
Ha-de achar-me na Sé, domingo, á missa.

IV

A LAGARTIXA

A lagartixa ao sol ardente vive
E fazendo verão o corpo espicha :
O clarão de teus olhos me dá vida.
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

Amo Amo-te como o vinho e como o somno,
Tu és meu copo e amoroso leite...
Mas teu nectar de amor jámais se esgota,
Travesseiro não ha como teu peito.

Posso agora viver : *para corôas* para corôas
Não preciso no prado colher flores,
Engrinaldo melhor a minha fronte
Nas rosas mais gentis de teus amores.

Vale todo um harem a minha bella,
Em fazer-me ditoso ella capricha...

Vivo ao sol de seus olhos namorados,
Como ao sol de verão a lagartixa.

V

LUAR DE VERÃO

O que vês, trovador? — Eu vejo a lua
Que sem lavar a face allí passcia...
No azul do firmamento inda é mais pallida
Que em cinzas do fogão uma candeia.

O que vês, trovador? — No esguio tronco
Vejo erguer-se o chinó de uma nogueira...
Além se entorna a luz sobre um rochedo,
Tão liso como um páo de cabelleira.

Nas praias lisas a maré enchente
S'espraia scintillante d'ardentia...
Em vez de aromas as doiradas ondas
Respirão effluviosa maresia!

O que vês, trovador? — No céu formoso
Ao sopro dos favonios feiticieiros
Eu vejo — e tremo de paixão ao vel-as —
As nuvens a dormir, como carneiros.

E vejo além, na sombra do horizonte,
Como viuva moça envolta em luto,
Brilhando em nuvem negra estrella viva,
Como na treva a ponta de um charuto.

Teu romantismo bebo, ó minha lua,
A teus raios divinos me abandono,
Torno-me vaporoso... e só de vêr-te
Eu sinto os labios meus se abrir de somno.

VI

O POETA MORIBUNDO

Poetas! amanhã ao meu cadaver
Minha tripa cortai mais sonora!...

Fação d'ella uma corda e cantem n'ella
Os amores da vida esperançosa!

Cantem esse verão que me alentava...
O aroma dos curraes, o bezerrinho,
As aves que na sombra suspiravão
E os sapos que cantavão no caminho!

Coração, porque tremes? Se esta lyra
Nas minha mãos sem força desafina,
Emquanto ao cemiterio não te levão,
Casa no marimbão a alma divina!

Eu morro qual nas mãos da cozinheira
O marreco piando na agonia...
Como o cysne de outr'ora... que gemendo
Entre os hymnos de amor se enternecia.

Coração, porque tremes? Vejo a morte,
Alli vem lazarenta e desdentada...
Que noiva!... E devo então dormir com ella?...
Se ella ao menos dormisse mascarada!

Que ruinas! que amor petrificado!
Tão ante-diluviano e gigantesco!

Ora, façõ idéa que ternuras
Terá essa lagarta posta ao fresco!

Antes mil vezes que dormir com ella,
Que d'essa furia o gozo, amor eterno...
Se ali não ha tambem amor de velha
Dê-m-me as caldeiras do terceiro Inferno!

No inferno estão suavissimas bellezas,
Cleopatras, Helenas, Eleonoras...
Lá se namora em boa companhia,
Não pôde haver inferno com Senhoras!

Se é verdade que os homens gozadores,
Amigos de no vinho ter consolos,
Forão com Satanaz fazer colonia,
Antes lá que no Céu soffrer os tolos!

Ora! e forcem um'alma qual a minha
Que no altar sacrifica ao deus-Preguiça
A cantar ladainha eternamente
E por mil annos ajudar a missa!

É ELLE! É ELLE!

E ella! é ella! — murmurei tremendo,
E o echo ao longe murmurou é ella!...
Eu a vi... minha fada aerea e pura,
A minha lavadeira na janella!

D'essas agoas furtadas onde eu moro
Eu a vejo estendendo no telhado
Os vestidos de chita, as saias brancas...
Eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido
Nas telhas que estalavão nos meus passos

*avinda
debravada
21/2/16*

Ir espiar seu venturoso somno,
Vê-la mais bella de Morphêo nos braços!

Como dormia! que profundo somno!...
Tinha na mão o ferro do engommado...
Como roncava maviosa e pura!
Quasi cahi na rua desmaiado!

Afastei a janella, entrei medroso :
Palpitava-lhe o seio adormecido...
Fui beijal-a... roubei do seio d'ella
Um bilhete que estava alli mettido...

Oh! de certo... (pensei) é doce pagina
Onde a alma derramou gentis amores!...
São versos d'ella... que amanhã de certo
Ella me enviará cheios de flores...

Tremi de febre! Venturosa folha!
Quem pousasse comtigo n'este seio!
Como Othello beijando a sua esposa,
Eu beijei-a a tremer de devancio ..

E' ella! é ella! — repeti tremendo,
Mas cantou n'esse instante uma coruja...

como a sua epicação era sem realidade
critica, mais exacerbação sentimental e
passi-... que outro... Pela mão, mais
mente... que pulsa verdadeiro.

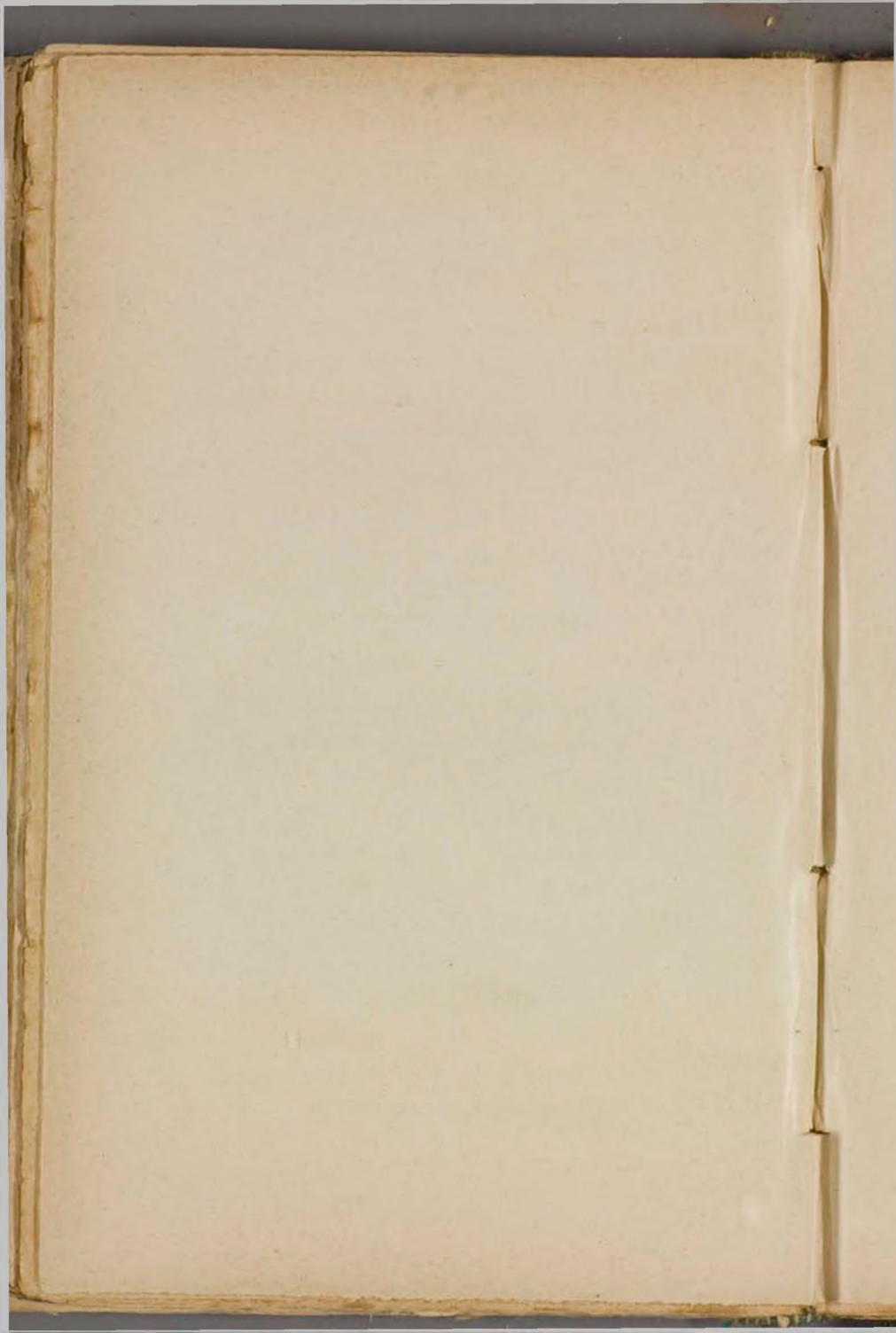
Abri cioso a pagina secreta...

Oh! meu Deus! era um rol de roupa suja!

Mas se Werther morreu por vêr Carlota
Dando pão com manteiga ás criancinhas,
Se achou-a assim mais bella... eu mais te adoro
Sonhando-te a lavar as camisinhas!

É ella! é ella! meu amor, minh'alma,
A Laura, a Beatriz que o céu revela...
É ella! é ella! — murmurei tremendo,
E o echo ao longe suspirou — é ella!

Mistura formidável de carinho e de ironia, a
realidade amargura, amargura que provoca a
excessiva a ironia no mesmo tempo que verifica
a beleza e carinho, neste ponto talvez de todos
romanticos e que teve maior elevação de sen-
timento no sentido ideal de nobreza, de aristo-
cracia, ironia e lyrico foi de todos os romanticos
e de alma mais sincera. Foi talvez o mais
bom de viver uma sociedade de pobreza ven-
tal e burguesia de sentimentos que os entre-
dantados não chegam a desfercar. Mas
notar o amor pelo pai e pela mãe. Além disso
da carta que escreve a esta se amarrava de



TERCEIRA PARTE

MEU DESEJO

Meu desejo? era ser a luva branca
Que essa tua gentil mãosinha aperta,
A camélia que murcha no teu seio,
O anjo que por te ver do céu deserta...

Meu desejo? era ser o sapatinho
Que teu mimoso pé no baile encerra...
A esperança que sonhas no futuro,
As saudades que tens aqui na terra...

Meu desejo? era ser o cortinando
Que não conta os mysterios de teu leito,
Era de teu collar de negra seda
Ser a cruz com que dormes sobre o peito.

Meu desejo? era ser o teu espelho
Que mais bella te vê quando deslaças
Do baile as roupas de escomilha e flôres
E mira-te amoroso as nuas graças!

Meu desejo? era ser d'esse teu leito
De cambraia o lençol, o travesseiro
Com que velas o seio, onde repousas,
Solto o cabello, o rosto feiticeiro....

Meu desejo? era ser a vóz da terra
Que da estrella do céu ouvisse amôr!
Ser o amante que sonhas, que desejas
Nas scismas encantadas de languor!

Assista a d'esse teu leito e p. 249

SONETO

Um mancebo no jogo se descóra,
Outro bebado passa noite e dia,
Um tolo pela valsa viveria,
Um passeia a cavallo, outro namora.

Um outro que uma sina má devora
Faz das vidas alheias zombaria,
Outro toma rapé, um outro espia...
Quantos moço perdidos vejo agora!

Oh! não proibão, pois, no meu retiro
Do pensamento ao merencorio luto
A fumaça gentil por que suspiro.

N'uma fumaça o canto d'alma escuto...
Um aroma balsamico respiro,
Oh! deixai-me fumar o meu charuto!

SONETO

Ao sol do meio dia eu vi dormindo
Na calçada da rua um marinheiro,
Roncava a todo o panno o tal bregeiro
Do vinho nos vapores se expandindo!

Além um hespanhol eu vi sorrindo,
Saboreando um cigarro feiticeiro,
Enchia de fumaça o quarto inteiro..
Parecia de gosto se esvaindo!

Mais longe estava um pobretão caréca
De uma esquina lodosa no retiro
Enlevado tocando uma rabeca!...

di

Venturosa indolencia! não deliro
Se morro de preguiça... o mais é séca!
D'esta vida o que mais vale um suspiro?

POR QUE MENTIAS?

Por que mentias, leviana e bella,
Se minha face pallida sentias
Queimada pela febre ?.. e minha vida
Tu vias desmaiar... por que mentias?

Acordei da illusão ! a sós morrendo
Sinto na mocidade as agonias.
Por tua causa desespero e morro...
Leviana sem dó, por que mentias?

Sabe Deus se te amei ! sabem as noites
Essa dor que alentei, que tu nutrias!

Sabe este pobre coração que treme
Que a esperança perdeu por que mentias!

Vê minha pallidez : a febre lenta...
Este fogo das palpebras sombrias...
Pousa a mão no meu peito... Eu morro! eu morro!
Leviana sem dó, por que mentias?

Toda aquella mulher tem a pureza
Que exhala o jasminciro no perfume,
Lampeja seu olhar nos olhos negros
Como, em noite d'escuro, um vagalume...

Que suave moreno o de seu rosto!
A alma parece que seu corpo inflamma...
Simula até que sobre os labios d'ella
Na côr vermelha tem errante chamma..

E quem dirá, meu Deus! que a lyra d'alma

Ali não tem um som — nem de falsete!
E, sob a imagem de aparente fogo,
E frio o coração como um sorvete!

AMOR

Quand la mort est si belle,
Il est doux de mourir

V. HUGO

Amemos! quero de amor
Viver no teu coração!
Soffrer e amar essa dôr
Que desmaia de paixão!
Na tu' alma, em teus encantos
E na tua pallidez
E nos teus ardentes prantos
Suspirar de languidez!

Quero em teus labios beber
Os teus amores do céu!
Quero em teu seio morrer
No enlevo do seio teu!
Quero viver d'esperança!
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa trança
Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzella,
Minh'alma, meu coração...
Que noite! que noite bella!
Como é doce a viração!
E entre os suspiros do vento,
Da noite ao molhefrescor,
Quero viver um momento,
Morrer contigo de amor!

PHANTASIA

Quant! dole! penser! quanto diabo.

DANTE.

C'est alors que ma voix

Murmure un nom tout bas... c'est alors que je vois
M'apparaitre à demi, jeune, voluptueuse,
Sur ma couche penchée une femme amoureuse!

.....

Oh! toi que j'ai rêvée,

Femme à mes longs baisers si souvent enlevée.
Ne viendras-tu jamais?

CH. DOVALLE.

A noite sonhei contigo...
E o sonho cruel maldigo
Que me deu tanta ventura.
Uma estrellinha que vaga
Em céu de inverno e se apaga
Faz a noite mais escura!

Eu sonhava que sentia
Tua voz que estremecia
Nos meus beijos se afogar!
Que teu rosto descorava
E teu seio palpitava
E eu te via a desmaiar!

Que eu te beijava tremendo,
Que teu rosto enfebrecendo
Desmaiava a pallidez!
Tanto amor tua alma enchia
E tanto fogo morria
Dos olhos na languidez!

E depois... dos meus abraços,
Tu cahiste, abrindo os braços,
Gelida, dos labios meus...
Tu parecias dormir,
Mas de balde eu quiz ouvir
O alento dos seios teus...

E uma voz, uma harmonia
No teu labio que dormia
Desconhecida acordou,
Fallava em tanta ventura,

Tantas notas de ternura
No meu peito derramou!

O sódo harmonioso
Fallava em noites de gozo
Como nunca eu as senti,
Tinha musicas suaves,
Como no canto das aves,
De manhã eu nunca ouvi!,

Parecia que no peito
N'esse quebranto desfeito
Se esvaía o coração...
Que meu olhar se apagava,
Que minhas veias paravão
E eu morria de paixão...

E depois... n'um sanctuario
Junto do altar solitario
Peito de ti me senti,
Dormias junto de mim...
E um anjo nos dice assim :
« Pobres amantes, dormi!

Tu eras inda mais bella...
O teu leito de donzella

olha

*Arruada de Almeida
e p. 305*

Era coberto de flores...
Tua fronte empallescida,
Frouxa a palpebra descida,
Meu Deus! que frio pallor!...

Dei-te um beijo... despertaste,
Teus cabellos afastaste,
Fitando os olhos em mim...
Que doce olhar de ternura!
Eu só queria a ventura
De um olhar suave assim!

Eu dei-te um beijo, sorrindo
Tremeste os lábios abrindo,
Repousaste ao peito meu...
E senti nuvens cheirosas,
Ouvi lyras suspirarem,
Rompeu-se a nevoa... era o céu!...

Cahia chuva de flores
E luminosos vapores
Davão azulada luz...
E eu acordei... que delírio!
Eu sonho findo o martyrio
E acordo pregado á cruz!

LAGRIMAS DA VIDA

On pouvait à vingt ans le clouer dans la bière
— Calvaire sans illusions...

THÉOPH. GAUTIER.

Je me suis assis en blasphémant sur le bord
du chemin. Et je me suis dit: je n'irai pas
plus loin. Mais je suis bien jeune encore pour
mourir, n'est-ce pas, Jane?

GEORGE SAND, *Aldo*.

Se tu souberas que lembrança amarga,
Que pensamento desflorou meus dias,
Oh! tu não creras meu sorrir leviano,
Nem minhas insensatas alegrias!

Quando junto de ti eu sinto, ás vezes,
Em doce enleio desvairar-me o siso,

Nos meus olhos incertos sinto lagrimas...
Mas da lagrima em troco eu temo um riso!

O meu peito era um templo! ergui nas aras
Tua imagem que a sombra perfumava....
Mas ali! emmurheceste as minhas flores!
Apagaste a illusão que o aviventava!

E por te amar, por teu desdem, perdi-me...
Tresnoitei-me nas orgias macilento,
Brindei blasphemo ao vicio e da minh'alma
Tentei me suicidar no esquecimento!

Como um corcel abate-se na sombra
A minha crença agoniza e desespera....
O peito e lyra se estalárão juntos...
E morro sem ter tido primavera!

Como o perfume de uma flor aberta
Da manhã entre as nuvens se mistura,
A minh'alma podia em teus amores
Como um anjo de Deus sonhar ventura!

Não peço o teu amor.... eu quero apenas
A flor que beijas para a ter no seio...

Orgias como o livro também cuprezo

E teus cabellos respirar medroso...
E a teus joelhos suspirar d'enleio!

E quando eu durmo... e o coração ainda
Procura na illusão tua lembrança,
Anjo da vida, passa nos meus sonhos
E meus labios orvalha d'esperança!

SONETO

Os quinze annos de uma alma transparente,
O cabello castanho, a face pura,
Uns olhos onde pinta-se a candura
De um coração que dorme, inda innocente...

Um seio que estremece de repente
Do mimoso vestido na brancura...
A linda mão na magica cintura...
E uma voz que inebria docemente...

Um sorrir tão angelico, tão santo...
E nos olhos azues cheios de vida
Languido véo de involuntario pranto..

É esse o talisman, é essa a Armida,
O condão de meus ultimos encantos,
A visão de minh'alma distrahida !

Do de Agueda creava-se do meu bello
movimento da lingua - tal vez mecesse de
um verso. Por os sonetos tem no mundo
a grã a arte. Se fizessem os poemas sem os pre-
cisos versos, de alguma arte e que fodesse im-
pactos de como imperfeição grã em arte. O Po-
eta não se trata de perfeição ou imperfeição de
arte, trata-se de quanto de liberdade de expressão
e purificação republicana e de arte e fomes
que de se despar de como de de fomes
chamar a mente em mulher oitenta e tal
com a mente de de armida é a arte de a
armadura no homem de de. O sagrado verso
trazido para purificação de castidade e ter-
to e modo mais, a arte de de de de de. Ten-
do-se como arte, a arte de de de de de, de
imperfeição não e de de de de de de de de
de de de de de de de de de de de de de de

LEMBRANÇA DOS QUINZE ANNOS

Et pourtant sans plaisir je dépense la vie ;
Et souvent quand, pour moi, les heures de la nuit
S'écoulent sans sommeil, sans songes et sans bruit,
Il passe dans mon cœur de brillantes pensées,
D'invincibles désirs, de fougues insensées !

CH. DOVALLE.

... Heureux qui, dès les premiers ans,
A senti de son sang, dans ses veines stagnantes,
Couler d'un pas égal les ondes languissantes ;
Dont les désirs jamais n'ont troublé la raison ;
Pour qui les yeux n'ont point de suave poison.

ANDRÉ CHÉNIER.

Nos meus quinze annos eu soffria tanto !
Agora enfim meu padecer descança...
Minh' alma emmudeceu, na noite d'ella
Adormeceu a pallida esperanza !

Ja não sinto ambições e se esvairão
As vagas formas, a visão confusa

De meus dias de amor, nem doces voltão
Os sons aerêos da divina Musa

Porventura é melhor as brandas fibras
Embotadas sentir n'essa dormencia...
E viver esta vida... e na modorra
Repousar-se na sombra da existencia!

E que noites de sofrego desejo!
Que presentir de uma volúpia ardente!
Que noites de esperança e desespero!
E que fogo no sangue incandecente!

Minh'alma juvenil era uma lyra
Que ao menor basejar estremecia...
A triste decepção rompeu-lhe as cordas...
Só vibra n'um preludio d'agonia!

Quanto, quanto sonhei! como velava
Cheio de febre, ancioso de ternuras!
Como era virgem o meu labio ardente!
A alma tão santa! as emoções tão puras!

Como o peito sedento palpitava
Ao roçar de um vestido, á voz divina

De uma pallida virgem! ao murmurio
De uns passos de mulher pela campina!

E como t'esperei, anjo dos sonhos,
Ideal de mulher que me sorrias!
E me beijando n'esta fronte pallida
A um mundo bello de illusões me erguias!

O meu peito era um echo de murmurios...
De delirios vivi como os insanos!
Nos meus quinze annos eu soffria tanto!
Ardi ao fogo dos primeiros annos!

Agora vivo no deserto d'alma...
Um mundo de saudade ahi dormita...
Não o quero acordar... oh! não resurjão
Aquellas sombras na minh'alma afflicta!

Mas por que volves os teus olhos negros
Tão langues sobre mim? Iná, suspiras?
Por que derramas tanto amor nos olhos?
Eu não posso te amar e tu deliras.

Tambem a aurora tem neblina e sombras,
E ha vozes que enmudece a desventura,

Ha flores em botão que se desfolhão,
E a alma tambem morre prematura.

Repousa no meu peito o meu passado,
Minh'alma adormeceu por um momento...
Sou a flor sem perfume em sol d'inverno...
Uma lousa que encerra? — o esquecimento!...

Não me falles de amor... um teu suspiro
Tantos sonhos no peito me desperta!...
Sinto-me reviver e como outr'ora
Beijo tremendo uma visão incerta...

Ah! quando as bellas esperanças murelão
E o genio dorme e a vida desencanta,
D'almas estereis a ironia amarga
E a morte sobre os sonhos selevanta...

Embora fundo o somno do descrido
E o silencio do peito e seu retiro...
Inda pôde inflammar muitos amores
O susurro de um languido suspiro!

MEU SONHO

EU

Cavalleiro das armas escuras,
Onde vais pelas trevas impuras
Com a espada sanguenta na mão?
Por que brillão teus olhos ardentes
E gemidos nos labios frementes
Vertem fogo do teu coração?

Cavalleiro, quem és? — O remorso?
Do corcel te debruças no dorso...

E galopas do valle através...
Oh! da estrada acordando as poeiras
Não escutas gritar as caveiras
E morder-te nos pés o phantasma?

E morder-te nos pés o phantasma não faz?

Onde vais pelas trevas impuras,
Cavalleiro das armas escuras,
Macilento qual morto na tumba?...
Tu escutas... Na longa montanha
Um tropel teu galope acompanha?
E um clamor de vingança retumba?

Cavalleiro, quem és? que mysterio...
Quem te força da morte no imperio
Pela noite assombrada a vagar?

O PHANTASMA

Sou o sonho de tua esperança,
Tua febre que nunca descança,
O delirio que te ha-de matar!...

*Viendo. Britanno adambrosamente
sem escollar do galopante*

O CONEGO FILIPPE

O conego Filippe! O' nome eterno!
Cinzas illustres que da terra escura,
Fazeis rir nos cyprestes as corujas!
Por que tão pobre lyra o céo doou-me
Que não consinta meu inglorio genio
Em vasto e heroico poema decantar-te?

Voltemos ao assumpto. A minha musa,
Como um fallado imperador romano,
Distrae-se, ás vezes, apanhando moscas.
Por estradas mais longas ando sempre :

Com o conego illustre me pareço,
Quando elle já sentia vir o somno,
Para poupar caminho até a vela,
Sobre a vela atirava a carapuça.
Então, no escuro, em camisola branca,
Ia apalpando procurar na sala
— Para o queijo flamengo da caréca
Dos defluxos guardar — o negro sacco.

Á ordem, Musa! Conta agora como
O poeta Ali-Moon no harem entrando,
Como um poeta que enamora a lua
Ou que beija uma estatua de alabastro,
Suando de calor... de sol e amores...
Cantava no alaúde enamorado!
E como elle sahiu-se do namoro...
Assumpto bem moral, digno de premio,
É interessante como um cathecismo...
Que tem ares até de ladainha!

Quem não sonhou a terra do Levante?
As noites do Oriente, o mar, as brizas,
Toda aquella suave natureza
Que amorosa suspira e encanta os olhos?

Principio no harem. Não é tão novo...

Mas esta vida é sempre deleitosa.
As almas d'homem ao harem se voltão...
Ser um dia sultão quem não deseja?

Quem não quizera das sombrias folhas
Nas horas do calor, junto do lago,
As odaliscas espreitar no banho
E mais bella a sultana entre as formosas?

Mas ah! o plagio nem perdão merece!
Digão — pega ladrão! Confesso o crime :
Não é Ovidio só que imito e sonho,
Quando pinta Acteon fitando os olhos
Nas formas nuas de Diana virgem!
Não! embora eu aqui não falle em nymphas,
Essa idéa é do conego Filippe!

TRINDADE

A *vida* é uma planta misteriosa
Cheia d'espinhos, negra de amarguras,
Onde só abrem duas flores puras
Poesia e amor...

E a *mulher*... é a nota suspirosa
Que treme d'alma a corda estremecida,
E' fada que nos leva alem da vida
Pallidos de languor!

A *poesia* é a luz da mocidade,
O amor é o poema dos sentidos,

A febre dos momentos não dormidos
E o sonhar da ventura...

Voltai, sonhos de amor e de saudade!
Quero ainda sentir arder-me o sangue,
Os olhos turvos, o meu peito langue...
E morrer de ternura!

*Notar a curiosa disposição
das rimas.*

SONETO

Já da morte o pallor me cobre o rosto,
Nos labios meus o alento desfallece
Surda agonia o coração fenece
E devora meu ser mortal desgosto!

Do leito embalde no macio encosto
Tento o somno reter!... já esmorece
O corpo exausto que o repouso esquece...
Eis o estado em que a magoa me tem posto!

O adeus, o teu adeus, minha saudade,
Fazem que insano do viver me prive
E tenha os olhos meus na escuridade.

Dá-me a esperança com que o ser mantive!
Volve ao amante os olhos por piedade,
Olhos por quem viveu quem já não vive!

de leve saber classico
e na amarelinha.

MINHA AMANTE

Coração de mulher, qual phlomela,
E todo amor e canto no pé da noite.

JOÃO DE LEMOS.

Fulcite me floribus... quia amore langueo

Cant. Canticorum.

Ah! volta inda uma vez! foi só comtigo
Que, á noite, de ventura eu desmaiava...
E só nos labios teus eu me embestia
De volupias divinas!

Volta, minha ventura! eu tenho sede
D'esses beijos ardentes que os suspiros

Offegando interrompem! Quantas noites
Fui ditoso contigo!

E quantas vezes te embalei tremendo
Sobre os joelhos meus! Quanto amorosa
Unindo á minha tua face pallida
De amor e febre ardias!

Oh! volta inda uma vez! ergue-se a lua,
Formosa como d'antes, é bem noite,
Na minha solidão brilha, de novo,
Estrella de minh'alma!

Desmaio-me de amor, descôro e tremo...
Morno suor me banha o peito langue...
Meu olhar se escurece e eu te procuro
Com os labios sedentos!

Oh! quem pudera sempre em teus amores
Sobre teu seio perfumar seus dias,
Beijar a tua fronte e em teus cabellos
Respirar ebrioso!

E's a corôa de meus annos breves,
E's a corda de amor d'intima lyra,

O canto ignoto, que me euleva em sonhos
De saudosas ternuras!

E tu és como a lua : inda és mais bella,
Quando a sombra nos valles se derrama,
Astro mysterioso á meia noite
Te revela a minhi'alma!

Oh! minha lyra, ó viração nocturna,
Flores, sombras do valle, á minha amante...
Dizei que n'esta noite de desejos
E de ternuras morro!

EUTHANASTIA

Ergue-te d'ahi, velho ! ergue essa fronte onde o
passado afundou suas rugas como o vendaval no Occa-
no, onde a morte assombrou sua pallidez como na face
do cadaver, onde o simoun do tempo resicou os an-
neis louros do mancebo nas cans alvacentas de ancião?

Por que tão livido, ó monge taciturno, debruças a
cabeça macilenta no peito que é murcho, onde mal
bate o coração sobre a cogúla negra do asceta?

Escuta : a lúa ergueu-se hoje mais prateada nos céos
côr-de-rosa do verão, as montanhas se azulão no
crepuscular da tarde e o mar scintilla seu manto
azul palhetado de aljofares. A hora da tarde é bella,
quem ahi na vida lhe não sagrou uma lagrima de
saudade?

Tens os olhares turvos, luzem-te baços os olhos negros nas palpebras róxas e o beijo frio da doença te azulou nos labios a tinta de moribundo. E por que te abysmas em phantasias profundas, sentado á borda de um fosso aberto, sentado na pedra de um tumulo?

Por que pensal-a... a noite do mortos, fria e trevosa como os ventos de inverno! Por que, antes não banhas tua fronte nas virações da infancia, nos sonhos de moço? Sob essa estamenha não arfa um coração que palpitára outr'ora por uns olhos gazeos de mulher?

Sonha!.. sonha antes no passado, no passado bello e doirado em seu docel de escarlate, em seus mares azues, em suas luas limpidas e suas estrellas romanticas.

O velho ergueu a cabeça. Era uma fronte larga e calva, umas faces contrahidas e amarellentas, uns labios seccos, gretados, em que sobreaguava amargo sorriso, uns olhares onde a febre tresnoitava suas insomnias...

E quem t'ó dice — que a morte é a noite escura e fria, o leito de terra humida, a podridão e o lodo? Quem t'ó dice — que a morte não era mais bella que as flores sem cheiro da infancia, que os perfumes peregrinos e sem flores da adolescencia? Quem t'ó dice — que a vida não é uma mentira? — que a morte não é o teito das tremulas venturas?

.....

Notar a como se não atehia de puer
como é larga em a. de a. a ponto de
por este pueria não imetificado em
nao nas! pra o mais intelligente dos romancistas

DESPEDIDAS

Se entrares, ó meu anjo, alguma vez
Na solidão onde eu sonhava em ti,
Ah! vota uma saudade aos bellos dias
Que a teus joelhos pallido vivi!

Adeus, mini'alma, adeus! eu vou chorando...
Sinto o peito doer na despedida...
Sem ti o mundo é um deserto escuro
E tu és minha vida...

Só por teus olhos eu viver podia
E por teu coração amar e crer...

Em teus braços minh'alma unir á tua
E em teu seio morrer !

Mas se o fado me afasta da ventura,
Levo no coração a tua imagem...
De noite mandarei-te os meus suspiros
No murmurio da aragem !

Quando a noite vier saudosa e pura,
Contempla a estrella do pastor nos céos,
Quando a ella eu volver o olhar em pranto...
Verei os olhos teos !

Mas antes de partir, antes que a vida,
Se afogue n'uma lagrima de dor,
Consente que em teus labios n'um só beijo
Eu suspire de amor !

Sonhei muito ! sonhei noites ardentes
Tua bocca beijar... eu o primeiro !
A ventura negou-me... mesmo até
O beijo derradeiro !

Só contigo eu podia ser ditoso,
Em teus olhos sentir os labios meus !
Eu morro de ciúme e de saudade...
Adeus, meu anjo, adeus !

TERZA RIMA

É bello d'entre a cinza ver ardendo
Nas mãos do fumador um bom cigarro,
Sentir o fumo em nevoas recendendo,...

Do cachimbo allemão no louro barro
Ver a chamma vermelha estremecendo
E até... perdoem... respirar-lhe o sarro!

Porém o que ha mais doce n'esta vida,
O que das magoas desvaneece o luto
E dá som a uma alma empobrecida,
Palavra d'honra! és tu, ó meu charuto!

PANTHEISMO

MEDITAÇÃO

O dia descobre a terra : a noite descortina os céos
MARQUEZ DE MAJUCA.

Eu creio, amigo, que a existencia inteira
É um mysterio talvez : mas n'alma sinto,
De noite e dia respirando flores,
Sentindo as brizas, recordando aromas
E esses ais que ao silencio a sombra exhala
E enchem o coração de ignota pena,
Como a intima voz de um ser amigo...
Que essas tardes e brizas, esse mundo
Que na frente do moço entorna flores,

Que harmonias embehem-lhe no scio,
Têm uma alma tambem que vive e sente...

A natureza bella e sempre virgem,
Com suas galas gentis na fresca aurora,
Com suas magoas na tarde escura e fria,
E essa melancolia e morbidez
Que nos effluvios do luar ressumbra,
Não é apenas uma lyra muda
Onde as mãos do poeta acordão hymnos
E a alma do sonhador lembranças vibra

Por essas fibras da natura viva,
N'essas folhas e vagas, n'esses astros,
N'essa magica luz que me deslumbra
E enche de fantasia até meus sonhos,
Palpita porventura um almo sopro,
— Espirito do céo que a reanima!
E talvez lhes murmura em horas mortas
Estes sons de mysterio e de saudade,
Que lá no coração repercutidos
O genio acordão que enlanguece e canta!

Eu o creio, Luiz! tambem ás flores
Entre o perfume vela uma alma pura,
Tambem o sopro dos divinos anjos

Anima essas corollas setinosas!
No murmurio das aguas no deserto,
Na voz perdida, no dolente canto
Da ave de arribação das aguas verdes,
No gemido das folhas na floresta,
Nos echos da montanha, no arruido
Das folhas seccas que estremece o outono,
Ha lamentos sentidos, como prantos
Que exhala a pena de subida magoa

E Deus? — Eu creio n'elle como a alma
Que pensa e ama n'essas almas todas,
Que as ergue para o céu e que lhes verte,
Como orvalho nocturno em seus ardores,
O amor, sombra do céu, reflexo puro
Da aureola das virgens de seu peito!
Essa terra, esse mundo, o céu é as ondas,
Flores, donzellas — essas almas candidas,
Beija-as o senhor Deus na fronte limpida,
Arreia-as de pureza e amor sem nodoa...
E á flor dá a ventura das auroras,
Os amores do vento que suspira...
Ao mar a viração, o céu ás aves,
Sandades á aleyon, sonhos á virgem
E ao homem pensativo e taciturno,
A' creatura pallida que chora

— Essa flor que inda murcha tem perfumes,
Esse momento que suavisa os labios,
Que eterniza na vida um céo de enleio...
O amor primeiro das donzellas tristes.

São idéas talvez... Embora rião
Homens sem alma, estereis creaturas,
Não posso desamar as utopias,
Ouvir e amar, á noite, entre as palmeiras,
Na varanda ao luar o som das vagas,
Beijar nos labios uma flor que murcha,
E crer em Deus como alma animadora
Que não creou somente a natureza,
Mas que ainda a relenta em seu bafejo,
Ainda influe-lhe no sequioso seio
De amor e vida a eternal scentelha!

Por isso, ó meu amigo, á meia noite
Eu deito-me na relva humedecida,
Contemplo o azul do céo, amo as estrellas,
Respiro aromas... e o arquejante peito
Parece remoçar em tanta vida,
Parece-me alentar-se em tanta magoa,
Tanta melancolia e nos meus sonhos,
Filho de amer e Deus, eu amo e creio!

DESANIMO

Estou agora triste. Ha n'esta vida
Paginas torvas que se não apagam,
Nodoas que não se lavão... se esquecel-as
De todo não é dado a quem padece...
Ao menos resta ao sonhador consolo
No imaginar dos sonhos de mancebo!

Oh! voltai uma vez! eu soffro tanto!
Meus sonhos, consolai-me! distrahi-me!
Anjos das illusões, as azas brancas
As nevoas puras, que outro sol matiza.

Abri ante meus olhos que abrazeiã
E lagrimas não tem que a dor do peito
Transbordem um momento....

E tu, imagem,
Illusão de mulher, querido sonho,
Na hora derradeira vem sentar-te
Pensativa e saudosa no meu leito!

O que soffres? que dor desconhecida
Inunda de pallor teu rosto virgem?
Por que tu'alma dobra taciturna,
Como um lyrio a um baso d'infortunio?
Por que tão melancolica suspiras?

Illusão, idéal, a ti meus sonhos,
Como os cantos a Deus se erguem gemendo!
Por ti meu pobre coração palpita...
Eu soffro tanto! meus exhaustos dias
Não sei por que logo ao nascer manchou-os
De negra prophecia um Deus irado.
Outros meu fado invejão.... Que loucura!
Que valem as ridiculas vaidades
De uma vida opulenta, os falsos mimos
De gente que não ama? Até o genio
Que Deus lançou-me á docutia fronte,

Até o genio que Deus lançou-me á docutia fronte,

Qual semente perdida n'um rochedo,
Tudo isso que vale, se padeço!

N'essas horas talvez em mim não pensas :
Pousas sombria a desmaiada face
Na doce mão e pendes-te sonhando
No teu mundo ideal de phantasia...
Se meu orgulho, que fraqueia agora,
Pudesse crer que ao pobre desditoso
Sagravas uma idéa, uma saudade...
Eu seria um instante venturoso!

Mas não... ali no baile fascinante,
Na alegria brutal da noite ardente,
No sorriso ebrioso e tresloucado
D'aquelles homens que, p'ra rir um pouco,
Encobrem sob a mascara o semblante,
Tu não pensas em mim. Na tua idéa
Se minha imagem retratou-se um dia
Foi como a estrella peregrina e pallida
Sobre a face de um lago...

O LENÇO D'ELIA

Quando, a primeira vez, da minha terra
Deixei as noites de amoroso encanto,
A minha doce amante suspirando
Volveu-me os olhos humidos de pranto.

Um romance cantou de despedida,
Mas a saudade amortecia o canto!
Lagrimas enxugou nos olhos bellos....
E deu-me o lenço que molhava o pranto.

Quantos annos, comtudo, ja passarão !

Não olvido porém amor tão santo!
Guardo ainda n'um cofre perfumado
O lenço d'ella que molhava o pranto....

Nunca mais a encontrei na minha vida,
Eu comtudo, meu Deus, amava-a tanto...:
Oh! quando eu morra estendão no meu rosto
O lenço que eu banhei tambem de pranto!

RELOJIOS E BEIJOS

— TRADUZIDO DE HENRIQUE HEINE —

Quem os relogios inventou? De certo
Algum homem sombrio e friorento :
N'uma noite de inverno, tristemente
Sentado na lareira elle scismava,
Ouvindo os ratos a roer na alcova
E o palpar monotono do pulso.

Quem o beijo inventou? Foi labio ardente,
Foi bocca venturosa, que vivia

Sem um cuidado mais que dar beijinhos...
Era no mez de maio. As flores candidas
A mil abrião sobre a terra verde,
O sol brilhou mais vivo em céu d'esmalte
E cantarão mais doce os passarinhos.

NAMÔRO A CAVALLO

Eu moro em Catumby: mas a desgraça,
Que rege minha vida malfadada,
Poz lá no fim da rua do Catete
A minha Dulcinéa namorada.

Alugo (trez mil réis) por uma tarde
Um cavallo de trote (que esparrella!)
Só para erguer meus olhos suspirando
A minha namorada na janella....

Todo o meu ordenado vai-se em flores
E em lindas folhas de papel bordado...

Onde eu escrevo tremulo, amoroso
Algum verso bonito... mas furtado

Morro pela menina, junto d'ella
Nem ousou suspirar de acanhamento...
Se ella quizesse eu acabava a historia
Como toda a comedia — em casamento...

Hontem tinha chovido... Que desgraça!
Eu ia a trote inglez ardendo em chamma,
Mas lá vac senão quando ... uma carroça
Minhas roupas tafúcs encheu de lama...

Eu não desanimei. Se Don Quixote
No Rossinante erguendo a larga espada
Nunca voltou de medo, eu, mais valente,
Fui mesmo sujo ver a namorada...

Mas eis que no passar pelo sobrado,
Onde habita nas lojas minha bella,
Por ver-me tão lodoso ella irritada
Bateu-me sobre as ventas a janella...

O cavallo ignorante de namoro
Entre dentes tomou a bofetada,

Arripia-se, pula e dá-me um tombo
Com pernas para o ar, sobre a calçada...

Dei ao diabo os namoros. Escovado
Meu chapéo que soffrera no pagode...
Dei de pernas corrido e cabisbaixo
E herrando de raiva como um bode.

Circunstancia aggravante. A calça ingleza
Rasgou-se no calir de meio a meio,
O sangue pelas ventas me corria
Em paga do amoroso devancio!...

PALLIDA IMAGEM

J'ai cru que j'oublierais; mais j'avais mal sondé
Les abîmes du cœur qui remplit un seul rêve :
Le souvenir est là, le souvenir — rêve
Flot toujours renaissant et toujours débordé.
TUNQUERY.

No delirio da ardente mocidade
Por tua imagem pallida vivi!
A flôr do coração no amor dos anjos
Orvalhei-a por ti!

O expirar de teu canto lamentoso
Sobre teus labios que o pallor cobria,

Minhas noites de lagrimas ardentes
E de sonhos enchia!

Foi por ti que eu pensei que a vida inteira
Não valia uma lagrima ... sequer,
Senão n'um beijo tremulo de noite....
N'um olhar de mulher!

Mesmo nas horas de um amor insano,
Quando em meus braços outro seio ardia,
A tua imagem pallida passando
A minh'alma perdia

Sempre e sempre teu rosto! as negras tranças,
Tua alma nos teus olhos se expandindo!
E o collo de setim que pulsa e geme
E teus labios sorrindo!

Nas longas horas do sonhar da noite,
No teu peito eu sonhava que dormia;
Pousa em meu coração a mão de neve....
Treme... como tremia.

Como palpita agora se afogando
Na morna languidez do teu olhar...

Assim viveu e morrerá sonhando
Em teus seios amar!

Se a vida é lyrio que a paixão desflora,
Meu lyrio virginal eu conservei...
Somente no passado tive sonhos
E outr'ora nunca amei!

Foi por ti que na ardente mocidade
Por uma imagem pallida vivi!
E a flôr do coração no amor dos anjos
Orvalhei...só por ti!

SEIO DE VIRGEM

Quando on te volt, il vient à maluta
Une envye dedans les malus
De te tâter, de te tenir...

CLÉMENT MARC F.

O que sonho noite e dia,
E á alma traz-me poesia
E me torna a vida bella...
O que n'um brando roçar
Faz meu peito se agitar,
E' o teu seio, donzella!

Oh! quem pintára o setim
D'esses limões de martim,

Os leves ceruleos veios
Na brancura deslumbrante
E o tremido de teus seios?

Quando os vejo... de paixão
Sinto pruridos na mão
De os apalpar e conter...
Sorriste do meu desejo?
Loucura! bastava um beijo
Para n'elles se morrer!

Minhas ternuras, donzella,
Voltei-as á forma bella
D'aquelles fructos de neve...
Ai!.. duas candidas flores
Que o presentir dos amores
Faz palpitarem de leve.

Mimosos seios, mimosos,
Que dizem voluptuosos :
« Amai, poetas, amai!
« Que mysteriosas venturas
« Dormem n'essas rosas puras
« E se acordarão n'um ai! »

Que lyrio, que nivea rosa,

Ou camelia setinosa
Tem uma brancura assim?
Que flôr da terra ou do céo,
Que valha do seio teu
Esse morango ou rubim?

Quantos encantos sonhados
Sinto estremecer velados
Por teu candido vestido!
Sem ver teu seio, donzella,
Suas delicias revela
O poeta embevecido!

Donzella, feliz do amante
Que teu seio palpitante
Seio d'esposa fizer!
Que d'essa forma tão pura
Fizer com mais formosura
Seio de bella mulher!

Feliz de mim... porém não!..
Repouse teu coração
Da pureza no rosal!
Tenho no peito um aroma
Que valha a rosa que assoma
No teu seio virginal?...

MINHA MUSA

Minha musa é a lembrança
Dos sonhos em que eu vivi,
É de uns labios a esperança
E a saudade que eu nutri !
E' a crença que alentei,
As luas bellas que amei
E os olhos por quem morri !

Os meus cantos de saudade
São amores que eu chorei,

São lyrios da mocidade
Que murchão por que te amei!
As minhas notas ardentes
São as lagrimas dementes
Que em teu seio derramei!

Do meu outono os desfolhos,
Os astros do teu verão,
A languidez de teus olhos
Inspirão minha canção...
Sou poeta por que és bella,
Tenho em teus olhos, donzella,
A musa do coração!

Se na lyra voluptuosa
Entre as fibras que estalci
Um dia atei uma rosa
Cujo aroma respirei...
Foi nas noites de ventura,
Quando em tua formosura
Meus labios embriaguei!

E se tu queres, donzella,
Sentir minh'alma vibrar,
Solta essa trança tão bella,

Quero n'ella suspirar!
E dá repousar-me teu seio...
Ouvirás no devancio
A minha lyra cantar!

MALVA-MAÇÃ

De teus seios tão mimosos
Dá que eu goze o talisman !
Dá que ali repouse a fronte
Cheia de amoroso afan !
E louco n'elle respire
A tua malva-maçã !

Dá-me essa folha cheirosa
Que treme no seio teu !

Dá-me a folha... hei-de beijal-a
Sedenta no labio meu!
Não vês que o calor do seio
Tua malva emmurcheceo?...

A pobresinha em teu collo
Tantos amores gozou,
Viveu em tanto perfume
Que de enlevos expirou!
Quem pudéra no teu seio
Morrer como ella murchou!

Teu cabello me inebria,
Teu ardente olhar seduz,
A flor de teus olhos negros
De tu' alma raia á luz...
E sinto nos labios teus
Fogo do céo que transluz!

O teu seio que estremece
Enlanguede-me de gozo:
Ha um *que* de lão suave
No collo voluptuoso...:
Que n'um tremulo deliquio
Faz-me sonhar venturoso!

Descançar n'esses teus braços
Fôra angelica ventura ...
Fôra morrer... nos teus labios
Aspirar tu' alma pura!
Fôra ser Deus dar-te um beijo
Na divina formosura!

Mas o que eu peço, donzella,
Meus amores, não é tanto!
Basta-me a flôr do seio
Para que eu viva no encanto
E em noites enamoradas
Eu verta amoroso pranto!

Oh! virgem dos meus amores,
Dá-me essa folha singela!
Quero sentir teu perfume
Nos doces aromas d'ella...
E n'essa malva-maçã
Sonhar teu seio, donzella!

Uma folha assim perdida
De um seio virgem no afan
Acorda ignotas doçuras
Com divino talisman!

Dá-me do seio esta folha
A tua malva-maçan!

Quero apertal-a a meu peito
E beijal-a com ternura...
Dormir com ella nos labios
D'esse aroma na frescura...
Beijando-a sonhar contigo
E desmaiar de ventura!

A folha que tens no seio
De joelhos pedirei...
Se posso viver sem ella
Não o creio! bem o sei...
Dá-m'a pelo amor de Deos,
Que sem ella morrerei!

Pelas estrellas da noife,
Pelas brizas da manhã,
Por teus amores mais puros,
Pelo amor de tua irmã,
Dá-me essa folha cheiro a...
— A tua malva-maçã!

PENSAMENTOS D'ELLA

Talvez, á noite, quando a hora finda
Em que eu vivo de tua formosura,
Vendo em teus olhos:.. n'essa face linda
A sombra de meu anjo de ventura,
Tu sorrias de mim por que não ousou
Leve turbar teu virginal repouso,
A murmurar ternura.

Eu sei. Entre minh' alma e tua aurora
Murmura meu gelado coração...
Meu enredo morreu. Sou triste agora,

Estrella morta em noite de verão!
Prefiro amar-te bella no segredo!
Se foras minha tu verias cedo
Morrer tua illusão!

Eu não sou o ideal, alma celeste,
Vida pura de labios recedentes,
Que teu imaginar de encantos veste
E sonhas nos teus seios innocentes!..
Flôr que vives de aromas e luar,
Oh! nunca possas ler do meu penar
As paginas ardentes!

Se em canticos de amor a minha fronte
Engrinaldo por ti, amor cantando,
Com as rosas que amava Anacreonte,
É que alma dormida, palpitando...
No raio de teus olhos se illumina,
Em ti respira inspiração divina
E ella sonha cantando!

Não a acordes comtudo. A vida n'ella
Como a ave no mar suspira e cai...
A's vezes, teu alento de donzella
E de teus labios o morrer de um ai,
Tua imagem de fada, n'um instante

*Amor e medo, ne seja agem
em plena ação de criz. a emo-
ção de amada delirando p. 336*

Estremecem-n'a, embalão-n'a expirante
E lhe dizem : « sonhai ! »

Mas quando o teu amante fosse esposo
E tu, sequiosa e languida de amor,
O embalasses ao seio voluptuoso
E o beijasses dos labios no calor,
Quando tremesses mais, não te docera
Sentir que n'esse peito que vivera
Murchou a vida em flôr?

POR MIM?

Teus negros olhos uma vez fitando
Senti que luz mais branda os accendia,
Pallida de languor, eu vi, te olhando,
Mulher do meu amor, meu seraphim,
Esse amor que em teus olhos reflectia...

Talvez! — era por mim?

Pendeste, suspirando, a face pura,
Morreu nos labios teus um ai perdido...
Tão ebrio de paixão e de ventura!
Mulher de meu amor, meu seraphim,

Por quem era o suspiro amortecido?
Suspiravas por mim?

Mas... eu sei!... ai de mim? Eu vi na dança
Um olhar que em teus olhos se fitava...
Ouvi outro suspiro... d'esperança!
Mulher do meu amor, meu seraphim,
Teu olhar, teu suspiro que matava...
Oh! não erão por mim!

LELIA

Passou talvez ao alvejar da lua,
Como incerta visão na praia fria...
Mas o vento do mar não escutou-lhe
Uma voz a seu Deus!... ella não cria!

Uma noite, aos murmurios do piano
Pallida misturou um canto aereo...
Parecia de amor tremer-lhe a vida
Revelando nos labios um mysterio!

Porém, quando expirou a vez nos labios,
Ergueu sem pranto a fronte de-corada,

Pousou a fria mão no seio immovel,
Sentou-se no divan... sempre gelada !

Passou talvez do cemiterio á sombra
Mas nunca n'uma cruz deixou seu ramo,,
Ninguem se lembra de lhe ter ouvido
N'uma febre de amor dizer : « eu amo ! »

Não chora por ninguém... e quando, á noite,
Lhe beija o somno as palpebras sombrias
Não procura seu anjo á cabeceira
E não tem orações, mas ironias !

Nunca na terra uma alma de poeta
Chorosa, palpitante e gemebunda
Achou n'essa mulher um hymno d'alma
E uma flôr para a fronte moribunda.

Lyra sem cordas não vibrou d'enlevo,
As notas puras da paixão ignora,
Não teve nunca n'alma adormecida
O fogo que inebria e que devor

Descrê. Derrama fel em cada riso,
Alma esteril não sonha uma utopia...

Anjo maldito salpicou veneno
Nos labios que tressuão de ironia

E formosa comtudo... Ha d'essa imagem
No silencio de estatua alabastrina
Como um anjo perdido que resumbra
Nos olhos negros da mulher divina.

Ha n'esse ardente olhar que gela e vibra,
Na voz que faz tremer e que apaixona
O genio de Satan que transverbera
E o languor pensativo da Madona!

E' formosa, meu Deus! Desde que a vi
Na minh'alma suspira a sombra d'ella...
E sinto que podia n'esta vida
N'um seu languido olhar morrer por ella.

MORENA

O' Thereza, um outro beijo! e abandona-me a meus sonhos e a meus suaves delirios.

JACOPO ORTIS.

E' loucura, meu anjo, é loucura
Os amores por anjos... bem sei!
Forão sonhos, foi louca ternura
Esse amôr que a teus pés derramei!

Quando a fronte requeima e delira,
Quando o labio desbota de amor,

Quando as cordas rebentão na lyra
Que palpita no seio ao cantor...

Quando a vida nas dores é morta,
Ter amores nos sonhos é crime?
E loucura : eu o sei ! mas que importa ?
Ai ! morena ! és tão bella !... perdi-me !

Quando tudo, na insomnia do leito,
No delirio de amor devancia
E no fundo do tremulo peito
Fogo lento no sangue se atcia..:

Quando a vida nos prantos se escôa,
Não merece o amante perdão ?
Ai ! morena ! és tão bella ! perdoa !
Foi um sonho do meu coração !

Foi um sonho... não côres de pejo !
Foi um sonho tão puro!... ai de mim !
Mal gozei-lhe as frescuras de um beijo !
Ai ! não côres, não côres assim !

Não suspires ! por que suspirar ?
Quando o vento n'um lyrio soluça

E desmaia no longo beijar,
E offegante de amôr se debruça...

Quando a vida lhe foge, lhe treme,
Pobre vida do seu coração,
Essa flôr que o ouvira, que geme
Não lhe dera no scio o perdão?

Mas não córes! se queres, alogo
No meu scio o fogoso anhelar!
Calarei meus suspiros de fogo
E esse amor que me hade matar!

Morrerei, ó morena, em segredo!
Um perdido na terra sou eu!
Ai! teu sonho não morra tão cedo
Como a vida em meu peito morreu!

12 DE SETEMBRO

O sol oriental brilha nas nuvens,
Mais docemente a viração murmura
E mais doce no valle a primavera
Saúdosa e juvenil é toda em rosa.:
 Como os ramos sem folhas
 Do pecegueiro em flôr.

Esigue-te, minha noiva, ó natureza!
Somos sós — eu e tu — : acorda e canta
 No dia de meus annos!

II

Debalde nos meus sonhos de ventura
Tento alentar minha esperança morta
E volto-me ao porvir...
A minha alma só canta a sepultura
E nem ultima illusão beija e conforta
Meu ardente dormir...

III

Tenho febre:.. meu cerebro transborda.
Eu morrerei mancebo, inda sonhando
Da esperança o fulgor...
Oh! cantemos ainda : a ultima corda
Treme na lyra... morrerei cantando
O meu unico amor!

IV

Meu amor foi o sol que madrugava
O canto matinal da cotovia
E a rosa predilecta...
Fui um louco, meu Deus, quando tentava
Descorado e febril nodoar na orgia
Os sonhos de poeta...

v

Meu amor foi a verde laranjeira
Que ao luar orvalhoso entre-abre as flores,
 Melhor que ao meio dia,
As campinas, a lua forasteira,
Que triste, como eu sou, sonhando amores
 Se embebe de harmonia.

vi

Meu amor foi a mão que me alentava,
Que viveu e esperou por minha vida
E a sombra solitaria que eu sonhava
Languida como vibração perdida
 De roto bandolim...

vii

Eu vaguei pela vida sem conforto,
Esperci o meu anjo noite e dia
 E o ideal não veio...
Farto de vida, breve serci morto..
Nem poderei ao menos na agonia
 Descançar-lhe no seio...

VIII

Passei como Dom Juan entre as donzellas,
Suspirei as canções mais doloridas

E ninguem me escudou...

Oh! nunca á virgem flôr das faces bellas
Sorvi o mel nas longas despedidas...

Meu Deus! ninguem me amou!

IX

Vivi na solidão!.. odeio o mundo
E no orgulho embucei meu rosto pallido

Como um astro na treva...

Senti a vida um lupanar immundo :

Se acorda o triste profanado, esqualido

A morte fria o leva..

X

E quantos vivos não cahirão frios,
Manchados de embriaguez da orgia em meio

Nas infâmias do vicio!

E quantos morrerão inda sombrios,

Sem remorsos dos loucos devaneios...

Sentinde o precipicio! .

X I

Perdoa-lhes, meu Deus! o sol da vida
Nas arterias ateia o sangue em lava
E o cerebro varia...
O seculo na vaga enfurecida
Levou a geração que se acordava
E nuta de agonia...

X II

São tristes d'este seculo os destinos!
Seiba mortal as flores que despontão
Infecta em seu abrir...
E o cadafalso e a voz dos Girondinos
Não fallão mais na gloria e não apontão
A aurora do porvir!

X III

Fora bello talvez, em pé, de novo,
Como Byron surgir, ou na tormenta
O heroe de Waterloo...
Com sua idéa illuminar um povo,
Como o trovão nas nuvens que rebenta
E o raio degramou!

XIV

Fôra bello talvez sentir no craneo
A alma de Gæthe e reunir na libra
Byron, Homero e Dante;
Sonhar-se n'um delirio momentaneo
A alma da creação e o som que vibra
A terra palpitante...

XV

Mas ah! o viajor nos cemiterios
N'essas nuas caveiras não escuta
Vossas almas errantes,
Do estandarte da sombra nos imperios
A morte — como a torpe prostituta —
Não distingue os amantes.

XVI

Eu pobre sonhador... em terra inculta,
Onde não fecundou-se uma semente,
Comvosco dormirei...
E d'entre nós a multidão estulta
Não vos distinguirá a fronte ardente
Do craneo que animei...

*W. E. curiosa esta fixação de gal a
alma está dentro do cerebro. Yano
meze. Alvares de Aguedo Kapete
1844.*

XVII

Oh ! morte ! a que mysterios me destinas ?
Esse atomo de luz que inda me alenta,
 Quando o corpo morrer,
Voltará amanhã:.. aziagas sinas!..
Da terra sobre a face macilenta
 Esperar e soffrer?

XVIII

Meu Deus, antes, meu Deus, que uma outra vida...
Com teu sopro eternal meu ser esmaga
 E minh'alma aniquila...
A estrella de verão no céu perdida
Tambem, ás vezes, teu alento apaga
 N'uma noite tranquilla!...

a
ria
te

SOMBRA DE D. JUAN

A dream that was not at all a dream.
LOUIS BYRON, *Darkness*.

I

Cerraste emfim as palpebras sombrias !:
E a fronte esverdeou da morte á sombra,
 Como lampada exhausta!
E agora ?...no silencio do sepulchro
Sonhas o amor... os seios de alabastro
 Das languidas amantes !

E Haidéa, a virgem, pela praia errando,
Aos murmurios do mar que lhe suspira
 Como incognito desejo
Te susurra delicias vaporosas...
E o formoso estrangeiro adormecido
 Entrebeija tremendo?

Ou a pallida fronte libertina
Relembra a tez, o talhe voluptuoso
 Da oriental semi-núa ?
Ou o vento da noite em teus cabellos
Susurra e lembra do passado as nodoas
 No tumulto sem letras ?

Ergue-te, libertino! eu não te acordo
Para que a orgia te avermelhe a face
 Que a morte amarellou...
Nem para o jogo e noites delirantes,
E do ouro a febre e da perda os labios
 E a convulsão nocturna!

Não, bello Hespanhol! Venho sentar-me
A borda do teu leito, por que a febre
 Minha insomniã devora...
Por que não durmo quando o sonho passa

E do passado o manto profanado
Me roça pela face!

Quero na sombra conversar contigo,
Quero me digas tuas noites breves,
As febres e as donzellas
Que no fogo do viver murchaste ao peito!
Ergue-te um pouco da mortalha branca,
Acorda, Don Juan!

Comtigo velarei : do teu sudario
Nas dobras negras deporei a fronte,
Como um collo de mãe...
E como leviano peregrino
Da vida as aguas saudarei sorrindo
Na extrema do infinito!

E quando a ironia regelar-se
E a morte me azular os labios frios
E o peito emmudecer...
No vinho queimador, no golo extremo,
N'um riso ...á vida brindarei zombando
E dormirei contigo!

II

Mas não : não veio na mortalha envolto
Don Juan, semi-nú, com rir descerido,
 Zombando do passado,
Só além ... onde as folhas alvejavam
Ao luar que banhava o cemiterio,
 Vi um vulto na sombra.

Cantava : ao peito o bandolim saudoso
Apertava, qual nú e perfumado
 A Madona seu filho;
E a voz do bandolim se repassava...
Mais languidez bebia resoando
 No cavernoso peito.

Do *sombrero* despio a fronte pallida,
Ergueu á lua a pallidez do rosto,
 Que lagrimas enchião...
Cantava : eu o escutei... amei-lhe o canto,
Com elle suspirei, chorei com elle :
 — O vulto era Don Juan !...

III

A CANÇÃO DE DON JUAN

« Ó faces morenas ! ó labios de flôr !
Ouvi-me a guitarra que trina louçan,
Vos trago meu peito, meus beijos dê amor...
Ó labios de flor,
Eu sou Don Juan !

« Nas brizas da noite, no frouxo luar,
Nos beijos do vento, na fresca manhã
Dizei-me : não viste, n'um sonho passar,
Ao frouxo luar,
Febril Don Juan ?

« Acordem, acordem, ó minhas donzella-!
A briza nas aguas lateja de afan !
Meus labios tem fogo e as noites são bellas...
Ó minhas donzellas,
Eu sou Don Juan !

*Alvares de Azevedo fala em bandole.
Um outro Don Juan concerta mais
sempre para guitarra. E o poeta volta
a falar em bandole. p. 328*

« Ai! nunca sentistes o amor d'hespanhol!...
Nos labios mimosos de flor de roman
Os beijos que queimão no fogo do sol!
Eu sou o hespanhol :
Eu sou Don Juan!

« Que amor, que sonhos no febril passado !
Que tantas illusões no amor ardente !
E que pallidas faces de donzella
Que por mim desmaiarão docemente!

« Eu era o vendaval que ás flores puras
Do amor nas manhãs o labio abria!
Se murchei-as depois... é que espedaça
As flores da montanha a ventania!

« E tão bellas, meu Deus! e as niveas perolas
Mergulhei-as no lado uma per uma,
De meus sonhos de amor nada me resta!
Em negras ondas só vermelha escuma!

« Anjos que desflorei! que desmaiados
Na torrente lancei do lupanar!
Crianças que dormião no meu peito
E acordarão da magoa ao soluçar!

« E não tremem as folhas no susurro,
E as almas não palpitão-se de alan,
Quando entre a chuva rebuçado passa
Saciado de beijos Don Juan? »

IV

Como virgem que sente esmorecer
N'um halito de amor a vida bella,
 Que desmaia, que treme...
Como virgem nas lantás agonias
Os seus olhos azues aos céos erguendo
 Co'as mãos niveas no scio...

Presentindo que o sangue lhe resfria
E que nas faces pallidas a heija
 O anjo da agonia...
Exhala ainda o canto harmonioso...
Casualina pendida onde susurra
 O anoitecer da vida...

A sim nos labios e nas cordas meigas
Do palpitante bandolim a magoa

Gemia como o vento...
Como o cysne que boia, que se perde...
Na lagoa da morte geme ainda
O cántico saudoso!

Mas depois no silencio uma risada
Convulsiva arquejou ... rompeu as cordas
Das ternas assonias,
Rompeu-as e sem dó... e n'outras fibras
Corria os dedos descuidoso e frio
Salpicando-as d'escarneo...

« Os homens semelhão as modas de um dia,
E velha e passada
A roupa manchada...
Porém quem diria
Que é moda de um dia,
Que é velho Don Juan?!

« Os annos que passam nos negros cabellos
Branqueam de neve

As c'roas que leve!
Dizei, anjos bellos
De negros cabellos,
Se é velho Don Juan!

« E quando no seio das tremulas bellas
De noite suspira
E nuta e delira ...
Que digão pois ellas
As tremulas bellas
Se é velho Don Juan!

« Que o diga a sultana, a violenta hespanhola,
A loira allemã
E a grega louçan...
Que o diga a hespanhola
Que a noite consola...
Se é velho Don Juan!

«
. »

VI

Era longa a canção... Cantou; e o vento
Nos cyprestes com elle esmorecia!
Pendeu a fronte, os labios
Emmudecerão... como caía o vento
Do tropico na podre calmaria...
Scismava Don Juan.

NA VARZEA

Como é bella a manhã! Como entre a nevoa
A cidade sombria ao sol clareia
E o manto dos pinheiros se avelluda...
E o orvalho gotteja dos coqueiros...
E dos valles o aroma acorda o passaro...
E o fogo corcel no campo aberto
Sorve d'alva o frescor, sacode as clinas,
Respira na amplidão, no orvalho rola,
Cobra em leito de folhas novo alento
E galopa nitrindo!

Agora que a manhã é fresca e branca

E o campo solitario e o val se arreja...
O' meu amigo, passeemos juntos
Na varzea que do rio as aguas negras
Humedecem fecundas...

O campo é só : na chacara florida
Dorme o homem do valle e no convento
Scintilla á medo a lampada da virgem,
Que pallidas vestaes no altar accendem !

Tudo acorda, meu Deus, n'estas campinas!
Os cantos do Senhor erguem-se em nuvens,
Como o perfume que evapora o leito
Do lyrio virginal !

Acorda, ó meu amigo : quando brilha
Em toda a natureza tanto encanto,
Tanta magia pelo céo fluctua
E chovem sobre os valles harmonias,
É descreer do Senhor dormir no tédio,
E' renegar das santas maravilhas
O ardente coração não expandir-se
E a alma não jubilar dentro do peito !

Lá onde mais suave, entre os coqueiros,
O vento da manhã nas casualinas

Cicia mais ardente suspirando,
Como de noite no pinhal sombrio
Aereo canto de não vista sombra,
Que enche o ar de tristeza e amor transpira...
Lá onde o rio mollemente chora
Nas campinas em flôr e rola triste...
Alveja, á sombra, habitação ditosa,
Corôa os frisos da janella verde
A trepadeira em flôr do jasmineiro
E pelo muro se avermelha a rosa.
Ali quando a manhã acorda a bella,
A bella, que eu sonhei nos meus amores...
Ao primeiro calor do sol d'aurora
Entorna-se da flôr o doce aroma,
Inda mais doce em matutino orvalho,
Nas tranças negras da donzella pal'ida,
Mais bella que o diamante se avelluda,
Camelia fresca, inda em botão, tingida
De neve e de coral... no seio d'ella
Não reluz o collar ...em negro fio
A curz da infancia melhor guarda o seio,
Que o amor virginal beija tremendo
E os ais do coração melhor perfuma...

Dormida
Vem co'migo, mancebo : aqui sentemo-nos...
Ella dorme : a janella inda cerrada

Se enche de rosas e jasmims, á noite...
E as flores virgens com o aberto seio
Um beijo da donzella ainda implorão.

.....

Mais doce o canto foge de mistura
Co'as doces notas do violão divino ! *divino*
Anjo da vida te verteu nos labios
O mel dos seraphins que a voz serena,
Que a transborda de encanto e de harmonia
E faz no echo pulsar meu peito !

Suspire o violão : nos seus lamentos
Murmura essa canção dos meus amores,
Que este peito sangrento lhe votára,
Quando a seus pés, accesa a phantasia,
Em doce engano derramei minh'alma !

Quando a briza seus ais melhor afina,
Quando a frauta no mar branda suspira, *oliva*
Com mais encanto as folhas do salgueiro
Debrução-se nas aguas solitarias
E deixão, gota á gota, o argenteo orvalho
Como prantos nas folhas deslizar-se.

Quando a voz do cantor perde-se, á noite,

Na margem da torrente, ou nas campinas,
Ou no umbroso jardim que flores cobrem...
Mais doce a noite pelo céu vaguêa,
Melhor florescem as nocturnas flores...
E o seio da mulher, que a noite embala,
Pulsa quente e febril com mais ternura!

Amor de mulher

Se o anjo de meus tímidos amores
Podesse ouvir-te os candidos suspiros,
Que a minha dôr de amante lhe revelão...
Se ella acordasse, nos cabellos soltos
Inda o semblante somnolento e pallido
E o seio semi-nú e os hombros niveos
E as tremulas mãos cobrindo o seio...
Se esta janella n'um instante abrisse
A fada da ventura, embora apenas
Um instante... sequer... Meus pobres sonhos,
Como saudosos vos murchais sedentos!
Flores do mar que um triste vagabundo
Arrancou de seu leito humedecido
E grosseiro apertou nas mãos ardentes,
Eu morro de saudade! e só me nutre
Inda nas tristes, desbotadas veias
O sangue do passado e da esperança!

O EDITOR

— A poesia transcripta é de Torquato,
D'esse pobre poeta enamorado
Pelos encantos de Leonora esquiva,
Copiei-a do proprio manuscripto ;
E, para prova da verdade pura
D'este prologo meu, basta que eu diga
Que a letra era um garrancho indecifrável,
Mistura de horrões e linhas tortas !
Trouxe-m'a do Archivo lá da lúá
E decifrou-m'a familiar demonio...

Demais... infelizmente é bem verdade
Que Tasso lastimou-se da penuria
De não ter um ceutil para a candeia.

Provo com isso que do mundo todo
O sol é este Deus indefinivel,
Ouro, prata, papel, ou mesmo cobre,
Mais santo do que os Papas — o dinheiro!

Byron no seu *Don Juan* votou-lhe cantos,
Filinto Elysio e Tolentino o sonho,
Foi o Deus de Bocage e d'Aretino,
— Aretino! essa incrível creatura
Livida, tenebrosa, impura e bella,
Sublime.. e sem pudor, onda de lodo
Em que do genio profanou-se a perola,
Vaso d'ouro que um oxydo terrivel
Envenenou de morte, alma - poeta
Que tudo profanou com as mãos immundas
E latio como um cão mordendo um seculo...

Aretino



Quem não ama o dinheiro? Não me engano
Se creio que Satan, á noite, veio

1) A. de Azeredo já disse isso muitas vezes
mas. Ele tem assim especies de reflexões
que che organizam o tedio creador.

Aos ouvidos de Adão adormecido,
Na sua hora primeira, murmurar-lhe
Essa palavra magica da vida,
Que vibra musical em todo o mundo.

Se houvesse o Deus— Vintem no Paraiso
Eva não se tentava pelas fructas,
Pela rubra maçan não se perdera :
Preferira de certo o louro amante
Que tine tão suave e é tão macio!

Se não faltasse o tempo a meus trabalhos,
Eu mostraria quanto o povo mente
Quando diz que —a poesia engeita e odeia
As moedinhas doiradas. É mentira!

Desde Homero (que até pedia cobre),
Virgilio, Horacio, Calderon, Racine,
Boileau e o fabuleiro Lafontaine
E tantos que melhor de certo fora
De poetas copiar algum catalogo,
Todos a mil e mil por elle vivem
E alguns chegarão a morrer por elle!
Eu só peço licença de fazer-vos
Uma simples pergunta : — na gaveta

Se Camões visse o brilho do dinheiro...
Malfilâtre, Gilbert, o altivo Chatterton
Se o tivessem nas rotas algibeiras,
Acaso blasphemando morrerião?

De admiravel simplesmente

OH! NÃO MALDIGÃO!

Oh! não maldigão o mancebo exausto
Que nas orgias gastou o peito insano...
Que foi ao lupanar pedir um leite,
Onde a sede febril lhe adormecesse!

Não podia dormir! nas longas noites
Pedi ao vicio os beijos de veneno...
E amou a saturnal, o vinho, o jogo
E a convulsão nos seios da perdida!

*Oh! A. de Aguedo diz: Orgia sempre seria
promissão do tempo?*

Miserrimo! não creu ... Não o maldigão,
Se uma sina fatal o arrebatava...
Se na torrente das paixões dormindo
Foi naufragar nas solidões do crime.

Oh! não maldigão o mancebo exausto
Que no vicio embalou, a rir, os sonhos,
Que lhe manchou as perfumadas tranças
Nos travesseiros da mulher sem brio!

Se elle poeta notou seus labios...
É que fervia um coração de fogo
E da materia a convulsão impura
A voz do coração emmudecia!

E quando p'la manhã da longa insomnia
Do leito profanado elle se erguia,
Sentindo a briza lhe beijar no rosto
E a febre arrefecer nos rouxos labios...

E o corpo adormecia e repousava
Na serenada relva da campina...
E as aves da manhã em torno d'elle
Os sonhos do poeta acalentavão...

Vinha um anjo de amor unil-o ao peito,
Vinha uma nuvem derramar-lhe a sombra..
E a alma que chorava a infamia d'elle
Seccava o pranto e suspirava ainda!

DINHEIRO

Oh argent! avec toi on est beau, jeune
adoré; on a considération, honneur, qua-
lité, vertu. Quand on n'a point d'argent
on est dans la dépendance de toutes choses
et de tout le monde.

CHATEAUBRIAND.

Sem elle não ha cova ! quem enterra
Assim gratis, *a Deo*? O baptizado
Tambem custa dinheiro. Quem namora
Sem pagar as pratinhas ao Mercurio?
Demais, as Danáes tambem o adorão..
Quem imprime seus versos, quem passeia,
Quem sobe a deputado, até ministro,

Quem é mesmo eleitor, embora sabio,
Embera genio, talentosa fronte,
Alma romana, se não tem dinheiro?
Fôra a canalha de vasios bolsos!
O mundo é para todos... Certamente
Assim o dice Deus, mas esse texto
Explica-se melhor e d'outro modo...
Houve um erro de imprensa no Evangelho :
O mundo é um festim, concordo n'isso,
Mas não entra ninguem sem ter as lours.

*Ver a poesia "Eleitor" tam-
bem sobre dinheiro.*

ADEUS, MEUS SONHOS!

Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!
Não levo da existencia uma saudade!
E tanta vida que meu peito enchia
Morreu na minha triste mocidade!

Miserrimo! votei meus pobres dias
Á sina douda de um amor sem fructo. .
E minh'alma na treva agora dorme
Como um olhar que a morte envolve em luto.

Que me resta, meu Deus?!... morra c'omigo
A estrella de meus candidos amores,
Já que não levo no meu peito morto
Um punhado sequer de murchas flores!

MINHA DESGRAÇA

Minha desgraça não é ser poeta,
Nem na terra de amor não ter um echo...
E, meu anjo de Deus, o meu planeta
Tratar-me como trata-se um boneco...

Não é andar de cotovelos rotos,
Ter duro como pedra o travesseiro...
Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido
Cujo sol (quem m'o dera!) é o dinheiro...

Minha desgraça, ó candida donzella,
O que faz que meu peito assim blasphema,
É ter por escrever todo um poema
E não ter um vintem para uma vela.

PAGINA ROTA

Et pourtant que le parfum d'un pur amour
est suave!

GEORGE SAND.

Meu pobre coração que estremecias,
Suspira a desmaiar no peito meu :
Para enchê-lo de amor, tu bem sabias
Bastava um beijo teu!

Como o valle nas brizas se acalenta,
O triste coração no amor dormia ;

Nota de George Sand sobre esta obra. É um poema de George Sand e um poema que se lê de George Sand, não me lembro mais, a parte de amor, mas cada.

Na saudade, na lua macilenta
Sequioso ar bebia!

Se nos sonhos da noite se embalava
Sem um gemido, sem um ai sequer,
E' que o leite da vida elle sonhava
N'um seio de mulher!

Se abrio tremendo os intimos refolhos,
Se junto de teu seio elle tremia,
E' que lia a ventura nos teus olhos
E que d'elles vivia!

Via o futuro em magicos espelhos,
Tua bella visã o enfeitiçava,
Sonhava adormecer nos teus joelhos...
Tanto enlevo sonhava!

Via nos sonhos d'elle a tua imagem
Que de beijos de amor o recendia...
E, de noite, nos halitos da aragem
Teu alento sentia!

O' pallida mulher! se negra sina
Meu berço abandonado me embalou,

Não te rias da sêde peregrina
D'est'alma que te amou...

Que sonhava em teus labios de ternura
Das noites do passado se esquecer...
Ter um leito suave de ventura....
E amor onde morrer!

INDICE

LYRA DOS VINTE ANNOS

Prefacios	3
A minha Mãe	7

PRIMEIRA PARTE

No mar	9
Sonhando	13
Scismar	17
Ai Jesus !	19
Anjinho	21
Anjos do mar	26
Tenho um seio que delira, etc	28
A cantiga do Sertanejo	31
Quando, á noite, no leito perfumado, etc	36
Opoeta	38
Fui um doudo em sonhar tantos amores, etc	42
Quando fallo contigo, no meu peito, etc	46
Na minha terra	50
Italia	56

A T.	61
Crepusculo do mar	64
Crepusculo nas montanhas	68
Desalento	73
Pallida innocencia	75
Soneto (Pallida á luz da lampada sombria)	77
<i>Anima mea</i>	78
A harmonia	84
Vida	88
C.	93
Epitaphio no tumulo de Silva Pereira Junior	96
O pastor moribundo	98
Tarde de verão	100
Tarde de outono	103
Cantiga	110
Saudades	113
Esperanças	117
Virgem morta	120
Hymnos do propheta	125
I. — Um canto do seculo	125
II. — Lagrimas de sangue	133
III. — A tempestade	140
Lembrança de morrer	144

SEGUNDA PARTE

Um cadaver de poeta	147
Idéas intimas	167
Bohemios	182
Spleen e charutos	220
I. — Solidão	220
II. — Meu anjo	222
III. — Vagabundo	223
IV. — A lagartixa	226

V. — Luar de verão	227
VI. — O poeta moribundo	228
É ella ! É ella !	231

TERCEIRA PARTE

Meu desejo	235
Soneto	237
Soneto	239
Por que mentias ?	241
Toda aquella mulher tem a pureza, etc	243
Amor	245
Phantasia	247
Lagrimas da vida	251
Soneto	254
Lembrança dos quinze annos	256
Meu sonho	260
O conego Filippe	262
Trindade	265
Soneto	267
Minha amante	269
Euthanasia	272
Despedidas	274
Terza rima	276
Pantheismo	277
Desanimo	281
O lenço d'ella	284
Relogios e beijos	286
Namoro a cavallo	238
Pallida imagem	291
Seio de virgem	294
Minha musa	297
Malva-maçã	300
Pensamentos d'ella :	303

Por mim ?	307
Lelia	309
Morena	312
12 de setembro	315
Sombra de D. Juan	322
Na varzea	332
O editor	337
Oh! não maldigão !	341
Dinheiro	344
Adeus, meus sonhos !	346
Minha desgraça	348
Página rota	350

FIM DO II TOMO